LADISLAU BATALHA

MEMORIAS
E
AVENTURAS

REMINISCENCIAS AUTOBIOGRÁFICAS

LISBOA
EDITORES — J. RODRIGUES & C.ª
186, Rua do Ouro, 188

1928

I

MEMORIAS E AVENTURAS

O autor, moço de bordo!

MEMORIAS
E
AVENTURAS

REMINISCENCIAS AUTOBIOGRÁFICAS

DE

LADISLAU BATALHA
PROFESSOR

LISBOA
EDITORES — J. RODRGUES & C.ª
186, Rua do Ouro, 188

1928

COMO INTROITO

Quando se lança em público um livro, seja este volumoso ou microscópico, interessante ou fastidioso, ha que dizer umas palavras prévias.

E' da praxe!

Ou seja o autor que as escreva ou outrem por ele, um prefácio é sempre de bom tom, e a este nem os meus setenta e dois janeiros me permitem eximir.

Depois de em tantas obras ter incomodado uns que já se finaram, como Miguel Bombarda, Consiglieri Pedroso e Teófilo Braga, e outros que ainda perduram como Alfredo da Cunha e Agostinho Fortes, falta-nos a coragem para, em tempos tão utilitários como estes que vão correndo, convidar novos elementos a colaborar gratuitamente.

Seja o proprio autor quem, pela primeira vez na sua já longa vida, diga de si mesmo duas escassas frases com que se dê satisfação ás convenções e não se transgridam os preceitos que a pragmática dos livros impõe.

E tenho de ser rápido, que a vertigem da velocidade, depois de ter dominado as vias terrestres, marítimas e aéreas, invadiu o espirito dos livros, que tem de ser volatil, conciso, rápido e concreto, sob pena de ninguem os ler.

Bem podia eu usar, como é tão frequente em publicações contemporâneas, escrever pouco, dizer menos, encher as páginas de branco e deixar aos leitores a ingrata missão de adivinhar o que lá não se diz.

Tambem me seria facil explicar quem sou, o que afinal toda a gente que me conhece muito bem sabe e aos extranhos que me lêem nada importa.

Bem poderia informar onde nasci e que idade tenho, o que em verdade a ninguem interessa e a mim próprio muito menos.

Que pretendem os que procuram este livro, atraídos muito mais pela sugestão do titulo do que pela fascinação do nome?

— Conhecer pormenores de viagem, distrair-se com a invocação de anedotas de sabôr histórico.

Eis o livro!

Que pretende o autor com obra tão ligeira, tão vaporosa, tão diversa da sua índole, dos seus intuitos sociológicos durante uma vida inteira?

— Não só entreter e proporcionar alguns fugiti-

vos instantes de distração a quem nos ler, mas tambem insuflar como ensinamento á mocidade descuidosa o exemplo de quanto pode a energia e a coragem para, atravez das agruras e contrariedades de uma vida inteira, debelar os maiores perigos e vencer os maiores obstáculos.

Eis o objectivo!

E com este dá por concluido o seu introito

O AUTOR

I PARTE

OS PRIMEIROS PASSOS

I

À mercê das Eventualidades

Não fôra tanto a necessidade que me impelira para o mar; talvez antes uma ancestralidade muito acentuada.

Espírito combativo e irrequieto, cedo, muito cedo principiara a revoltar-me contra o meio que me proporcionava relativos confortos ao lado de tanta miseria a deparar-se-nos em volta.

Demais, sedento de aprender e de saber, eu luctava com o conservantismo paterno que me queria... caixeiro de escritório!

Isto foi ahi por 1876 — já lá vai um bom meio século.

Pelas orelhas mais de uma vez fui levado até á porta de Wigham & Laver, escritório de Cognacs e Whiskeys, onde meu pae gostosamente me empregara, á esquina da Rua do Alecrim e da antiga Rua do Ferregial de Baixo cujo nome não sei se já sofreu crisma, nesta febre municipal de apagar todos os vestigios do passado.

D'ali, muito amiúde e em fugitiva me safava para a Biblioteca Nacional que ficava próxima, onde simultâneamente lia e relia as viagens autênticas de Livingston e Burton, e as fantásticas de Jules Verne e Meyne Reid.

E nesta lucta travada entre o comercio e as letras, tão pezado eu era a meus pais como eles o eram a mim próprio.

Cada vez mais me acicatava a ância de saber..., a necessidade de ver..., de estudar no livro aberto da Naturesa que eu tanto anciava por surpreender nas infinitas vastidões do Oceano ou nos emaranhados meandros de florestas virgens das terras até então nunca trilhadas de pés humanos.

Conservo o rascunho já quasi apodrecido de uma carta enviada a meu pai, para mim então quasi inacessivel, embora o mesmo tecto nos cobrisse.

Nela transparece um espírito de rebeldia nato que explica a facilidade com que arrostei perigos, sofri maus tratos, resisti e triunfei. Está nisto o seu interesse, a despeito da infantilidade da linguagem e até mesmo dos conceitos.

Respigùemos alguns dos mais curtos trechos dessa velha e curiosa missiva:

«Aos doze anos traquina, aos quatorze selvático com tendencias a aventureiro, aos dezeseis... aspirante a literato, aos dezoito... político, e aos vinte... é a idade em que a criança sai homem; é a formatura da virilidade.»

Após uns ligeiros e insípidos comentários lia-se:

«Joguei e embriaguei-me, é certo, mas só por espírito de práticamente estudar e sentir os costumes. Jogando e bebendo nos momentos em que me parecia oportuno aos meus objectivos, nunca me propuz ser bêbedo nem jogador: só quiz compenetrar me experimentalmente do que era e quanto valia o jogo e o vinho. Fumando nunca me enviciei, só me distrahi.»

Da missiva transparecia uma revolta inata contra as deficiencias do meio ambiente e uma inabalavel deliberação de me ausentar de Portugal para longe... Muito longe! este era o ideal; quanto mais longe mais seria satisfeito o meu anceio.

Aceite o alvitre e determinado por meu pai o porto de destino, ao fim de bons trinta dias de preparativos, o vapor *La Plata* que de Lisboa levantara ferro em 5 de Junho de 1876, feitas as visitas da escala por S. Vicente de Cabo Verde e Cabo Palmas, largou-me na Ilha de S. Tomé, onde me foi dado pôr pé em terra, munido de um bahú de roupa, vinte libras em ouro e umas recomendações em cartas ao Governador Geral da Provincia, ao major Brunachy, então Governador ou Director da sucursal do Banco Nacional Ultramarino com Tobin, e ainda pedidos de protecção a varios roceiros e comerciantes.

Deviam meus bons pais sentir-se rejubilar de

contentes pela excelencia das cartas que me tinham conseguido.

Cartas valiosas deveras! empenhos formidaveis, como convém e é da praxe em terras de Portugal, para quem não mais aspire do que a obter colocação como caixeiro de armazem ou candidato a roceiro pelo tirocinio de feitor de pretos...

Belo prospecto seria o meu para aqueles que, como sucede com grande número dos nossos colonos, se arremessam ao largo até paragens longínquas de além, na mira exclusiva de interesses materiais, acaso mercenários, sem o menor escrúpulo dos meios e métodos a empregar para subir ás culminancias de uma posição social, onde só com embaraço se mantéem na carreira ignobil das subserviencias e do servilismo!

Com que sofreguidão outros, em situações idênticas á minha se aproveitariam das influencias e protecções á vista, para dissimuladamente grangearem uns confortaveis contitos de reis da moeda de então, manchados mesmo que fossem, contanto que mais para deante viessem a preparar um regresso aos patrios lares a polir passeios ou a lustrar os bancos dos jardins!

Outros e bem diversos eram, porém, os ideais que me esvoaçavam por dentro da caixa dos miolos...

Vinte libras, todo o meu pecúlio, constituiam ha cincoenta anos um bom prato de resistencia...

E fui me despreocupado a ver a São Tomé de então que em nada se parecia com a moderna Ilha

já iluminada por aqui e por ali a luz elétrica e replecta de melhoramentos com que até o clima tem beneficiado.

Os novos aspectos geraes de mar e terra no equador deslumbraram-me.

Senti-me em extasis de prazer e surpresa ao contemplar pela primeira vez na vida a tez escura dos habitantes, os seus costumes para mim desusados, o estranho das paisagens, a diversidade da flora, o esquisito dos frutos e tambem aquele para mim incompreensivel creoulo que antes de seis mezes cheguei a falar fluentemente...

E o tempo deslisar-me-ia suave e aprazivel, se não fôra a materialidade inadiavel de prover às necessidades mais urgentes da vida quotidiana.

Procurei o major Brunachy.

Optimamente recebido como mais tarde acontecera ao Grande Elias da cançoneta, e tambem optimamente atendido como ele desejaria que lhe tivesse sucedido e sucederia com certêsa se lhe tivesse sido dado apresentar... cartas de empenho!

Ordenado um aposento nos *musceques* para dormida e depois de me informar da hora das refeições do pessoal do Banco, retirei-me grato pelo bom acolhimento que as recomendações, e só elas, me grangearam, e pela boa vontade de Tobin e Brunachy para me obterem colocação n'alguma loja ou em roça de fazendeiro amigo...

E os nomes de Agua Izé, Monte Café, Rio do Ouro e outras roças notaveis, reboaram-me em redor dos ouvidos como esperança auspiciosa!...

Bem soubera o finado mestre Teófilo Braga avaliar o que já n'aquele tempo nos ia no ânimo, quando ao ocupar-se de nós, por uma deferencia que certamente não lhe mereciamos, entre outras cousas escreveu:

— «Conheci-o quando ele tinha vinte anos, em 1876, quando, deixando a casa paterna, partiu para Africa, fiado nos recursos da sua audácia; esteve em S. Tomé e em Loanda, trabalhou com o naturalista Anchieta e visitou Pretoria.»

....

...... é espirito orientado pelas longas viagens que desde 1876 até hoje (1904) tem realisado ao serviço de um pensamento scientifico. Tem muito do typo a que hoje se dá o nome de *globe-troter*, mas o genio da aventura longínqua que tanto caracterisa a fibra portugueza, é suscitado pela ância de saber. E' d'essa raça que deu ao século XVI o extraordinario auctor das *Peregrinações,* o corajoso Fernão Mendes Pinto.» [1]

O impulsivismo intelectual do erudito mestre fazia-o ver quem estas «memorias» reconstitue, talvez atravez da simpatia, acaso n'um assomo de gratidão desnecessaria, ao relembrar o entusiasmo com que, desde os seus primeiros anos de vida literaria, ainda desconhecida, ajudavamos a fazer-

---

[1] Prefacio de Teófilo Braga, na obra — *O Japão por dentro* — pelo auctor.

lhe a bem merecida reputação em continuados e repetidos artiguelhos e folhetins que então n'uma febre de publicidade dávamos à estampa em folhas diarias e semanais da capital e das províncias.

Se foi o prisma da gratidão que levara o mestre a engrandecer-me, mal julgou de quem só teve a intuïção prévia do alto logar que o futuro marcaria ao ainda então ignorado erudito que, ao sahir da Universidade, quasi ninguem ainda conhecia, nem sequer de nome...

Tanta era a esse tempo a obscuridade d'aquele futuro exemplar de saber e de trabalho, que a posteridade ingrata, acaso inconsciente, parece tambem esquecer, concedendo-lhe apenas um busto entre tilias e acacias no Jardim da Estrela para contemplação de soldados e sopeiras apaixonadas...

Com a nossa juvenil insignificancia prestáramos apenas o preito a que nos parecia ter incontestavel jus pelos méritos que antecipadamente advinháramos no que depois veiu a fundar os alicerces sólidos da historia da Literatura Portugueza.

Dada a crueldade habitual das críticas de Teófilo, mal sabemos interpretar o que, com a pujança de toda a sua autoridade de mestre erudito, ele pretendeu expressar nas palavras que nos consagrou.

Exageradas nos parecem elas, e são-no com certêsa. Feitas, contudo, as necessarias reduções para que possam as paixões descer até ao terreno mais sólido das realidades, ainda resta quanto baste

para evidenciar que mais em São Tomé me preocuparia o lápis e o papel de apontamentos e impressões do que o cuidado das lojas ou das roças acenadas pelo bem intencionado major Brunachy, como termo último das mais vulgares aspirações do egoismo humano...

II

Um feliz ensejo

Nas prometidas roças não se deparavam logares de escriturario ou feitor, nem nos estabelecimentos da cidade era facil obter ensejo de vendilhar ao balcão chitas ou fios de missanga e medir os copos de aguardente da Jamaica, com que então ainda era uso brutificar os pretos.

— As cousas, pensava eu, estão por toda a parte muito más, principalmente para os que pretendem.

Sim! que para os que nada pretendem, porque nada lhes falta, elas estão sempre bôas; muito bôas, d'onde, já com a filosofia não menos simplista do que leviana, não me fôra dificil concluir que em matéria económica o bem e o mal concorrem numa simultaneidade permanente em função da maior ou menor dependencia ou independencia dos que consideram e apreciam uma qualquer situação dentro da qual se encontrem.

E enquanto assim filosofava, iam-se-me as libras reduzindo de vinte para dez, de dez para cinco, ameaçando chegarem ao nada irremediavel, graças

à febre que me devorava de comprar macetes de missanga, modêlos diversos de cachimbos indígenas, pedras e tranças de tabaco, esteiras da industria nativa e mais uma inesgotavel infinidade de minudencias com que me propunha criar... um museu!

Curioso deslumbramento que às vezes desponta aos vinte anos em certos temperamentos despreocupados do futuro e replectos de aspirações e de saúde!

A possibilidade de ver-me condenado à vida parasitaria dos inuteis por falta de meios pecuniarios e de profissão rendosa não me preocupava menos nem mais do que a perspectiva banal de vir a tornar-me de um instante a outro um feitor de roça ou caixeiro de cachaça...

Assim comprimido entre o idealismo das aspirações inviaveis e o materialismo da existencia necessaria, cumpria proceder com prestêsa, deliberar com energia.

E fui-me até ao Palacio do Governador da Provincia, não longe do Banco.

Facilmente o reconheci, não tanto pelo arrojo da arquitectura nem pela impetuosidade do edificio que afinal tinha muito de monótono, como porque ao portão passeava de lado a lado uma sentinela pachorrenta pertencente á então chamada — guerra preta.

A desabotoada fardeta assentava-lhe sobre as carnes negras de azeviche e as calçotas curtas em xadrez de colchões acumulavam a função de ceroulas.

Descalço e com a baioneta calada na ponta de

um pau que trazia ao ombro a modos de espingarda, facilmente me permitiu reconhecer que ele fazia quarto á porta do palacio.

Penetrei. Fiz-me anunciar enviando por uma ordenança de serviço a carta de que eu era portador.

Prontamente admitido.

Estanislau Xavier de Assumpção e Almeida aparentava ser pessoa de meia idade. Um tanto nutrido; não eram rápidos os seus movimentos e tanto a inteligencia como os sentidos ressentiam-se um pouco de abundancia de sebáceas que se lhe acumulavam em pregas no cachaço, já a interessarem um pouco a região do cerebrelo.

Pouco dado a pensar e ainda menos a reflectir maduramente, revelava contudo primorosas aptidões para resolver e deliberar.

Leu a carta. Releu-a com maior atenção, dando-se ares de quem revoluteava ideias várias e confusas no cérebro.

Como quem procura com empenho solucionar um problema, ia resmoneando:

— Hum!... Sim, uma colocação!... Dianho!... isto agora é que é uma d'estucha...

— Que saïrá d'ali? perguntávamos nós a nós mesmo, com uma relativa frieza que nada se parecia com anciedade.

De repente, como se repercutisse a psicose de um grande pensamento, fita-me e pergunta, na aspiração de quem desejava uma resposta afirmativa que lhe permitisse a libertação de dificuldades:

— O senhor sabe francês?

— De certo! respondi.

Deu ares de satisfeito.

— E inglês?

— Tambem.

— Fala-o?

— Sim, senhor Governador, e de preferencia.

Mais satisfeito se mostrou.

— E alemão?! ainda insistiu.

— Não me oferece maiores dificuldades.

A satisfação atingiu o auge. Num extase de alegria vibrou um timbre.

A alguem que entrou, fardado e bem posto, disse em termos concisos, não menos simples do que sérios:

— Apresento-lhe, meu querido ajudante, o senhor Ladislau Estevam da Silva Batalha. Queira acredita-lo como intérprete do Palacio, mandando lavrar a respectiva Portaria.

— Não ha verba.

— Inventa-se! contestou o Governador. Se não sahir do Estado sahirá de mim, contanto que fique empregado.

Deteve-se por instantes.

— Demais, acrescentou com aparente circunspeção, eu preciso de quem se intenda com quem me procura. Providenceie de cama e mesa e que fique ás ordens com... dezoito mil reis mensais.

— Perdão! balbuciei, grato mas um pouco hesitante e contrariado. Eu não continúo a ficar no *musceque* do Banco Ultramarino, mas já aluguei uma outra casa aqui bem perto...

— Onde?

Desta vez senti-me deveras embaraçado, pois tinha de dar a uma inocente mentira de rapaz as verosimilhanças da verdade.

— E' ali mais em baixo... Ainda sou por aqui muito novo e estranho... Desconheço o nome dos sitios...

— Bem! replicou o Governador com benevolencia. Vá saber o logar da sua residencia, contanto que seja perto... Depois comunique para no Palacio se ficar sabendo...

— Vou cumprir as suas ordens, foi a resposta, e não sei como agradecer.

— E' quanto por agora posso fazer-lhe. Não ha vagas, não ha nada. Mas enfim... arranjei isto e veiu muito a propósito. Os navios de guerra estrangeiros salvam á terra e amiúde me procuram em visita... E' um embaraço percebê-los... Francês ainda se arranha quando eles falam que se entenda... Outros, porém...

Agradeci novamente.

— Seja, pois, cuidadoso e assíduo! continuou ele. Sobretudo assíduo. Uma ordenança irá chamá-lo a sua casa quando tivermos visitas oficiais. Não se faça esperar e traga vestuário adequado. Se não tem sobrecasaca ou fraque, calça e colete preto, mandarei abonar-lhos com desconto nos seus honorarios.

— Cada vez mais reconhecido a V.ª Ex.ª. Meus pais proveram-me de vestuario, como se antevissem a carreira... diplomática que me aguardava!

Feitas as respeitosas mesuras do estilo, retirei-me a remoer ideias, pensamentos, planos e devaneios que me afluiam ao cérebro incandescente de projectos risonhos e compensadores, acaso tambem impraticaveis.

Agora surgia-me a dificuldade de moradia. A mocidade irrequieta prefere a vida livre em residencia independente, aos confortos da familia que obrigam a certos convencionalismos incompativeis com as exuberancias da paixão aos vinte anos.

Vagueei por aqui e por ali, até que, a curta distancia, se me deparou um riacho onde numerosas pretas lavavam e batiam roupa branca, enquanto os filhinhos nús chapinhavam na agua.

N'aquele terreno alagadiço, apenas transitavel por certos carreiros de pé posto, divisei uma casinha de *peralto* ou *melela*, como tambem ouvimos chamar áquele taboado, proveniente da freguezia dos Angolares a sueste da Ilha entre a angra de S. João e a Praia Micondó.

Assentava sobre uns postes de pau enterrados no chão. A serventia era por uns toscos degraus de madeira fóra do pavimento.

Subi e apreciei. Sobrado, tecto, paredes de taboas sobrepostas que serviam de face interna e externa, e uma única divisoria a separar dois compartimentos.

Como esta bela perspectiva me sorria!

Assomando á única janela que nem caixilhos de vidraça possuia, um pouco debruçado, verifiquei que por baixo do andar havia água e terras alagadiças

por onde se podia passar, saltitando de pedra em pedra. Mais adeante deslisava uma fita líquida a serpear em zig-zag.

As mães, desembaraçadas dos seus tenros pimpôlhos que ás vezes trazem ligados ás costas com faixas e chales, consoante o estilo africano, batiam a roupa com um pau, ao mesmo tempo que as filhas, ainda virgens, bordavam o «crochet» das camisetas ou distrahiam-se com os irmãosinhos.

Agradava-me o sitio, a habitação e o ambiente. Instalei-me. O logar chamava-se — Agua Sanzanú.

A's primeiras impressões senti-me transportado mentalmente ás idades lacustres das quais aquilo seria acaso uma derradeira reminiscencia ancestral.

Não se trataria ali certamente de evitar a investida de feras, porque em São Tomé não as ha, mas evitavam-se com aquela regressão à arquitectura primitiva as cheias durante o periodo da «gravana», quando as chuvas mais apertam torrenciais.

Ainda bem não acabara de fechar o negocio, já se me antolhava como nova dificuldade a vencer, o problema do mobiliario, cousa sempre complicadissima quando não se dispõe de dinheiro nem de crédito.

Por não me embaraçar com cousas minimas, recorri a uma esteira. Com alguns escassos tostões adquiri um pote para agua bem como a competente e muito caracteristica casca de côco, vasia, já convenientemente encabada a servir de púcaro, um caixote a servir de cadeira e pouco mais além da escassa bagagem... uma pequena mala ou bahú!

Sobreveiu a noite e recolhi ao novo lar, munido de fósforos, vela e uma garrafa vasia destinada a castiçal.

Noite serena e bela, como diria o poeta. Iluminação nula, silencio absoluto, escuridão profunda!

O deserto na cidade! a solidão no povoado!

Acarinhava-me o grato espectáculo da Via Láctea a aclarear de entre as trevas da abóbada celeste cujo negrume só a scintilação de alguma estrela mais viva conseguia dissipar.

E assim eu ia poetisando na rigidez do meu prosaismo.

A primeira noite, velara-a na observação e contemplação. A segunda, dediquei-a a reflectir no que vira de véspera. A' terceira e seguintes já adormeci cedo e muito bem até ao romper da madrugada em que o gorgeio dos passarinhos na ramagem, não menos do que o vozear das alegres lavadeiras que vinham para o seu mistér, coincidindo com o alvorecer da manhã, me despertava, me trazia da região dos sonhos á realidade prática das cousas terrenas.

Horas e horas passei á minha única janela, e assim fui adaptando-me ao novo meio.

Tambem a familiaridade é necessaria. D'ali mesmo já gracejava com algumas das mais lindas creoulas que muito encanto achavam ao meu tagarelar quasi sempre mal compreendido.

Aos vinte anos!... Algumas eram tão belas, tão garbosas do seu porte, tão vaidosas dos seus penteados caprichosos, tão soberbas com os seus

colares de contas de oiro, com as suas alvissimas camisas bordadas a branco e muito abertas, logo acima da cintura cingidas pelos panos da costa, riquissimos às vezes, em que se envolviam, deixando-os pender até abaixo onde só lhes apareciam os pésinhos negros, descalços, mimosos e sempre caprichosamente lavados!

Noutras andavam os pulsos e tornezelos adornados de anilhas metálicas que mais lhes acrescentavam os encantos.

No decurso de muitas semanas que por ali me demorei, confesso que nem sempre a austeridade dos meus principios conseguira triunfar das tentações maldosas que a situação, o local, o clima e o meio ambiente suscitavam.

N'esta altura da narrativa não nos escasseia a memoria, mas impõe-nos o decoro que passemos por alto e porventura em silencio absoluto vários e interessantes pormenores da historia descuidosa dos verdes anos entre campinas e bosques povoados de ninfas e sílfides qne nem por serem negras eram menos fascinadoras e acaso provocantes...

Pelo que perfeitamente se deduz que a filosofia, por mais profunda e nebulosa que se apresente, nunca é incompatível com o amor mais inocente...

III

Um conflito diplomático

De quando em quando vinha a ordenança do Palacio chamar-me a serviço. Era visita estranha em que eu tinha de servir de intérprete.

Tudo se reduzia habitualmente a uma simples permuta de frases banais a poder de lisongeiras.

Com facilidade as vertia do estrangeiro a português e vicè-versa por já ir estando muito «trenado», como agora é do bom tom dizer em galicismo desportivo. .

A vaidade apoderara-se então de mim. Principiei a sentir-me senhor do meu nariz no papel diplomático que a mim proprio atribuía, sem reparar que nem nomeação oficial tivera e que eu recebia do cofre particular de Sua Excelencia.

Nesta febrícula de grandêsa de que transitoriamente me apoderara, cheguei a convencer-me de que os destinos do mundo, no meu leviano intender, dependiam um pouco da minha acção naquele recanto da Terra!

Altos potentados julgava eu ver submetidos,

meus subalternos, pendentes da interpretação que eu desse, nem sempre rigorosamente fiel, sem a qual me sentia convencido que tudo ficaria confuso, incompreensivel...

Oh! a vaidade humana! Ai dos que d'ela abusam, irresponsaveis dos males que a si proprios ou aos outros em todas as circunstancias causam.

Posto que tivesse tomado muito a sério o papel que a realidade dos factos me destribuíra, nem assim me foi dado evitar que uma frívola vaidade me capacitasse de que eu, embora transitoriamente, fôra uma vez senhor dos destinos da Historia e árbitro da paz do mundo!¡

Nos loucos devaneios da inesperiente mocidade, ainda por instantes cheguei a convencer-me de que a minha insignificancia a todos os respeitos subalterna, era importantissima.

Fôra o caso que, a horas excessivamente matutinas, umas palmadas secas, rijas e frenèticamente repetidas no taboado da minha nova Tebaïda, ecoaram por todo o pavimento que fez as vezes de caixa sonora, vindo despertar-me do profundo sôno em que me deixara absorver nos braços de uma Margarida escura, mas jovem e interessantissima, que talvez propositadamente se deixava ficar a enxotar-me os mosquitos depois de terminados os ligeiros arranjos domésticos...

Com as pancadas repercutidas por toda a casa quasi vasia de mobiliario, deveras me sobressaltei.

Não me ocorrera a hipótese de revoluções, porque ainda por lá não estavam em moda. Logo an-

tevi, porém, que alguma cousa de anormal estaria ocorrendo.

— Que é lá isso? perguntei em sobressalto.

— *Sum Guvelnadô* (1) — responderam-me de fóra — manda chamar a toda a pressa.

Ergui-me num repente e enfiei as roupas brancas.

Assim mesmo assomei á porta, cheio de curiosidade.

Era a ordenança preta, esbaforida de tanto correr.

Instada explicou que uma canhoneira inglêsa fundeara no porto quasi de noite; que mal rompera a mais alta madrugada, fôra avistado um escalér a remar para a praia com bandeira desfraldada e em som de guerra, conduzindo alguem de chapeu bicorne guarnecido de arminhos, grandes charlateiras franjadas de ouro, peito constelado de fitas e medalhas, galões largos, calça listrada e espadim reluzente.

Posto o pé em terra, fazendo-se acompanhar de ordenanças armadas, dirigira-se ao Palacio.

Acrescentou o preto que o senhor Governador fôra surpreendido ainda na cama, quando em alvorôto se lhe anunciara tão inesperada visita.

Mais não quiz ouvir. Antevendo a grande missão diplomática que fantasiei estar-me reservada, enverguei a sobrecasacaria dos momentos solénes e não tardou que comparecesse em Palacio.

---

(1) *O senhor Governador*, em creoulo de S. Tomé.

Penetrei num gabinete ou ante-câmara onde préviamente costumava receber instruções.

Já lá encontrei em grande uniforme o senhor Governador que, evidentemente arreliado, explicou em frases curtas, simples, entrecortadas de tédio e ironia:

— Um burro d'um inglês... Nem dorme nem deixa dormirem os outros... Que quererá?... Boa cousa não deve ser... Vejamos.

Empertigou-se, ou melhor, empertigámo-nos para impremir a maior solenidade ao que quer que fosse que iria passar-se.

Sua Excelencia penetrou na sala de recepção e eu fui seguindo um pouco atraz á distancia que a pragmática impunha.

O Comandante inglês levantou-se, respeitoso mas severo. Feitos os cumprimentos do estilo, sentou-se numa cadeira estofada e o Governador tomou logar num sofá fronteiro.

Na minha qualidade de intérprete, marquei posição intermediária, deixando-me ficar de pé e um pouco à retaguarda.

Perguntado ao Comandante inglês a que deveria atribuir-se a honra de uma visita tão matutina, logo ele explicou em frases concisas que eu quasi simultâneamente ia traduzindo:

— Sou o Comandante da canhoneira *Danae*, navio de Sua Magestade Britânica.

O senhor Governador fez uma mesura de respeito e eu na minha insignificancia fiz outra, só por não querer ficar para traz.

— Surgi neste porto, continuou o Comandante, dando-se grandes ares, e logo de madrugada salvei à terra com vinte e um tiros que me foram retribuidos apenas com dezesete... Desejo saber como devo interpretar tão insólito procedimento?

O Governador, n'um bocejo de enfado resmoneou á boca pequena como em monólogo que ninguem mais tivesse de ouvir:

— Não os contei, nem sequer dei por eles... A essa hora dormia a sôno solto!

Depois, em voz alta para que eu transmitisse:

— Queira certificar a Sua Excelencia que sinto profundamente o que se passa. A Fortalesa fica perto, e vou imediatamente mandar saber o que motivou tal ocorrencia.

Assim dizendo tocou o timbre e encarregou uma ordenança de correr a informar-se.

Resmungando aprestou-se o Comandante para aguardar a justificação que não se fez esperar muito.

Um oficial de serviço penetrou d'ali a pouco na sala:

— Vossa Excelencia dá licença?

— Entre e diga.

Após uma mesura de respeito, deteve-se e perfilou-se, explicando:

— Saberá Vossa Excelencia que o Forte respondeu à salva até onde a pólvora chegou. Procurou-se por toda a parte o sargento de serviço a quem a chave do paiol estava confiada. Não foi possivel encontra-lo; tinha-se ausentado e andava na bebedeira...

— Não digas mais! extranhou o Governador de São Tomé e Principe.

Visivelmente aborrecido e contrariado, Estanislau Xavier de Assunção e Almeida fitou-me com visivel enleio e ordenou-me em termos de quem se sentia pouco senhor de si:

— Explique a Sua Excelencia o senhor Comandante isto mesmo, suavisando quanto possivel a triste realidade.

Assim fiz, desenvolvendo todas as argúcias e subtilêsas de um diplomata que nunca o tinha sido.

O Comandante escutou impassivel, sem pestanejar. Na minha versão eu substituira a bebedeira por um ligeiro incómodo de saúde. Procurei disfarçar o imperdoavel procedimento do sargento, classificando-o mais modestamente como simples e muito natural ausencia em serviço urgente,

Ao notar a fisionomia imperturbavel e álgida do Inglês. ainda me ocorreu oferecer-lhe respeitosamente os quatro tiros qne faltava dar-lhe para completar a salva interrompida.

Tanto, porém, não ousei. Compreendi a solenidade do momento.

Durante longos segundos de espectatíva e anciedade fizera-se um silencio aparentemente de mau augúrio, interrompido por um mal contido assomo de cólera.

— Uf!... bolsou o Comandante, levantando-se intempestivamente. *God damn!... Jesus Chr...*

A esta ordinária praga, mal e quasi grosseira-

mente articulada, pergunta-me o Governador em voz baixinha:

— O que é que ele diz?

— Que sente muito o ocorrido! disfarcei eu.

— Raios o partam!

N'esta altura inquire-me o Inglês, tambem devagarinho:

— *What is he saying?* que está ele a dizer?

— Que... que lamenta deveras o facto e apresenta as suas desculpas.

E com estas bem dissimuladas frases julguei ter posto termo a um conflito diplomático que os tenros anos me fizeram supôr iminente!

Depois... mais nada! Numa mesura correcta, embora pouco afectuosa, o Comandante retirou-se e o Governador recolheu ao gabinete contiguo, um pouco cabisbaixo, não menos vexado do que eu, conquanto a minha periclitante diplomacia tivesse d'esta vez evitado um rompimento de relações, uma possivel... conflagração.

Oh! a vaidade! a vaidade! e tambem a eterna dissolução dos nossos costumes!...

IV

Funcionário público

Dera-se uma vaga de terceiro na Curadoria Geral dos individuos sujeitos á Tutela Pública em São Tomé, designação imensa para significar a questão aparentemente mínima da regulamentação e fiscalisação do trabalho dos indígenas e redação dos respectivos contratos.

Embora apenas Terceiro Oficial, o último da escala hierárquica do oficialato civil, em nada o facto me impediu de compreender que todo o rigor contido na lei de 29 de Abril de 1875, então reguladora do assunto, era dulcificado pela influencia malévola dos grandes roceiros.

A esta conclusão fui conduzido ao notar que os serviçais contratados continuavam inconscientemente a ser o ludíbrio dos altos potentados da Ilha.

Era o doutor Curador de então dotado de um sentimento intimo de justiça, apenas pouco resistente, graças a uma involuntaria pusilanimidade de ânimo e ao espírito inveterado de convencionalismo.

Bem procurava Sua Excelencia subtrair-me e

subtrair-se às influencias ambientes que rarissimas vezes conseguia dominar e submeter.

Dentro de certos períodos que a lei marcava, era uso enviar em serviço de correcção ás roças do interior da Ilha um dos Oficiais, quasi sempre o Primeiro, que já parecia encarregado efectivo d'essa comissão, em lugar do doutor Curador que ingènuamente preferia delegar, já que a lei lhe concedia essa faculdade.

O fim d'estas correcções de intuito em verdade deveras altruista, era verificar se por parte dos fazendeiros os contratos de trabalho se cumpriam fielmente, muito em especial sob o ponto de vista da higiene, aceio, alimentação e suavidade dos castigos aplicados.

E' certo que o não cumprimento das prescrições da lei determinava o rompimento dos contratos e impunha aos patrões a obrigação formal de todas as despêsas de repatriamento aos colonos rescindidos, que então eram do Acrá, do Gabão, de Cabinda, da Mina, da Libéria, de Benguela e de muitas outras partes da Costa Africana.

Como se vê, as medidas legais ofereciam todas as caracteristicas de boas e bem intencionadas, o que em nada impedia que não surtissem os resultados benéficos previstos pelo legislador.

E porquê ?

Continuamos a ignorar. Só notáramos que os oficiais que sahiam em correcção, em geral nos seus Relatorios daclaravam tudo em boa ordem e ao regresso vinham muito contentes e satisfeitos,

apesar de moídos da jornada, umas vezes quasi sufocados com a poeira dos caminhos e outras encharcados de chuva e a tiritar.

Nem um comentario fiz por mais que tantas anomalias me impressionassem e o irrequietismo dos tenros anos me impelisse.

Limitara as normas do meu proceder á resolução única de bem servir o Estado, como cumpria.

Por boa fortuna conseguira insinuar-me um pouco no ânimo do meu Superior que já ia confiando-me alguns serviços, tais que nem ao Primeiro e muito menos ao Segundo Oficial quereria confiar.

A qualidade de superior e inferior, ao contacto da nossa familiaridade já bastante intensa, embora sempre respeitosa, ia sendo substituida por normas mais egualitarias que toleravam que ás vezes sahissemos juntos, discutissemos até mesmo acaloradamente, despontando assim mal disfarçada inveja dos colegas que ocupavam logares entre mim e o Chefe.

Devido talvez a estas circunstancias, se não à impossibilidade fisica do Primeiro Oficial e à ausencia do Segundo no goso de uma licença, fui encarregado de seguir em correcção ás roças.

Segunda vez na minha ainda então bem curta vida senti a áspide da vaidade a morder-me no egoismo.

O protocolo de Correcção às Roças elevara-me à categoria de Ditador, embora provisorio, pondo-me às ordens oito espadaúdos carregadores de tipoia ou rêde e uma escolta de sargento, confe-

rindo-me mais a faculdade de referendar ou rescindir os contratos que me parecessem viciados na fórma ou no seu modo de execução.

Ao homem é habitualmente grato o autoritarismo, enquanto não sucede ter de sofrer-lhe as agruras ou não consegue, quando pode, elevar-se ás concepções mais altas da sociocracia com todo o seu vasto cortejo egualitario de aspirações generosas de que as classes constituidas tanto se arreceiam.

Na situação hesitante dos primeiros passos em que a sinceridade e a inesperiencia me traziam, nomeada a escolta e designado o itinerario, recostei-me o mais cómodamente possivel n'uma tipoia ou rede enfiada pelos estremos n'um valente pau que dois pares de carregadores negros suspenderam nos ombros.

A comitiva acompanhou-me. Sentia-me levado atravez do capim n'uma veloz carreira amenisada por uns canticos indigenas a que todos os pretos unânimemente faziam acompanhamento e côro.

Que me lembre, só o sargento era portador de calçado e espingarda. As praças, se não todas, pelo menos algumas, levavam a farda sobre a pele e a baioneta enfiada na ponta de um pau!

Tudo isto parece um sonho, visto que a realidade actual difere do passado, para melhor, como o dia difére da noite.

Orgulhoso do novo papel que me fôra confiado, por cujo bom desempenho muito me interessei, mercê do brio que já hoje se vai tornando vicio

muito menos frequente nos mentores da civilisação nacional, eu tinha préviamente colhido notas dos caminhos a trilhar, o nome dos roceiros e das roças a inspeccionar, conforme me fôra dado colher dos talões, verbetes e livros da Curadoría.

Assim munido do que considerei mais essencial e seguido de mais alguns carregadores que à cabeça levavam roupa e mantimentos, lá fomos todos continuando a jornada a um de fundo, consoante o uso africano atravez de caminhos naquele tempo ainda quasi todos de pé posto, por entre capim, matos e arvoredo infinito que me enchia de maravilha, como pálida antevisão das florestas virgens que no interior do Continente Negro e mais tarde nas margens do Mississipi americano e no frondente Texas teriam de encher-me de assombro.

O tempo corria então delicioso. Esta como caravana de que tão vaidosamente me sentia chefe, lá se ia internando em direção ao sul, a caminho da freguezia de Santana por onde resolvêramos principiar o serviço de inspecção.

Em frente da bahia cujo aspecto geral nos deixara bem impressionados, estacionámos. Postos a seco havia uns dongos de carga grossa e bastantes canôas de pau de mafumeira escavado.

A noite, passei-a quasi de véla. Com o sargento entrámos n'uma canôa e fômo-nos com um tripulante... ao candeio.

A' prôa e à ré do barquinho puzemos uma especie de lanternas primitivas, ao uso da terra, formadas com coutos de vela ou tigelinhas de óleo de

palma servido por uma torcida de algodão nativo, tudo rodeado de papel pardo ou mesmo de jornal.

Assim iluminada por duas luzinhas mortiças, deixámos a canôa ir deslisando pela bahia um pouco á mercê das serenas ondas, até bem perto do chamado Ilheu de Santana d'onde, já noite muito alta, regressámos a abarrotár de peixes voadores.

Não medem estes mais de trinta centimetros; são dotados de duas barbatanas peitorais muito cartilaginosas, transparentes e tão desenvolvidas que abrem em leque, e batendo com elas na agua, conseguem aqueles peixes formar salto e atravessar pelos ares distancias relativamente grandes em busca da luz fatal que os entontece [1].

Assim vão cair dentro das almadias do candeio, d'onde não mais conseguem sair, amontoando-se numa quasi massa pastosa, tanta é a quantidade!

---

(1) *Escocœtus Solitanes* de Lineo.

V

Ao longo dos matos

Logo ao romper d'alva, levantado o *quilombo*, fizemo-nos para o interior em direitura à freguezia da Trindade, visitando no trajecto várias rocinhas indígenas onde o serviço de colonos se nos deparava satisfatoriamente organisado.

Ao deslisar para oeste a caminho da Madalena, outra importante região, principiou a oferecer-se-nos à vista extasiada o espectáculo das grandes transições que se operam no seio da naturêsa virgem.

Durante a jornada até então feita e na continuação, nunca o Pico de São Tomé com os seus bons dois mil e tantos metros de altitude, deixou de contemplar-nos do seu topo que lhe fica habitualmente acima das nuvens.

D'entre estas emerge ele n'uma surpreendente dicotomia que nos permite divisar simultâneamente chuvas por baixo das nuvens e sol por cima a iluminar o cume.

Senti-me exultar, com o pressentimento de que

ia penetrar pela primeira vez na vida, n'uma floresta equatorial atravez de veredas de pé posto.

Efectivamente, onde os matagais eram mais espessos, ostentava-se-me deante dos olhos uma copada e frondosa vegetação cujos caules iam desde o mais rasteiro arbusto até ao *obá* de quarenta metros e ao *clá-clá* de bons cincoenta de elevação, tanto como a altura de dois predios sobrepostos de cinco andares cada um!

O *ócá* fornece a madeira para o fabrico d'esses gigantes dongos feitos d'um só tronco escavado e aptos para o transporte de cargas mais pesadas e mais volumosas.

Tambem o izaquente com seus bons trinta metros faz parte da flora Santomista e deslumbra-nos com a grandêsa dos seus imensos cachos que deixa cahir do alto, logo que atingem certo estado de maturação.

Os indígenas carregam-nos para a beira das aguas correntes onde ficam a apodrecer, para depois melhor lhe extraírem uma especie de feijão que cosinham com óleo de palma e côco, obtendo assim o conhecido *izaquenti di coconja*, prato muito popular entre os naturais.

Com tanta profusão de arvoredo onde não falta o *bôbô-bôbô*, proveitoso na construção de cobatas, nem o alteroso *sum-mâlè* de que se fazem caibros e barrotes, entremeiam plantas frutíferas, ora avantajadas, ora rastejantes, numa quasi infinita variedade de bananeiras, mangas, anonas, papaias, abacates, jacas, safús, pitangas, *sápe-sápe*s e quantos

mais frutos a destacar-se da folhagem com os seus mais variegados matizes e aspectos.

Por aqui e por ali, onde o capim escasseia ou cresce mais raro, despontam em abundancia os rasteiros ananazes, flagelo dos roceiros que os arrancam como escalracho, quando lhes invadem as terras de café, cacau e mais culturas.

Tão luxuriante vegetação a emergir d'entre o denso matagal de gramíneas, junça e outras cuperacias que se desenvolvem como gigantes, acha-se toda mais ou menos entrelaçada n'alguns logares por trepadeiras pujantes de força, extensão e desenvolvimento.

A chamada *Corda-pimenta*, a *Corda-de-agua* tão fresca que com ela se mata a sêde atravez das florestas, a *mafundji* cujos filamentos excessivamente compridos atingem a grossura de bons vinte e cinco centimetros de circunferencia, a *côdò-quê*, a *côdò-plego* e outras muitas cujos nomes nem sempre nos ocorrem e na sua maioria desconhecemos, estabelecem durante longos percursos uma como intimidade entre toda aquela exuberancia de matos.

Dentro d'essas florestas que nos falam com o interminavel rumorejar da folhagem, adivinha-se uma vida intensa.

Lá no alto saltitam de ramo para ramo, dependuram-se e balouçam-se os saguís, cujos guinchos estrugem atravez da ramaria.

As densas e consistentes teias que se desenham longe e alto nas pernadas do arvoredo secular, denunciam abundancia de insectos das mais estranhas

côres, dos mais desusados tamanhos e mais esquisitos feitios, desde o saltitante gafanhoto e o louva-a-deus pousado nos troncos, até aos moscardos, moscas, mosquitos e borboletas, ora grandes como girasóes, ora quasi microscópicos a volutear e a zumbir.

Perante tão grandioso espectáculo, á passagem da nossa comitiva, sentiamo-nos de quando em quando inebriar com o perfume intenso derramado pelo almíscar que por aqui e por ali se ocultava entre a ervagem.

Casualmente, como visão animatográfica resultante da velocidade com que os carregadores arrastavam a tipoia e toda a caravana, surpreendia-nos os olhos um ou outro camaleão de verde furta-côres, escondido n'algum ramo que nos ficava mais perto.

Ao ouvido nos chegavam amiúde os sentidos soluços da *cécia*, espécie de pombo verde Sãotomense, os assobios intensos do formoso papa-figo, o chôro plangente do *assobó* e o alegre trinado dos *pádès* ou pardais indígenas a sobresaírem ao vivo chilrear dos milhares de passarinhos de muitas côres e tamanhos, que esvoaçavam por entre a espessa ramaria.

Quanto mais nos internávamos, mais nos ía extasiando o contínuo e crescente sussurro das águas que de todos os lados se ouviam correr por entre rochas, às vezes invisiveis, tão cobertas estavam de fétos!

Talhadas a pique, em certos sitios iam-se estreitando de cima para baixo em apertado espaço,

onde por vezes o murmurejar mais intenso bastava para denunciar belas cascatas a despenhar-se, embora quasi sempre mais ou menos ocultas debaixo d'aqueles viridentes e frondosos bosques.

A abundante copa da folhagem, as corólas multicôres, os aromáticos frutos e a profusão do capim ao amanhecer acham-se no interior de São Tomé como salpicados de um aljôfar úmido, espécie de orvalho abundante que parece provir de chuvas torrenciais, ainda que nem sempre assim seja.

Mal sabiamos nestas paragens que pensar do tempo. Durante o dia, em mudanças repentinas, as chuvas copiosas, feitas catadupa, ràpidamente sucediam ao sol radiante com todos os lampejos do abrasante Equador.

E quando este Sol, deslumbrante mais intensamente, iluminava as florestas e nos confortava o ânimo, já ao lonje se descobriam a acastelar-se pavorosos, novos e pardacentos nevoeiros que a breve trecho se resolviam em jorros caudalosos de água acompanhados de intensa escuridão.

Ao sentir-me levado em tipoia que carregadores e soldados acompanhavam, afluiu-me ao cérebro todo aquele espírito de romantismo, ainda então preponderante no mundo das letras.

Os olhos da imaginação levaram-me a supôr-me Pizarro, Almagro, Cortez e tantos outros aventureiros sublimes, investindo impávidos e audaciosos com os desconhecidos desfiladeiros e matagais do Anáhuac, do Chile e do Perú!

Na minha cabeça incandescente de glórias re-

tumbantes, embora mesmo efémeras, parecia-me ver a todos os instantes surgir d'entre aquelas interminaveis florestas a figura de qualquer Montezuma ou Inca africanisado a embargar-me o passo e a tolher-me os movimentos.

Não tardou muito que a fantasiada quimera se me tornasse uma realidade palpavel.

Terminado o quilombo ou bivaque que nos retivera na freguesia da Madalena, fomos irradiando mais para Oeste, numa larga extensão que já nos aconselhava novo repouso.

Por algum pouco tempo nos detivemos numa clareira deveras agradavel que se nos deparara, onde o descanso do pessoal, embora curto, foi aproveitado em esvasiar uns copitos de aguardente, com que todos se sentiram tonificar para prosseguir nas fadigas da extensa jornada.

Ainda bem não me tinha, porém, apiado da tipoia por dar expansão aos movimentos, quando o ramalhar de umas moitas veio despertar-me a atenção.

No mesmo instante vi surgir d'entre a floresta um cavalheiro de côr branca, bem tratado, bem posto, apresentavel, alegre de ar e mostrando uma grande vivêsa a denunciar uma energia pouco vulgar.

Em atitude sobranceira, ainda que de respeito e máxima consideração, alongou para mim o braço cuja mão apertei.

—E' o oficial da Curadoría em serviço de correcção ás Roças? perguntou ele.

—Ao dispôr de V. Exª.—respondi. A quem tenho a honra de falar?

O meu interlocutor empertigou-se num ar de importancia e respondeu-me:

—Sou o Doutor B...

Fiz uma mesura.

—Queira V. Exª. dizer:

VI

Em serviço de correcção

Facilmente compreendi que a presença inesperada do novo interlocutor em condições tão aparentemente misteriosas, devia considerar-se o prenuncio de algum acontecimento desusado.

O doutor B... relanceou em volta um olhar de circunspecção e desviou-se um pouco, convidando-me a segui-lo, ao que muito gostosamente accedi.

Então mais a sós, certo de que não seria ouvido por estranhos, ainda assim falando em voz pouco alta, mas bastante fluente, principiou:

— Não lhe será, por certo, completamente desconhecido o meu nome.

Fiz um gesto de aquiescencia.

— Sou o proprietario actual da roça Rio do Ouro, que fica a dois passos d'aqui — continuou ele. E' uma bela roça! Vossa Senhoria tem de vir visitá-la. Calcúlo que seja a primeira n'esta Ilha. A fazenda é toda iluminada por via de um gazóme-

4

tro que propositadamente encomendei no estrangeiro. (1).

— Isso parece-me interessante — confirmei eu.

— Sem dúvida. Nesta minha roça ha um palacete encantador com todos os confortos da vida moderna. Um cozinheiro francês que mandei vir de fóra delicia-nos á hora das refeições com as mais esquisitas iguarias da culinaria. Tambem tenho uma frasqueira... Oh! a minha frasqueira! V.ª Snr.ª tem de dar-me a honra de vir saborear ao menos um cálice do meu Lacrima-Christi...

Mais preocupado com os serviços da correcção do que com os prazeres da molicia, aproveitei a primeira aberta de tanta verbosidade, para inquirir:

— E em matéria de contratos de trabalho? Tudo na melhor ordem? E' de supôr.

— Anh!... os contratos! resmoneou o doutor B... n'um bocejo de quem só com a lembrança de tal assunto se sentia enfadado. Os negros... Sim! é uma questão muito secundária. Precisamente para tratar d'isso é que vim procura-lo.

— Queira dizer.

Dando-se ares de grande superioridade, o Doutor principiou:

— Tenho contratados na minha roça uns mil negros Minas e Acràs. Tambem meti d'esta última fornada alguns Angolas.

---

(1) Actualmente a electricidade ilumina as roças por toda a parte. Em 1876, porém, o proprio gaz constituia um luxo desusado.

— Deveras importante! confirmei.

— Oh! sim! importantissimo! Dentro d'esta minha fazenda nada ha que não o seja. Até mesmo em confortos mais intimos! acrescentou ele esboçando um mal disfarçado sorriso que deixou adivinhar uma intenção maldosa.

— Não imagina!... continuou. Espero que V.ª Snr.ª me dará o grato prazer de vir passar comigo ao menos uns três ou quatro dias. Verá... Que belas acomodações! aposentos principescos, mobilados de espelhos, estofos, tudo... Tenho molecas lindissimas, de uma meiguice e carinhos estonteadores... Oh! deveras delicioso, um autêntico paraizo em São Tomé! Que noites fantásticas de goso V.ª Snr.ª passará no meu palacio...

— E a respeito dos serviçais? insisti.

— Ah! sim! o eterno pezadêlo! Na minha fazenda, explicou ele num gesto de irreflectida decisão, não se faz uso de tarimbas nem de quaisquer outras comodidades para negros...

Ao escutar tão insólita declaração, senti-me caír das nuvens.

O Doutor prosseguiu, disfarçando a arrogancia com uma aparente bonhomia:

— Ao toque da sineta teem de apresentar-se ao serviço. Os feitores, quasi todos degredados que requisitei na Fortalêsa, obrigam-nos a trabalhar. O descanso é pouco. Bordoada não lhes falta. Ao sol posto recolhem...

— Aonde? perguntei.

— Não sabe?... A minha roça tem um pal-

meiral comprido e muito denso. Vale bem por um abrigo. Alguns dos meus negros lá por dentro mesmo fabricam uns *cangúlos*, espécie de choupanas redondas feitas de rama de palmeira e cobertas de capim, onde passam as noites com as suas mulheres. Outros dormem por onde podem.

— E alimentação? inquiri, mal disfarçando o meu desgosto.

— Facílima e abundante. A' entrada do palmeiral mando colocar umas sacas de farinha de mandioca. Servem-se de quanta querem. Na roça tambem temos muitos coqueiros... Peixe-voador e bagre não lhes faltam.

— E arroz? perguntei.

— Não o dou por desnecessário.

— Nesse caso!... tentei objectar.

— Neste caso que é muito frequente, tornou o Doutor, nós temos de seguir as praxes de ha muito estabelecidas. V.ª Snr.ª vem até á minha roça onde será recebido com todas as atenções que lhe são devidas. Gosará e desfrutará tudo o que mais desejar durante o tempo que fôr meu hóspede...

— Verifico o cumprimento dos contratos e das prescrições da Lei, que para isso venho — ainda acrescentei.

— Não! contestou-me o Doutor, mal dissimulando o enfado que os meus escrúpulos lhe causavam. V.ª S.ª nem verifica, nem vê, nem inquire, nem investiga. Poupar-lhe-ei todo esse enfadonho trabalho, informando-o eu proprio conforme melhor convier para a elaboração do seu Relatório.

— Pelo menos terei de formar os serviçais para ouvi-los, objectei eu.

— Não! não forma nada, nem ouve ninguem. Os meus negros são todos mudos...

— Como hei-de conta-los? perguntei com estranhêsa.

— Tambem não os conta, tornou o Doutor já um pouco inquieto. São ao todo uns mil, pouco mais ou menos, como já lhe disse. Não sei se estão todos vivos ou se alguns já morreram. Nem sequer isso interessa a ninguem...

Indignado de tantas inconveniencias, se o termo é suficiente para exprimir tanto desvergonhamento, franzi o sobrolho, formalisei-me um pouco e alteei a voz.

— E' demais! exprobei. Vossa Excelencia conhece bem o que me cumpre fazer em tais circunstancias...

— Exactamente o mesmo que os seus antecessores — respondeu-me ele com uma serenidade que afligia. O senhor acompanha-me até á roça onde jantará comigo. Sinto o maior desejo de mostrar-lhe todas as dependencias, com o que V.ª S.ª ficará encantado, e no regresso á Cidade...

— Libertarei os serviçais, conclui eu. Liberta-los-ei, metendo-os na escolta até á Curadoria onde Vossa Excelencia terá de pagar as importancias do repatriamento dos contratos rescindidos.

Despedindo novo sorriso de bonhomia irónica, o doutor corrigiu:

— Não! não é bem assim! Vossa Senhoria, de-

pois de espairecer e gosar quanto lhe aprouvér, tomará todas as notas que eu lhe fôr indicando, a fim de poder elaborar o Relatorio na parte referente á minha roça, e no seu regresso será portador de um cheque na importancia de tantas libras quantos os serviçais que me deixar ficar na roça.

Deteve-se, por instantes, a apreciar o efeito das cínicas palavras.

Luctando para dominar os nervos, ainda consegui conter-me. Nem pestanejei.

Logo reconheci que o meu silencio fôra mal interpretado, porquanto o Doutor prosseguiu indiferente com maior firmêsa e petulancia:

— Sabe que os meus contratos são em número de mil e a Correcção faz-se trimestralmente. E' uma questão de umanidade, não lhe parece? Demais avaliará V.ª S.ª os transtornos que para mim resultariam da rescisão dos contratos, agora que os negros me são absolutamente indispensaveis para a rápida colheita do café. São, pois, mil contratos que para V.ª S.ª representarão, de três em três mezes, mil libras, ou sejam quatro mil libras, anuais que ao par valem tanto como dezoito contos de réis... Uma fortuna que dá bem para jogar e ter amantes...

Ao concluir a deshonesta proposta, tentou firmá-la, pousando a mão cinicamente protectora sobre o meu ombro.

Recuei de um salto, como pantera a quem tivessem ferido os filhos. Enrugando a testa, arregalei os olhos, encrespei dedos e unhas em ar simultâ-

neo de defêsa e ataque, e soltei um brado que estrugiu:

— Basta, senhor Doutor, basta!

Os circunstantes acercaram-se. Embora lamentando tanta miséria moral, só no intuito de não causar ao fazendeiro todos os transtornos de que o seu procedimento era merecedor, ainda lhe propuz em termos perentorios:

— Não acompanharei Vossa Excelcncia imediatamente. Acho preferivel dirigir-me em correcção a outras roças, e só decorridos uns dias, visitarei no regresso a roça Rio do Ouro. Tem, pois, Vossa Excelencia, tempo para dispôr as suas cousas e criar as condições necessarias ao seu pessoal, por maneira que eu possa, na realidade, considerar-lhes toleravel a situação Aliás...

E suspendi a ameaça iniciada por este adverbio cominatorio.

Então o Doutor, cinícamente mau, fingindo-se amavel, repetiu-me em voz tão baixa que só eu ouvi:

— São mil libras trimestrais. Tanto não vale a vida dos negros...

Mal podendo conter um gesto que envolvia profunda revolta e desprezo, levantei quilombo, e despedindo-me secamente, fui-me com todos em correção ás outras roças, não obstante a estranhêsa do Doutor que, cabisbaixo, ficou a contemplar-nos por alguns instantes.

Esboçando um sorriso ameaçador e um encolher de desdém, desapareceu.

Tambem nós já iamos longe.

*

* *

Depois de reforçada a escolta, não tardaram muitos dias que assomássemos aos portões da roça Rio do Ouro.

Logo o Doutor que provavelmente já nos esperava, sahiu melifluo e dengoso a receber-me com todos os requintes da maior afabilidade.

— V.ª Snr.ª virá fatigado da jornada, disse-me ele. Será melhor descansar e depois conversaremos. Queira acompanhar-me.

— Muito agradecido a Vossa Excelencia—respondi correcto mas frio. As cousas estarão já todas em boa ordem, certamente?

— Continuam tal qual expliquei a V.ª Snr.ª, me tornou ele. Não deseja tomar alguma cousa?

— Absolutamente nada. Prefiro que me conduza ao terreiro da fazenda a fim de dar começo aos serviços de Correcção.

— Como queira! aquiesceu o Doutor, visivelmente muito contrariado.

E logo em voz muito baixa e como em segredo para que só eu podesse ouvir, perguntou-me com estranhêsa:

— V.ª Snr.ª sempre insiste?!

— Serviço nacional! — tornei em voz bem alta para que de todos fosse ouvida. Tenha a bondade de mandar apresentar-me os contratos e meter os serviçais na fórma.

As ordens foram cumpridas. De boca em boca correra a noticia da minha chegada, por isso ao surgir no terreiro já lá havia muitos negros dos mais estropiados.

A má vontade dos feitores para comigo era evidente. Entretanto a formatura do pessoal realisou-se.

Minas, Angolas e Acrás apresentaram-se todos muito esguios de magrêsa e pouco aciados no corpo.

A negra péle achava-se-lhes riscada dos matos e pouco luzidia em virtude das camadas de poeira que, á falta de lavagem, se sobrepunham.

Muitos dos infelizes achavam-se infectados da chamada «pulga» (1). Traziam os pés entrapados e coxeavam.

As magras pernas e braços de alguns causavam repugnancia e nôjo, tão cheias estavam de chagas extensas cobertas de folhas várias que a terapeutica indigena considera medicinais.

Davam-nos alguns a impressão de esqueletos animados cujas costelas facilmente podiam contar-se e medir-se.

No conjunto surpreendia-se falta de higiene, insuficiencia de alimentação, muitos maus tratos e sevicias.

A medo, só fortalecidos com a minha presença e confiados na protecção que de mim esperavam, ainda assim aguardando o momento em que o feitor n'eles não reparasse, um ou outro dava dois

(1) *Pulex penetrans* da Sciencia. Em lingua de Angola chama-se *dihundo*, plural *mahundo*.

passos adeante da fórma, e dirigia-se me de mãos postas e olhares suplicantes:

— *N'gana Zambi! Moar'iáme!* O' Senhor Deus! ó meu senhor!

E enquanto digeria pensamentos de revolta e indignação, eu ia verificando os contratos e procedendo a inquérito sumario.

Alguns dos feitores, quiçá adestrados por seu amo, acercavam-se para prestar-me informações que delicadamente declinei por me serem suspeitas.

— E agora?! perguntou o Doutor, já hesitante e um pouco a medo.

— Sargento! bradei como única e significativa resposta, embora indirecta.

— Sargento! repeti com maior intimativa. Meta esta gente toda na escolta e siga com eles para a Curadoria.

Fazendo uma vénia cerimoniosa ao Doutor que nem pestanejava, recostei-me na rêde e fui seguindo a comitiva já reforçada com essas centenas de infelizes contratados que bemdiziam este serviço de corregimento a que não estavam habituados.

A um de fundo, como em Africa é de uso, formando assim uma extensíssima fita humana a serpear atravez dos campos, entraram eles na cidade onde fizeram alto no Largo em frente da Curadoria.

Era já tarde. Para afugentar os mosquitos que zumbiam ás míriadas, intenderam acender fogueiras durante a noite, que passaram toda de véla, fumando nos seus compridos cachimbos, beberricando copos de aguardente e assando peixes-voadores à

vista dos curiosos que de todos os lados acorriam a inquirir do caso até então estranho nos anais dos contratos de Serviços em São Tomé.

No dia seguinte, depois de apresentar o Relatorio que, o mais honestamente possivel, redigira durante algumas horas de vigilia, os contratos foram definitivamente rescindidos e o Doutor intimado a satisfazer todas as despêsas ocasionadas e a importancia do repatriamento de todo o pessoal.

Por essa ocasião mereci grandes louvores que cheguei a julgar sinceros e leais. As felicitações pela excelencia e ombridade do serviço prestado avolumavam-se.

E com isto sentia estímulo para prosseguir na obra necessaria de saneamento moral em defêsa das castas indígenas de Africa, em geral tão pouco generosamente aproveitadas por estranhos dentro do seu proprio territorio.

Ao mesmo tempo, porém, que em volta do meu gesto, aliás espontâneo e sem intenção, eu ia arquitectando outros com que para o futuro contava corrigir algumas de tantas iniquidades da nossa mal orientada colonisação, já divisava indicios da intriga que contra mim principiava a germinar, gerada pelas influencias malévolas do Rio do Ouro.

Aos ouvidos chegavam-me os rumores de que eu não sairia mais em serviço de correcção.

Com efeito não tardou muito que soubesse que, a pretexto de uma suposta conveniencia de serviço, eu ia ser requisitado para a Secretaria Geral do Governo da Provincia de São Tomé e Prin-

cipe, com desgosto apenas do doutor Curador que de dia para dia mais estreitava comigo a sua intimidade e até familiaridade aliás sempre respeitosa.

Abençoada vingança! feliz desforra esta do Doutor B., sem a qual não me teria sido possivel libertar de perigos desconhecidos que me ameaçavam, embora eu viesse a precipitar-me noutros ainda maiores d'onde só a poder de muita resolução e actividade conseguimos sahir ileso e a salvo.

VII

À banca do jogo

Naqueles tempos vivia-se em São Tomé a vida alegremente, sem preocupações de maior.

Nas lojas de tudo, porque ainda então não havia especialisações, escolhia cada qual para centro de reunião aquelas casas que lhe eram mais afectas.

A indiferença, quando não friêsa e desdém notados para com os chamados «filhos da terra», não se estendia até às fêmeas, quasi todas, quando novas, muito lindas e aparatosas, ostentando formas esculturais que mais evidenciavam com os requintes do arrebicado.

De facto quasi todas as pretas mais civilizadas ali viviam com o seu branco a quem adoravam e de quem muito meigamente sabiam ir exijindo camisas bordadas, ricos panos da costa, corais, argolas, contas de ouro e mais apêndices do luxo.

Nem sequér tentei reagir contra a influencia do meio. Impelido pelo vigor do temperamento e pelo verdor da mocidade, tive de transigir com os costumes.

Que nos perdõem os que nos lêem a sinceridade da confissão. Deixando-nos desta vez, por excepção justificavel, caír no conservantismo, tivemos de sucumbir.

Não tardou que a minha Tebaïda de Agua Sanzanú se tornasse num belo ninho onde este pombo de vinte anos arrulhava com uma linda pombinha que não contaria mais de quatorze ou quinze primaveras!

E vá de absolver-nos do pecado nefando, que os quatorze anos nas regiões equatoriais são a idade púbere.

Com as reïteradas felicitações dos jovens da minha idade, não faltou quem tambem me imprecasse de não ter trazido para o ninho mais do que uma pombinha, tão certo é ser a monogamia um artificio de convencionalismo capitalista com que as leis procuram disfarçar a poligamia inata nos mamíferos!

Não me arrependi do passo dado. Em menos de trez mezes de convivencia íntima, já eu falava correctamente o crioulo de São Tomé.

A experiencia de longos anos passados á aventura atravez dos Oceanos e dos Continentes foi mais tarde evidenciando-me que a vida na intimidade com qualquer filha do paiz estranho em que nos achamos, vale mais como ensino de linguas pela prática efectiva da conversação, do que todos os Berlitz, Bensabats e Ollendorfs aperfeiçoados do mundo inteiro.

Tambem já naquele tempo o jôgo exercia na

Cidade e até mesmo nas Roças uma verdadeira e importantissima função social.

Jogar era viver!

Os grandes prazeres ou as grandes dôres gosavam-se ou sofriam-se nos recintos da jogatina.

Não sabemos se o Governador da Provincia jogava ou não. Cá por fóra ninguem o via. Contudo, dada a persistencia mundial do supersticioso hábito, é crível que tambem dentro do Palacio Governamental a sóta e o valéte exercessem a sua não menos perniciosa do que incontestavel influencia.

Desconhecemos como as cousas actualmente por lá se passam em matéria de cercos e saltos. Parece que a roleta destronou o baralho e assumiu tambem ali a regencia do vicio.

Ha bom meio século os jogos de azar com cartas ditavam a lei.

Não havia ainda então bordéis de jogatina propriamente ditos, mas por toda a parte era frequentissimo improvisarem-se, como banqueiros e talhadores, alguns donos de estabelecimento, amigos ou dependentes, iniciando meza do *Monte* ou do *Baccarat*, que tambem ali estava muito em moda.

Os que não queriam deixar-se apagar, e era o maior número, frequentavam durante as noites os eentros de jogo onde às vezes se arriscavam grossos dinheiros em saltos, cercos, dentro, fóra, às de cima, às de baixo ou ao lado, em redor das quatro cartas da praxe.

Ali se perdia e se ganhava. O essencial, sobre-

tudo, era lá ir. Quem não jogasse, não merecia em geral grande aceitação.

Lá como cá, como por toda a parte. O jogo, tolerado ou perseguido, subsistirá enquanto a positividade filosófica não fôr capaz de contrariar victoriosamente nas sociedades contemporâneas a acção demolidora das convicções supersticiosas, desde ha longuissimos séculos fixadas pela ancestralidade umana. E vá de filosofias, que a elas prefere o século o atletismo salvador da raça, quando pelo exagero não se torna precursor da tuberculose.

Os jogadores, já inconscientemente, continuam a consultar os seus destinos pelo jogo. Por isso entre eles são frequentes expressões como estas — «estar com sorte», «ter asár», «ter palpite», «levar a banca à gloria», «atravessar-se no jogo», «jogar nos pares», «jogar nos ímpares» — e mais uma infinidade de locuções que bem denunciam a origem supersticiosa.

Os banqueiros do pano verde, esses já hoje por toda a parte constituem uma casta como a dos velhos augures, arúspices e outros adivinhos e feiticeiros das velhas idades.

Supersticiosos como todos os jogadores, tambem contam com as vantagens da sua situação privilègiada e até com os recursos profissionais dos que sabem artificialmente provocar a nega das cartas e o desnivelamento das roletas.

Toda essa grande peçonha dos jogadores modernos no nosso tempo de então, ainda felizmente não dera entrada em São Tomé.

Por isso às vezes ali se presenciavam interessantissimas scenas de valor e lealdade no proprio jogo.

Recordâmo-nos de um certo França, negociante e pequeno roceiro, que morava no primeiro andar do predio onde tinha os estabelecimentos de venda. Era homem novo, muito dado à boémia.

Por distrahir-se fazia banca na sua propria residencia, e entre os vários frequentadores contava-se um doutor Brandão que muito se orgulhava de ter parentesco com o famigerado João Brandão de Midões.

Nunca nos interessou averiguar o que haveria de real ou imaginário nesta vanglória.

Achava-se o França em noite de asár. Carteava e era ele próprio quem recolhia e pagava, e o dinheiro à vista cada vez era menos.

Naquela noite o doutor Brandão parecia um vidente. Com os saltos e os cercos sempre a dobrar, ia limpando todo o dinheiro do França e dos pontos que de instante a instante afrouxavam as suas paradas.

A certa altura ouviu-se alguem dizer:

— Jógo.

Dirigindo-se ao França perguntou:

— A banca está habilitada a satisfazer?

— Sim, senhor! respondeu ele fleugmàticamente, fazendo soar um timbre.

Apareceu um muleque de confiança.

O banqueiro ordenou:

— Vai lá abaixo e traze todo o dinheiro que houvér da venda de hoje nas trez gavetas da loja.

— *Nhiô, xi!* sim senhor! tornou o preto.

D'ahi a pouco regressava com alguns centos de mil reis que o França apresentou triunfantemente sobre a banca.

No mesmo instante se ouviu de todos os lados: —«Jógo! Jógo!»

Fez-se silencio. Cada qual foi apontando conforme o seu palpite, visto ser por ele que os jogadores continuam a nortear-se.

Voltando o baralho principiou França a tirar as cartas a uma e uma, muito lentamente para maior sensação.

A anciedade era grande. O banqueiro, a cada carta descoberta, passeava os olhos pelo jogo marcado, numa ância de avaliar as vantagens ou desvantagens que cada carta poderia trazer-lhe.

O jogo principiara a descobrir-se. A cada carta sahida ganhavam ou perdiam os saltos e os cercos que França fleugmàticamente ia pagando ou recolhendo.

Já pouco dinheiro se via em frente do banqueiro. Mais umas negas infelizes e a banca iria evidentemente à glória.

Desapareceram as notas do Banco Nacional Ultramarino; as libras tornaram-se raras, as meias corôas em prata... já poucas!

Neste momento, o doutor Brandão que passara a noite a ganhar, perguntou com aquela intimativa que só a prosperidade sabe imprimir:

— Já não vejo dinheiro. A banca continúa habilitada?

— Sim, senhor! foi a resposta.

— Até quanto?

— O que quizer! retorquiu o França, já bastante azedo, baralhando convulsamente.

Cortado o baralho, dispôz quatro cartas na mesa.

Brandão empertigou-se e puxou de um maço de notas mal amassadas.

Sem contá-las, amarfanhou-as, deixando-as assim cahir em monte e ao acaso no meio das cartas dispostas. Casualmente ficaram ao lado de uma figura de oiros.

— Isto joga dentro da dama! explicou ele.

— Quanto é? ainda França, banhado em suores frios, perguntou.

— Nem contei! tornou o doutor Brandão desdenhosamente. Seja quanto fôr, representa vinte contos a perder ou a ganhar. Aceita?

— Aceito! tornou França, lívido e perturbado.

Fez-se um silencio sepulcral.

Em oposição à Dama ficava um Rei. Principiaram a descubrir-se as cartas a uma e uma, muito devagar para maior impressão.

Ao aparecerem os primeiros traços de uma figura, a anciedade dos circunstantes redobrava. Ora parecia ser um Rei, ora uma Dama. Só depois de descobertas se verificava serem um Valete ou um Az e nada decidirem.

Esta hesitação mèsclada de anceio, dúvida, dôr

e susto, ainda durou alguns segundos que pareceram longas horas...

Vinham aparecendo duques, quadras, ternos, azes, quinas...

Finalmente desenharam-se os contornos de uma dama de paus que França, cheio de nervosismo, de repente descobriu e colocou ao lado da outra que estava na mesa.

Arremessando o resto do baralho para longe, só pronunciou o mais secamente possivel:—«Perdi !»

— E agora ? perguntou-lhe Brandão.

— Entrego-lhe a loja e a casa. A'manhã faremos a escritura.

Levantou-se e saíu a tomar o fresco da madrugada que principiava a romper.

Dia já nado, o pessoal compareceu no estabelecimento; o patrão, porém, já era outro, sem que tal ocorrencia merecesse sequér as honras de discussão nos centros de cavaco.

Assim realizara uma simples carta de jogar a transmissão de negócios e bens, sem que precedesse, como de costume, certificado da Conservatoria, nem inventario e avaliação.

....

Não tardaram muitas semanas sem que os dois gigantes do vício e da superstição inconsciente voltassem a defrontar-se, embora em termos de boa camaradagem, numa outra banca de jogo.

Nessa noite, o França que durante a decadencia fôra visto em Santana ocupado na pesca ao candeio para melhor entreter as ociosidades, facil-

mente obtivera uma desforra vantajosa que o fez rehaver do doutor Brandão tudo quanto tinha perdido, mais uma bôa dezena de contos que lhe permitiram reconstituir e robustecer o negócio que uma simples dama de paus perturbara e uma qualquer outra figura de egual ou diferente naipe conseguira readquirir.

E o pessoal do estabelecimento lá continuava a trabalhar, despreocupado, indiferente e insensivel ás variações de meio, sem mesmo se preocupar de mais uma vez ter mudado de patrão!

VIII

Refractario!

Por uma alta madrugada, ainda a aurora não acabara de romper, encontrámo-nos numa das vielas da Cidade.

Posto que de lados opostos, tanto o doutor Curadôr, então Chefe da Secretaria do Governo Geral na ausencia temporaria do proprietario do logar, como o autor destas recordações, já a esse tempo ali colocado por castigo dos bons serviços, ambos vinhamos da prática do vicio, com perda de saúde e de tempo.

Divisava-se-nos nas faces a má catadura de quem sofre contrariedades.

— Que mau parecer traz, senhor Doutor! observei.

— Podera! exclamou ele. Uma noite de azar e oito contos perdidos sem graça com uma nega teimosa!... Mas olha que o teu parecer não está melhor...

— Tambem a noite não me correu nada bem! foi a minha curta resposta. Não poderei dizer que

perdi oito contos, mas fiquei sem oito tostões que para mim tanto valem.

Ficou impassivel. Abrindo muito a boca num bocejo misturado de sôno e tédio, espreguiçou-se e esfregou os olhos, tentando assim impedir um e repelir o outro.

Procurando reconstituir ideias, foi monologando:

— O pior é que hoje chega de Lisboa o vapôr... Uma balburdia... Um trabalhão!... E eu sem poder ter-me em pé...

— Não se aflija com isso — expliquei eu. Felizmente já estou muito prático n'aquele serviço todo.

— Isso sei eu bem — me tornou ele. O Diabo é o correio da Secretaria...

— Se o senhor Doutor assim o intender, ainda sugeri, eu poderei proceder à abertura das malas... Com a autorisação de V. Exª. romperei os sinetes.

—Tambem pode ser! confirmou com entusiasmo, gostosamente aceitando o alvitre.

Deteve-se por instantes, procurando refazer ideias. Em seguida ficou-se a monologar:

— Não posso, por mais que queira, resistir a esta prostração do corpo e do espirito, que me aponta a cama por único lenitivo aos males que me afligem.

De repente fita-me em ares de quem toma uma resolução definitiva e diz-me numa ordem disfarçada em convite:

— Vais para a Secretaria á hora regulamentar.

— Como de costume! confirmei. E o senhor

Doutor recolhe imediatamente a sua casa para socegar.

— Perfeitamente! confirmou. Logo que as malas cheguem, tu abres as do serviço oficial e separas a correspondencia. Toda quanta fôr privativa do senhor Governador Geral, mandar-lha-ás ao Palacio por uma ordenança com oficio de remessa que poderás tu mesmo assinar. Em seguida irás abrindo toda a correspondencia da Secretaria.

— As suas ordens serão integralmente cumpridas — foi a minha resposta. Durma V. Ex.ª socegadissimo.

— O pior é que ha cousas urgentes que não devem esperar para o outro dia! ainda ele objectou.

— Contudo, tornei, vou deligenciar por dar pronto expediente aos serviços mais usuais.

— E os outros?

— Nesses casos, que não são dos mais frequentes, nem provaveis, eu enviarei então a casa de V. Ex.ª...

— Muito bem! aplaudiu ele. Desse modo poderei ir descansar. E tu, meu bom amigo, faze por mim mais este sacrificio. Compensar-te-ei depois com uma licença sem perda de vencimento.

Despedindo uma risada de satisfeito, retirou-se.

A' hora regulamentar compareci na Repartição onde o outro oficial, meu colega, primara pela ausencia.

Não tardou que duas boas sacas de correspondencia chegassem ás costas dos carregadores.

Logo iniciei a tarefa que me fôra incumbida. A correspondencia do Governador foi-lhe remetida com o respectivo oficio de remessa.

Quebrados os selos da segunda saca, fui de perferencia separando os invólucros que traziam a nota de «urgente», sem contudo pôr de parte os restantes.

Eram notas confidenciaes, nomeações, transferencias, abonos, autorisações e mais uma infinidade de medidas inerentes aos nossos sempiternos e complicadissimos serviços da pública administração.

Depois de romper, como de costume, um dos muitos sobrescritos que se me deparavam, ao relancear a vista pelo conteúdo, involuntariamente senti prepassar-me pelo corpo um como estremeção que me abalou dos pés até á cabeça.

Antevendo uma possivel ilusão, esfreguei os olhos para melhor me certificar.

Li, reli, cancei-me de tanto ler, formulando de mim para mim quantas hipóteses e conjecturas me afluíam.

Olhei em redor da sala num exame de circunspecção. Ninguem mais! O corredor da entrada achava-se tão só como o largo em frente do edificio.

Do mau estado moral ressentia-se-me o fisico. A um grandioso frio succediam-se-me calôres febris acompanhados de suores ardentes que não tardavam muito a regelar-se-me no corpo.

Quanto mais àvidamente relia o terrivel documento, mais ia vendo fugirem-me os acalentados

ideais de estudo e liberdade, a breve trecho substituídos, possivel e até provavelmente, pela estreitêsa de um cárcere estúpido e mal alumiado, onde espirito e matéria se bestificariam num amálgama confuso de disciplina e obediencia.

Se tal não conseguisse evitar... adeus, sonhos e devaneios! adeus, ancia de saber! adeus, espírito de aventura!

Num arranco de decisão contra o desânimo de que parecia ter-me deixado apoderar, ergui-me repentinamente...

Com um fósforo acendi a véla de que usava servir-me para lacrar e selar as correspondencias.

Pegando no papel já desdobrado, cuja ligeira e simples leitura tanto me impressionara e no respectivo sobrescrito, detive-me por instantes, olhando hesitante mas esperançoso, ora para o papel e respectivo invólucro, ora para a luz da véla... redentora.

Disfarçadamante percorri o corredor e vestibulo de entrada. Tomando todas as precauções de quem se prepara para cometer uma falta, mais uma vez assomei às janelas da Secretaria.

Era a hora da soalheira. O revérbero das paredes exteriores do edificio, estucadas a branco envernizado tornava insuportavel de calôr todo o recinto da meia-laranja fronteira á Repartição.

Nem viv'alma se divisava, a não ser lá mais longe, á porta do Correio onde serviçais e outro pessoal dos estabelecimentos e algumas filhas do

povo se acotovelavam na sôfrega procura de cartas de negocio ou de familia.

Já seguro de que não seria observado, então reli pela oitava ou décima vez o papel que trémulo segurava entre os dedos.

Era uma como deprecada ou antes uma notificação confidencial de que eu fôra dado em Lisboa como refractario ao serviço militar, e ausente em parte incerta. Que por denuncia houvera conhecimento da minha residencia em São Tomé, pelo que se reclamava a minha imediata captura, a fim de regressar á metrópole e ser julgado.

Ainda me recordo que o tior do papel era este; só os termos seriam outros.

Nem cópia tirei, recioso de vir por ela a denunciar-me.

Amarfanhando um pouco a deprecada e o respectivo invólucro, peguei-lhes fogo numa das extremidades.

E enquanto estavam ardendo, com eles seguros por uma ponta, eu ia desenhando círculos de fogo no espaço e sorrindo desdenhoso pela vitória que me pareceu estar ganhando.

Ainda recolhi os já quasi invisiveis residuos de cinza que cautelosa mas triunfantemenle fui esparzir fóra da janela, onde me detive a vê-los dispersar, açoutados por uma ardente mas tenue viração.

Satisfeito da obra realisada, voltei a prosseguir nos trabalhos do dia, todos levados a bom termo e em tão boa ordem que excederam a espectativa.

O acerto no expediente merecera louvor especial do Sr. Governador e do Secretario Geral, meu chefe e amigo.

E ninguem percebeu que, a despeito de tantos encómios, eu soubera ocultar em segredo que só agora revelo ao fim de mais de meio século, o caso da deprecada comprometedora, tão depressa surpreendida como queimada em processo sumário...

Tudo assim, pois, ia correndo ás mil maravilhas, a não ser o socego e a despreocupação que me abandonaram.

E' que não haveria mais ensejo para surpreender e queimar a nova deprecada que com todas as probabilidades deveria chegar n'algum dos próximos paquetes da carreira.

No dia seguinte inquiri dos primeiros navios a sair de São Tomé, fosse qual fosse o seu destino.

Soube então que se estava aparelhando para levantar ferro dentro de dois dias a barca «Flor de Loanda» do negociante e abastado roceiro Antonio Maria do Prado, com destino á cidade de São Paulo da Assunção de Loanda.

Tomei passagem e fui para bordo sem pedir a demissão do cargo e sem me despedir de ninguem, nem ao menos explicar o motivo de tão repentina quão inesperada ausencia.

E assim embarquei para Angola com a mesma naturalidade com que poderia ter seguido para a Russia ou para a Australasia!

II PARTE

NO CONTINENTE NEGRO

I

Jornalista!

Ao pôr pela primeira vez pé em terras de Loanda, tivemos a precaução de não tirar bilhete de residencia para melhor inutilisar os efeitos de alguma nova deprecada impertinente.

Assim nos colocámos, porém, numa situação de inferioridade que bastante poderia vir a prejudicar-nos.

O dinheiro era muito pouco; recomendações nenhumas. Absoluto desconhecimento da lingua indígena que só depois viemos a estudar e aprender práticamente com tanta minudencia que mais tarde chegámos a surpreender-lhe as leis gramaticaes. (1)

Só a coragem não nos faltava: deliberação... imensa, saúde... infinita!

Com esta única bagagem nos aventurámos ao Continente Negro no propósito de o percorrermos, ou antes palmilharmos até onde podessemos.

Tivemos então ensejo de práticamente verificar

---

(1) *Lingua de Angola* pelo autor. Volume 193 da antiga Biblioteca do Povo e das Escolas.

a realidade do provérbio universal que nos diz que «querer é poder».

A hesitação perante os obstáculos e contrariedades é prova absoluta de fraquêsa de espírito, pusilânimidade.

Demais os olhos da imaginação estimulavam-nos para quaisquer empreendimentos que se nos deparassem.

O interior da Provincia de Angola para além das partes então avassaladas, a imensa bacia hidrográfica do Zaire e Cassaï, o Barotse, o Katanga e Cassongo, toda essa vastissima, quasi infinita região que vai ter á Contra-costa, tudo já hoje mais ou menos percorrido de Caminhos de Ferro, atravessado de aviões e trilhado de Europeus e Americanos que compram, vendem, trocam, estudam ou missionam, — toda essa ampla vastidão de lagos, lagôas, rios, confluentes e tributarios a entremear com montanhas alterosas, estensas planicies e copadas florestas, em nada absolutamente se parece com essa Africa de 1876 que só era lícito percorrer em boi-cavalo, em rede carregada por negros ou então e muito principalmente á maneira do explorador portuguez Anchieta, ilustre ornitologista com quem servimos nos sertões do Nâno, palmilhando sobre solas enliadas de *licondes* (1) em volta dos tornozelos e sempre com os sapatos ás costas, dependurados na ponta de um pau para mais durarem, por ali não haver ainda... sapateiros!

---

(1) Cordas do mato.

Ao acaso, depois de ter visto num rápido relance a cidade com os seus edificios nesse tempo ainda muito modestos, a estátua de Salvador Correia e a praça do mercado onde as quitandeiras ofereciam á venda frutas indígenas, cachimbos da terra, liamba e *macânha* para fumar, fazendas para vestuario e mosquiteiros, além de uma profusão de *quindas,* balaios, *sangas* e mais vasilhas para secos e molhados, cheias de fuba, gengibre, cola, aguardente, *maluvo* de palmeira [1] e mais uma infinidade de cousas extranhas que nos inebriaram de surprêsa, fôramos seguíndo até um logar aberto que depois soubemos chamar-se — a Ingombota — já hoje quasi desaparecida, ou pelo menos transformada.

Por ali nos detivemos percorrendo o bairro em todas as direcções, atravez dos altos e baixos de um terreno escabroso.

A Ingombota pareceu-nos deveras curiosa, típica... Era um bairro caracteristicamente indígena, constituido por um imenso aglomerado de cubatas soltas e mal alinhadas, cujas paredes, feitas de adobe ou barro chapado sobre *empêlas* ou ramas de palmeira, estalavam em inúmeros bocados sob a violencia de um sol ardente.

Escurecera. Recordâmo-nos que o logar não era ainda municipalmente iluminado e o clarão das fogueiras dentro sempre ateadas por causa dos mosquitos, tremeluzia rubro atravez das fendas, dando aos que de fóra durante a noite olhavam, a impres-

---

[1] Espécie de vinho tirado das palmeiras.

são de uma imensa montanha de cinzas apagadas à superficie, mas que por aqui e por ali parecia quererem atiar-se em labaredas.

Num ou noutro recanto do bairro vendia-se aguardente holandêsa que queimava e embrutecia.

Eram uns como centros de reunião indígena. Em volta daqueles antros, cá por fóra tambem de noite se juntavam pretos e pretas. Estas últimas, desnudadas, quasi descompostas, cantavam, dormiam ou esboçavam batuques donairosos ao som de harmoniuns desafinados.

Fôramos informado que, seguindo pela estrada que ladiava o bairro, se ia dar aos caminhos de pé posto que, numa distancia tão grande que podia absorver mais de uma noite inteira de jornada incómoda, conduziam a Calumbo, povoação já na foz do rio Cuanza, tendo no meio daqueles vastos ariais de caçoneiras e imbondeiros, como se fossem oasis dispersos, os casais insignificantes de Cavúa, Camâma, Mateia e mais alguns.

Soubemos depois e muito práticamente que isto era assim. A agua, havia que carrega-la ou beber das poças onde os bois-cavalos bebiam. Nos intervalos de descanso ou *Quilombo*, acendiam-se fogueiras e armavam-se mosquiteiros, quando os havia, aliás as horas de repouso passar-se-iam a matar... mosquitos!

Para primeiras impressões de quem desembarca em terra desconhecida e ao Deus-dará das eventualidades perigosas, o que víramos e observáramos chegava.

O corpo pedia repouso, o espírito reclamava serenidade. Recolhemo-nos a recinto pouco dispendioso, embora insuficientemente confortavel.

O cérebro, porém, a despeito de todas as circunstancias, continuou a funcionar regularmente e o corpo vencido pelo cançasso, deixou-se adormecer.

As urgencias estomacais impeliam-me e obrigavam-me a sujeitar.

Procurei e achei quasi por favor um logar de... olheiro, sem nomeação, com dôze vintens diários a sêco nas obras incipientes de um Hospital que já hoje ali é uma realidade prática.

Pouco tempo exerci o cargo, não sem uma continuada preocupação da instabilidade humana que me arremessara de árbitro supremo da paz internacional até ao quasi humilhante cargo de... olheiro!

Tomando a sério o sentido etimológico do termo, olhei para tudo, como cumpria, chegando a ver que numa remessa de cincoenta carroçadas de madeira enviadas para as obras do Hospital, só trinta ali dercarregaram, dando as outras muito a ocultas entrada num pátio particular próximo, pertencente a um apontador.

Do caso apresentei queixa ao Condutor de 1.ª que me agradeceu a excelencia da fiscalisação com uma violenta reprimenda em que amiúde me exprobrava:

— Nesta terra, me repetia ele enèrgicamente, fique-o sabendo, o senhor não serve para olheiro. Em Africa é preciso não se olhar tanto!

E terminou com a maior simplicidade:

— Vá-se com esta e fica despedido!

Apraz-nos acreditar que estes costumes não terão perdurado inalteraveis; te-los-á o tempo modificado para melhor.

Entretanto, com uns e outros eu ia conversando para que se soubesse que dispunhamos de maiores aptidões.

De passo em passo, fôra dar ao Restaurante, Pensão e Confeitaria pertencentes a um certo Braga Confeiteiro que, chegado do Brazil, conseguira associar-se a um outro Braga Ladrão, que transitara de degredado de toda a vida para argentario, grande capitalista e negociante.

A' sua loja fui conhecê-lo, já velho, sempre assentado fóra do balcão, vendo e observando tudo o que se fazia e impedindo que se limpassem as prateleiras, com receio que lhe roubassem algumas quinquilharias ou ferragens.

O Braga Ladrão, de cuja alcunha fôra em tempos profissional, era desconfiado; por isso mesmo o consideravam muito seguro. Ninguem teria conseguido engana-lo a não ser o Braga confeiteiro que o persuadiu a entrar com bons capitais para um novo e único Restaurante e Confeitaria a estabelecer.

E os dois Bragas, um com muito dinheiro e o outro com belos discursos e prometimentos, criaram o novo estabelecimento onde eu fôra dar.

O doutor Alfredo Troni foi um dos primeiros comensais. Tanta era a auréola do seu nome que procurei ensejo de aproximar-me.

Com a reputação de excelente advogado concorria a de grande amador do belo sexo, sem preferencia de côres, e grande caudilho político, influindo com a sua palavra, os seus escritos e a sua intriga, na marcha dos negocios administrativos e financeiros da Provincia.

As nossas casuais trocas de impressões sobre variados assuntos iam desde o vicío do jogo e dos amores faceis até á literatura, até aos negocios públicos e até mesmo á politica nacional e internacional.

A poucos dias de conversação e permuta de ideias, conseguimos fazer ver ao doutor Alfredo Troni que dispúnhamos de bôa educação e varias aptidões, sem outra intenção que não fosse a de nos valorisarmos para melhor resistirmos e seguir no nosso fito.

Um dia comparecemos a seu convite no Restaurante do Braga.

Depois de fazer o nosso elogio que não julgavamos merecer, explicou que apoiava a sua politica local numa folha que semanalmente publicava com o título de — «Jornal de Loanda».

A este esclarecimento, seguiu-se uma especie de convite.

— Que escrevesse, disse-me ele, cousas literárias, poéticas, noticiosas, folhetinistas, anedóticas... Que só queria que lhe estivesse reservado sempre o fundo para a sua política de combate... ao Governador.

— Intenda-se com o meu Administrador, acres-

centou ele. Tem aqui em casa do Braga cama e mesa, e dar-lhe-ei trinta mil reis por mez. Convém-lhe?

A pergunta era até mesmo desnecessaria. Logo ali jantei fidalgamente; a noite, passei-a deliciosa em leito fôfo e aciado.

Durante dias, semanas e mezes sustentei justas polémicas contra o Governador, debaixo dum pseudónimo, e fui escrevinhando bosquejos bibliográficos, noticiando festas locais, biografando visitantes ilustres e tudo mais que ao «Jornal de Loanda» me parecia conveniente.

O Administrador do jornal, porém, era o que vulgarmente está em uso chamar-se um padre reacionario, degredado não nos lembra de quantos anos por homicidio.

Ao principio fôramos perfeitamente bem recebidos; durante os primeiros vinte minutos de apresentação conseguimos manter-nos numa harmonia deveras paradisíaca.

A breve trecho, porém, escancararam-se as portas do templo de Jano! Nem sempre o Administrador concordava com as nossas opiniões. Tambem nós, intransigentes pela força das convicções e da mocidade, não cediamos.

E deveras o sentimos porque, se não fôra esta lucta da velha Roma com a moderna Russia, tudo nos correria no melhor dos mundos.

De todos os recantos da provincia de Angola — do Ambriz, do Dande, do Cuanza, de Ambaca, Malange, Cassange, Benguela, Mossâmedes, Cunene

— de todos os lados enfim recebiamos a carinhosa visita de pretos, brancos e mulatos, Chefes, Vereadores, agricultores e comerciantes que comnosco vinham muito cordialmente intender-se e estreitar relações, já que o doutor Alfredo Troni, absorvido pelas causas dos seus clientes e pelos amores das suas apaixonadas, recusava-se a tratar de assuntos alheios à esfera especial dos seus interesses.

Foram estas circunstancias que nos serviram às maravilhas, permitindo-nos um dia, já sem paciencia para as contrariedades e impertinencias do endiabrado Administrador, atirar-lhe com um tinteiro á cara, sem receio do futuro, porque o plano fôra espontânea, prévia e resolutamente concebido.

E enquanto ele ficou limpando os borrões faciais, apresentei-me correcto mas severo ao doutor Troni, expondo-lhe em frases excessivamente curtas:

— Senhor doutor, acabo de partir a cara ao seu Administrador, e desligo-me do «Jornal de Loanda».

— Para onde vais?! perguntou ele atónito.

— Para o interior da Provincia.

— Não será isso uma leviandade? Que vais fazer?

— Negociar, sahir desta piolheira.

— Tens capital?!

— Sim, senhor doutor. Dez mil reis e chega.

E com esta me retirei, deixando-o embaraçado e aturdido do que ouvira.

II

Negociante!

E a comerciar fômos.

A falta absoluta de capitais era victoriosamente suprida por uma firme resolução de vencer.

Para onde iriamos? Negociar em quê e com quem?

Desconheciamos todos os ramos de comercio; ignorávamos os preços; nunca fôramos ao interior.

Todavia deliberáramos e tinhamos de cumprir as deliberações tomadas. Mais força nos dava a convicção de nos sentirmos superiores, moralmente muito mais fortes do que a maioria desses brancos que do nada se tinham elevado a grandes proprietarios, usando para isso de processos que os espiritos bem conformados consideram inconfessaveis.

A tais processos nunca pensámos em recorrer; tinhamos, porém, de tirar deles a melhor.

Nestas resoluções tomámos bilhete para o Dondo, que era então um importante centro de comercio na margem direita do Cuanza, a jusante de Massangano.

A passagem a bordo do «Cunga», vapôr de fundo chato para navegação fluvial, custava cinco mil reis, sem direito a comedorias, embora a viagem levasse habitualmente cinco e mais dias em tempo de cheias.

Restavam-me, pois, outros cinco mil reis apenas para luctar e vencer nos propósitos formados.

Na casa já hoje extinta de Antonio Bernardino Pedreira & C.ª, muito das nossas relações e intimidade, encomendáramos um rancho para oito dias, o qual, muito bem acondicionado em caixote bem pregado, mandámos para bordo com algumas fazendas que a crédito logo ali comprámos.

A viagem foi interessante.

Dobrada a barra do Cuanza e passada Columbo e outros logarejos, chegámos ao Bom Jesus, propriedade agricola e fábrica de aguardentes de Oliveira Massango.

Fizéramos no jornal muitas referencias áquela firma que então representava uma gloria da nossa chamada industria colonial.

Depois de termos posto pé em terra, examinados os *bonds* ou diques para conter as inundações do rio e o sumptuoso Palacio onde se installavam os alambiques, os depósitos, os escritorios e os aposentos, logo penetrámos.

Era a hora do almoço. Reconheceram-me como redactor do «Jornal de Loanda» e festejaram-me.

— A que devemos a honra da sua visita a esta sua casa? perguntou-nos o gerente que nos quiz à mesa a seu lado.

— Seguimos para o interior a negociar.

— E o jornal?!

Fiz um gesto de desdém, sorri-me e respondi:

— O meu futuro está no comércio.

— Já tem casa?

— Certamente, trago mesmo valiosas facturas comigo.

— Mas não deixará de levar-nos alguns cascos de aguardente de cana?

Um encolher de ombros e meneio de dúvida serviram-me de indiferente resposta, a fim de fazer-me rogado.

— Só para não ser-lhes desagradavel! respondi. Tenho muita aguardente da Jamaica encomendada, e para as primeiras impressões possúo dois cascos em meu poder.

— Bravo! acquiesceram. Quantos vão de cana?

— Dois ou três.

Dito e feito. Foram postos a bordo e lançados em conta, e o vapor seguiu.

Chegado ao Cunga, onde havia uma feitoria holandêsa de que era gerente um amigo nosso, desembarcámos.

Abraços, reconhecimentos, recordações de Loanda, do Jornal, das mulheres, de tudo...

— O que te traz por aqui? pergunta-me.

— Negocios. O comercio atrai-me... vou por ahi acima...

— Até onde?

— E' segredo por enquanto...

— Certamente, não te esquecerás de comprar-me o teu fornecimento?

— Já tenho de tudo. A bordo levo muita fazenda. Muita outra mandei vir de Lisboa e do estrangeiro... Falaste tarde...

— Sempre hei-de ter cousas que te sirvam, disse ele, dando-me o braço e conduzindo-me aos seus armazens.

— Só para ser-te agradavel! expliquei em ares de quem faz favor.

E fui apartando uma boa factura de *casteletas*, zuartes, tafaxis, musselinas, corais, missanga, contas, armas lazarinas [1], sacas de feijão cabúlo e outros artigos que constituiram uma pacotilha de alguns contos de réis!

Depois de tudo empacotado e posto a bordo, o vapor levantou ferro e prosseguimos por Muxima e outras partes até que surgimos em Massangano.

Faça-se aqui uma pausa explicativa dos nossos intuitos que poderão acaso tornar-se suspeitos aos que nos lêem e não nos conhecem.

Que a audácia ajuda a fortuna é adágio romano generalizado através dos séculos. Convém, contudo, ponderar que audácia não implica falta de ombridade e honradez.

Certo é que artificiosamente fomos realizando capitais que de facto não possuiamos. Sentiamos, porém, em nós tão grande energia, tanta força de saúde e resistencia possuiamos, que no nosso es-

---

[1] Antigas de pedreneira.

pírito acalentava-se a convicção, uma como certêsa mesmo de que tudo nos saíria como convinha, e depressa transformariamos as fazendas adquiridas em valores superiores com que satisfariamos os compromissos contraídos.

Com esta resolução fomos seguindo para Massangano onde residia um dos nossos melhores amigos de Angola — o já falecido sertanejo e administrador de uma importante feitoria — Francisco Roiz Simões de Abreu.

Ali contava também encontrar os cabindas Samba-eb e Tunda-cu-eb que de Loanda mandara seguir por terra, na qualidade de bons amigos e creados.

Massangano, como o leitor sabe, fica numa terra muito elevada entre o Cuanza e o Lucala, seu afluente.

Logo de bordo nos impressionaram os restos das paredes amuralhadas, ultimos vestigios de velhas fortalêsas levantadas por Paulo Dias Novais, primeiro Governador que ali fundou tambem uma Igreja da invocação de Nossa Senhora da Victoria, ainda lá existente.

Subimos a encosta e visitámos o nosso bom amigo Roiz Simões a quem ficámos depois devendo os mais relevantes serviços.

A feitoria era espaçosa, tendo alambiques, armazens, dormitorios para o pessoal da fazenda contigua, casas de residencia, oficínas de funileiro, tanoaria e carpinteiro, e estabelecimento de venda, repleto de artigos de fanqueiro, comedorias, aguar-

dente, ferramentas de trabalho, ferragens e tudo mais que podesse ali tornar-se necessario.

— Oh! ilustre Batalha! nos disse ele, estreitando-nos num vigoroso e espansivo abraço.

E aquelas compridas barbas encheram-me de respeito e consideração. Aquela afavel recepção franca e sincera comunicou-me alegria e esperança.

— A que vem? me perguntou ele.

— Negociar! foi a resposta.

— Onde?!

— Ainda não sei. Tenho passagem até ao Dondo.

— Isso não presta. Fiquè antes por aqui.

— Impossivel. Trago fazendas a bordo.

— Não importa! me tornou ele com um gesto de deliberação.

E sem me perguntar mais nada, logo expediu ordens ao pessoal para desembarcar todas as minhas pacotilhas.

— Que fazer? perguntava eu a mim mesmo.

— Consentir — era a única resposta que a mim proprio dava.

Narrados os factos e explicada a minha presença e deliberação, Francisco Roiz Simões de Abreu logo se prontificou a prestar-me os seus melhores serviços.

Com carta sua fui a Maculumbi, ali perto, onde ajustei uma ampla cobata para estabelecer o negócio, de que aliás eu nada absolutamente percebia.

Como era para pagar depois, a casa serviu-me e mandei fazer um cais acostavel, um porto (como

por lá se chamava) para as canôas e dongos aportarem.

No regresso a Massangano, escolhi mais géneros para juntar aos que de Loanda, Bom Jesus e Cunga tinha trazido.

— E dinheiro em cobre? traz algum consigo? perguntou Roiz Simões.

Nem que responder sabia, por não ter percebido a pergunta.

O meu amigo explicou:

— No mato é indispensavel ter macutas para comprar *quindas* de cêra que os pretos vém vender a troco de dinheiro.

Fiz-me forte:

— Como os meus cabindas já ahi estão, tenciono enviá-los ao Dondo, a casa do negociante Manaças que me mandará o que fôr preciso...

— E medidas para o azeite de palma?

— Tambem podem de lá vir! expliquei.

— Não! Não! aconselhou Roiz de Abreu muito paternalmente. Tomará aqui tudo. Forneço-lhe vasilhame, cahundos, meios cahundos [1], almudes, funis e canecas para o azeite, e tambem três ou quatro sacos de cobre de cincoenta mil réis cada um, para a primeira entrada...

Nem palavra me foi possivel articular, nem sequér para agradecer tanta galhardia, tal era a

---

(1) Designação das medidas indigenas para azeite.

surprêsa perante a relativa facilidade com que a fortuna ia coroando tanta audácia.

O ideal mais próximo ia realizar-se; o mais remoto ficaria para depois.

Por agora o essencial era tomar prática. Assim que a obra em Maculumbi estivesse concluida, o que seria breve, restava conduzir para lá a fazenda e começar a permutar aguardente, panos e missanga por covilhetes de cêra, quindas de borracha e cargas de azeite de palma.

Havia que fazer tirocínio. Ausentei-me com Samba-eb, e enquanto as cousas iam seguindo o seu rumo natural, procurei colher informações e ver como o negocio se fazia n'algumas pequenas lojas de aviados que pelo mato se encontravam dispersas de longe em longe, a grandes distancias.

Entretanto sorria-nos a ideia de atravessar para a outra margem do Cuanza, que servia de testa aos sertões da Quissama, ainda a esse tempo misteriosos por não estarem avassalados.

Entrámos num lungo [1] e fomos para a terra perigosa. Samba-eb foi-se embrenhando e gostosamente o acompanhámos na audaciosa escursão.

O fructo proibido é sempre o que mais apetece. Aqueles matos que pareciam fechar-se cada vez mais para o interior, seduziam-nos. Era o desconhecido que nos atrahia!

Nem viv'alma! O palmeiral adensava-se, a curiosidade impelia-nos! Samba-eb, embora inconsciente-

---

[1] Pequeno lenho escavado a servir de canôa.

mente, interpretava com fidelidade as nossas aspirações: espírito alegre e despreocupado, ora conversava, ora se entretinha a cantarolar reminiscencias da sua senzala de Cabinda... Ora corria atraz de alguma borboleta de côres mais vivas que esvoaçava, ora investia com qualquer corda de mato que partia com dois ou três golpes violentos do seu *jango* ou catana.

E assim fomos indo até que se nos deparou um grande charco das aguas fluviais que ali tinham empoçado, formando uma especie de lagôa onde algumas pretas novas e interessantes, despreocupadas por não se julgarem descobertas, saltitavam nuas e chapinhavam alegremente com os pés e as mãos na agua ali represada, mas ainda não apodrecida.

O espectáculo interessou-nos deveras a poder de desusado. Samba-eb adiantou-se, entrou em gracejos de conversação e abeirou-se de uma que a pouco e pouco com ele se foi afastando.

De uma outra que logo correra a pôr os seus licondes em volta da cintura, tentei aproximar-me.

Mais funcionavam os gestos com que nos faziamos perceber, do que com palavras do dialecto que ainda então desconheciamos.

Ainda que muito pouco entendido na linguagem do amor de que os poetas antigos e modernos tanto falam, parece que a formosa negra não nos repelia.

As suas inocentes acquiescencias mais estimulavam os nossos maldosos abusos proprios dos verdes anos.

Samba-eb desaparecera; a pouco trecho tambem

já as negras do charco não nos avistavam. N'esta febre de abstração já nem de nós proprios sabiamos. O esquecimento parecia ter-se apoderado de tudo e de todos...

....

Ao entardecer regressámos. Aguardava-nos Maculumbi, Cauala, Massangano, o comercio... o tirocinio... a prática...

Samba-eb voltou comnosco. Quando o avistámos no regresso da aventura, sorrimo-nos um para o outro, mal antevendo quanto aquela doida viagem de exploração viria a custar-me.

III

Amores perigosos

Dia glorioso de encanto e de amor!

Regressáramos a Massangano, onde já Tundacu-eb nos esperava, cheio de cuidados como fiel amigo que era.

Francisco Roiz Simões de Abreu nessa noite veiu conversar comigo, paternalmente como era seu uso, ainda antes de recolher aos aposentos.

— Tenho estado a pensar nos teus negocios! disse-me ele pousando a mão sobre o ombro e concedendo-me o tratamento de *tu*, que era nele o indicio de protecção e amisade. A casa de Maculumbi quando estará pronta?

— Dentro de oito ou dez dias talvez.

— Foste ver as obras?

— Não, senhor Simões! respondi. Hojé fui com o meu Samba-eb fazer uma visita de observação à Quissama.

— O' dianho! exclamou ele, coçando com o indicador o alto da cabeça. A Quissama é perigosa...

Depois, num gesto de deliberação combinada com tolerancia, acrescentou:

— Enfim! rapazes... rapaziadas... Ha que perdoar-lhes... Olha que a Quissama não está avassalada senão em Muxima... Não deves lá voltar. E agora vamos à vida...

— O que acha que devo fazer? perguntei.

— Vais seguir imediatamente para Cauala, onde temos uma casa de aviado. Ali farás tirocínio para saberes como é o negócio com o gentio.

Dito e feito. No dia seguinte, logo de manhã estava a rêde pronta e os carregadores a postos, acompanhando-me tambem, nesta excursão, Samba-eb e Tunda-cu-eb.

Com uma carta para o empregado de Cauala, parti por entre caminhos de pé posto, levado às costas dos negros que durante o caminho cantarolavam os seus monótonos estribilhos.

Cauala era então um logarejo na margem direita do Lucala, onde naquele tempo não existia a actual ponte nem ontra qualquer obra de arte, por mais rudimentar que fosse.

Chegado à margem esquerda do afluente, tive de tomar um lungo que Tunda-cu-eb logo ximbicou [1] para a margem oposta onde desembarquei.

A breve trecho se me deparou a cobata do aviado do meu bom amigo Simões de Abreu. E os

---

[1] Ximbicar é conduzir um barco á ginga ou á vara como entre nós fazem os fragateiros nos sitios de fundo baixo ou quando lhes falta o vento.

pretos rodearam-nos boquiabertos. Em terra que pareceria morta, se não fôra a exuberancia e o vigor da frondosa vegetação, a nossa chegada constituiu um acontecimento que fez éco.

Cobata pequena, quadrilonga, de duas divisões apenas, uma porta e uma janela de pequena dimensão, tudo revestido de barro que o sol de ha muito estalara em bocados e coberto de capim já muito ressequido. Eis a séde!

Por fóra, a um lado ficava uma especie de alpendre debaixo do qual se guardavam os barris e as medidas para o azeite de palma que vinham ali vender.

Pela parte de traz havia uma porta que dava sobre um largo mal terraplanado onde se erguia uma *mutala*, especie de prateleira quadrilonga feita de empélas de palmeira ligadas umas às outras com cordas de mato, tudo armado e seguro no ar pelos cantos sobre quatro ou seis troncos delgados de árvore, metidos no chão.

A mutala destinava-se a guardar frutas, leite, vinho de palma ou maçarocas de milho, para que de noite a quingoenha ou a quimalanca não viesse furtar ou lamber.

Por dentro, além do quarto onde o aviado dormia sobre esteiras dentro do mosquiteiro, havia tambem o estabelecimento que constava de um muito tosco balcão feito de empélas de palmeira, tendo a um lado a ancoreta de aguardente para mata-bicho, e ao fundo algumas peças de chitas e algodões, missangas, barretes ordinarios, barris de

pólvora, catanas, armas lazarinas ou de pedreneira, e mais artigos, tudo numa mistura que só de ver quasi se enlouquecia.

A cobata era assombreada por uma floresta de arvoredo copado onde o sol penetrava a custo. Ali perto ficava o rio Lucala, já bastante estreito, paragem de crocodilos.

Feitos os comprimentos ao aviado, e explicado a que viera, entrou de dar-me pormenores do negocio de permuta que, diga-se aqui por descargo, nada me interessavam.

O espírito adejava-me por outras regiões menos utilitarias mas muito mais nobilitantes.

Chegavam negros com *bindas* de azeite de palma. Despejavam-nas no *cahundo* para medir. Em seguida, posto o funil na bôca do barril, era o azeite despejado, e tornava a encher-se a medida.

E contava-se o número dos cahundos, fazia-se a conta pelo sistema de cifra - vale - dez, e dava-se ao vendedor a convencionada equivalência em beirames (varas) de algodão, cintas, pólvora ou missanga.

O logar pareceu-me interessante, deveras pitoresco. Depressa me afiz ao novo meio. Já media, já pesava, já fazia os cálculos que quasi sempre, por estarem certos, o aviado considerava errados, ratificando-os para melhor interesse do branco e maior prejuizo do negro...

A balança era à antiga portuguêsa, de braço de ferro e dois grandes pratos de madeira em quadrados presos por quatro cordas. Era ali que se pe-

zava a borracha, a cêra, a farinha ou fuba, a batata dôce, o feijão e tudo quanto fôsse preciso.

Ao iniciar-me nos segredos d'aquele negocio, fiquei sabendo que havia arrobas de oitenta quilos para comprar os géneros coloniais; porém as arrôbas para vender feijão e fuba ao indígena tinham apenas *dôze* quilos!

As pretas novas vinham de longe vender uns balaios pequenos cheios de cera bruta, saquiteis de coconote ou dentes de cavalo-marinho, o hipopótamo vulgar.

Eram essas freguezas as que eu mais me apressava a aviar, rendendo-lhes às vezes as minhas finêsas.

Quantas vezes lhes oferecia cola para mascar!...

A cola [1] exerce em Africa uma relativamente grande função social no regimen dos amores.

O preto declara amôr a uma donzela oferecendo-lhe um pedacinho de cola. Se ela o aceita e mastiga, sinal é de que se acha virgem e corresponde ao apaixonado.

Se aceita a oferta, mas não se utilisa dela, fica-se intendendo que já duma outra vez tinha provado... cola. Neste caso corresponde ao amor proposto, embora já não esteja isenta de mácula.

Daqui terá vindo o anexim angolense — *comer cola* — no sentido de entregar-se à libertinagem.

À's vezes a preta recusa a oferta que o namo-

[1] Fruto da *cola acuminata*, árvore esterculiacia.

rado lhe faz, devendo com isso intender-se que não lhe aceita a côrte.

O uso impressionou-me deveras. Já um pouco afeito aos costumes, tendo mesmo trocado a camisa, casaco e calças por um *melélo* ou pano de riscado que eu amarrava à cintura donde ficava pendente, em breve me fui inteirando das frases mais usuais da linguagem que desde Loanda vinha estudando cuidadosamente.

Depressa me identifiquei com a maior parte da usança da terra, a tal ponto que já fumava em cachimbo comprido de fabrico indígena, já limpava os dentes com um pausinho fibroso e nunca a cola me faltava num pequeno invólucro pendente à cintura.

Perdôem-me os velhos a leviandade dos moços. Mais cuidava eu então de oferecer cola às pretas mais lindas, do que permutar fazendas ou vender aguardente aos copos.

Ideológicamente vagueava-me o espírito nas altas regiões da fantasia que me mostrava o mundo inteiro nos seus mais variados aspectos — côres, raças, costumes, climas...

Materialmente nunca me separava da cola que aos pedacinhos ia oferecendo a quantas pretas novas e bonitas de mim se aproximavam.

E detinha-me em cuidadosa observação, a ver as que recusavam ou aceitavam...

O meu maior empenho era descobrir alguma que mastigasse a cola ofertada.

De um caso me lembro... Contêmo-lo, que nada tem de escabroso.

A uma linda mulata que me aceitou um pedacinho de cola e o mastigou sôfregamente, procurei fazer a côrte...

Soube que ela morava a jusante de Cauala, uma boa légua em casa dum tio que odiava os brancos.

Para êle, na sua profunda ignorância de que nem sequér suspeitava, os brancos eram todos nascidos numa terra chamada... Santa Combadão!¡

Prometi ir vêr a menina, cujo nome era Cassesse. Não m'o consentiu ela, porém, enquanto eu não a pedisse ao tio para... tratos lícitos! conforme a frase por ali consagrada.

Assim fiz, obtendo como resposta uma missiva injuriosa em que me ameaçava de morte se eu lá lhe aparecesse.

Esta formal recusa teve para mim aos vinte e um anos o valor duma injúria. Resolvi ir.

Cassesse que raras vezes vinha a Cauala, ao saber da resolução, tremeu de susto e pediu-me que só de noite lá poderia ir, quando os seus tios já estivessem no sôno. Que ela e sua irmã dormiam no quintal dentro dum cangulo.

Mais não esclareceu.

Como a minha permanencia em Cauala ainda se prolongaria, visto que as obras da cobata de Maculumbi, embora insignificantes, prometiam demorar, resolvi-me a cortejar Cassesse, a despeito das imposições do tio a este pobre filho de Santa Combadão!...

Chegada a noite chamei Tunda-cu-eb.

— Prepara-te, lhe disse eu. Vamos sair.

— De noite, senhor?!

— Certamente e já.

— Para onde vamos, senhor?

— A Kitemo, perto de Tumalumbo. Tens medo?

— Já sei. Vamos ter com *nhora* Cassesse.

— Sabes o caminho?

— E' longe e um bocado perigoso. Mas cabinda não tem medo.

D'ali a instantes Tunda-cu-eb regressou com o machete de cortar mato á cintura, um grande pau na mão e chapeu de *mateba* com abas largas na cabeça.

Eu vestira um casacão sobre a pele, e de alparcatas toscas nos pés, cachimbo comprido na boca, facão á cinta e chapeu de palha na cabeça, estava pronto para a jornada por caminhos de pé posto, atravez de uma extensa e copada floresta de palmeiras que mais augmentavam a já intenssa escuridão da noite.

Não me sentia muito á vontade. De uma vez, a conselho de Tunda, despi o casaco e dependurei-o com o chapeu no alto do cajado que levantámos para o ar.

— Para quê? perguntei.

— E' que a quingoenha e a quimalanca, antes de assaltar, medem a altura da pessoa, pondo-se de pé sobre as patas trazeiras. Se a reconhece por mais alta, vai-se embora.

Assim fomos seguindo, n'um silencio assustador de quando em quando interrompido pelo ronco dos

hipopótamos que de noite saem a pastar capim nos rios e nas lagôas.

Acrescia a humidade que nos regelava. Todavia considerei meu primeiro batismo dos sertões esta excursão que já me ia interessando muito mais do que a sobrinha do mulato.

Nas trevas ouviu-se um assobio muito vibrante que, soltado lá ao longe, se repercutiu atravez do denso palmeiral.

Detive-me por instantes. Não tardou que um outro assobio mais próximo se fizesse ouvir, dando a impressão de ser resposta a um signal convencional.

— Ladrões! pensei.

Os assobios repetiram-se duas ou três vezes.

Não pensei que viessem roubar-nos, porque nada traziamos de valor comnosco. A morte, porém...?

Morrer, precisamente quando todas as energias me impeliam para a vida de investigação, a vida de estudo!

— São ladrões? perguntei.

— *Kana'ngana, moar'iâme!* Nada d'isso, meu senhor! respondeu-me Tunda sorrindo-se.

— O que é, pois?...

— O Kioto, meu senhor, o Kioto, [1] um pássaro que só de noite sai do ninho para pastar...

Assim satisfeita a curiosidade com a lição que do preto recebi, continuei a viagem um pouco mais reconfortado. Tunda, porém, ia resmoneando sem-

---

[1] *Corythrix paulinus* dos ornitologistas.

pre. Tacteando-o, tive ocasião de verificar que ia trémulo, vacilante nos passos indecisos.

— O que tens agora?! perguntei.

— Senhor, é que o Kioto é ave de muito mau agoiro... Um de nós vai d'esta vez morrer.

Sorri-me. A superstição não pode apavorar os espíritos bem petrechados para as lutas da vida.

Com mais prestêsa passei a caminhar, no intuito de atingir a méta, que neste momento para nós devia ser a senzála onde Cassesse estaria recolhida com sua irmã.

Tunda, contrariado ou não, acompanhou-me, e não tardou que chegassemos a Kitemo.

O estabelecimento e residencia do mulato foi fácil de descobrir, visto que outra loja não havia no logarejo.

Contiguo á casa havia uma sébe feita de ramos de palmeira entrelaçados com cordas de mato.

Pelos intersticios espreitámos.

— Lá está ela! disse Tunda com indicações. Não a vê debaixo da mutala com a irmã, ambas a conversarem juntas ao brazeiro ateado para afugentar os mosquitos?

Espreitei e vi.

Tunda procurou a porta feita da mesma rama e atada apenas com licondes. Desatou e bateu uma pequena palmada.

Cassesse ouviu e correu. A primeira frase que soltou em voz muito baixa, quasi de surdina foi esta:

— *Xibi'eno!* calem-se, não façam bulha.

Penetrámos sem dizer palavra. Tunda aqueceu-se

um pouco ao brazeiro e afastou-se para qualquer recanto a dormitar, e eu sentei-me na esteira, onde ficámos algum tempo a fazer o que o indígena chama *cu xinguilé*, e os inglêses explicam pelo verbo *to flirt* — namoricar.

Mais algumas noites se repetiu a aventura, com acquiescencia da irmã de Cassesse que ia disfarçadamente tolerando certas liberdades proprias dos verdes anos, enquanto o tio intolerante ia dormindo a sôno solto e muito descansado dentro da cobata ao lado da velhota, sua companheira...

Entretanto bastantes dias, mesmo semanas eram decorridas, quando carta do meu bom amigo e protector Roiz Simões me anunciou que a casa em Maculumbi estava pronta para começarmos o negocio.

Já inteirado do comercio e experiente dos amores indígenas, fiz as minhas despedidas ao aviado e às bonitas moçoilas de Cauala, e, aprontada a tipoia, regressei a Massangano onde Samba-eb nos esperava com interesse.

IV

Espiritismo negro

Bons tres ou quatro mezes havia já que estavamos instalados em Maculumbi, com Samba e Tunda, fidelissimos negros que mais eram meus amigos do que creados.

O negocio corria bem. De quando em vez Roiz Simões visitava-me. Tambêm eu ia frequentemente a Massangano.

As relações eram deveras cordiais; as vendas avultavam. Os cabindas auxiliavam muito. Quasi desnudado e apenas com alparcatas sem meias, eu não abandonava o alpendre onde a balança pezava cêra e coconote e os cahundos mediam azeite de palma que a todos os instantes eu ia despejando nos barris com que, ora para Loanda, ora para o Cunga e Bom Jesus e muito amiúde para Massangano ia remetendo em pagamento dos créditos em aberto.

A prosperidade acentuava-se; a permuta estava já sendo de bastantes contos de réis, que ainda a esse tempo não havia escudos nem centavos. Os filhos do povo, os indígenas, acarinhavam-me quanto

possível, tanto mais que já os entendia e com êles conversava muito na sua propria língua, perguntando-lhes por costumes, usos, tradições, adivinhas, jogos infantis e adágios, porque de tudo êles possuem grande copia à espera que os filólogos e os folkloristas se lembrem de ir ali colher n'aquêle riquissimo manancial de luz ainda por aclarar.

E a despeito de tanta ventura material, o meu espírito esvoaçava por outras esferas inconpreensiveis para os que me rodeavam.

E' certo que me viam a todos os instantes de lapis em punho a tomar apontamentos em cadernos. Julgava-se, porém, que só as contas do negocio me absorviam, por mais que em tal não pensasse.

Muito mais me deleitava o convite dos filhos da terra para assistir às cerimonias dum casamento — o *N'lemba* — ou aos funerais dum morto, — o *Itambi*, — do que a chegada duma quibuca de gentio, com trinta ou quarenta *sangas* de barro cheias de óleo de palmeira.

Duma vez recebi de umas negras velhas o convite para assistir a uma cerimonia de *cu saquela*, por uma mulher que se achava doente, e que tendo já tomado *quicalango* (erva babosa), *mudianhoca* (raiz de fedegoso), *catalanga*, *dongolondo*, *dangaluto* e outras ervas medicinais usadas na terra, não conseguira melhorar.

Cu saquela consistia em adivinhar por processos que entre nós podem chamar-se espiritistas, as causas, os motivos sobrenaturais da doença.

Este exercício de caracter muito particular, costuma ser reservado só para pretos, sendo rarissima excepção a presença de algum branco.

Eu fôra, pois, distinguido pelos filhos da localidade, como honra pelo muito que já me estimavam e queriam.

Aqui vai, pois, o leitor amigo assistir a um mistério do espiritismo negro em companhia de um branco que uma vida inteira foi e continúa a ser refractário a todo o sobrenaturalismo.

Noite fechada. Samba-eb acompanhava-me, enquanto Tunda ficára de guarda aos algodões e aos barris de polvora!

Principiava a ouvir-se algum borborinho, e por entre o copado arvoredo da extensa planicie entreluzia ao longe um frouxo clarão.

Aproximámo-nos do logar. Era um recinto relativamente pequeno, especie de clareira a servir de terreiro defronte dumas três ou quatro cobatas.

Por uma delas entrava muita gente que ao sair traziam os olhos marejados de lágrimas e cantarolavam uma cantilena lamuriosa a carpir o estado grave do enfermo.

Em redor do recinto havia ao alto uns cepos em cujo topo se tinha escarvado um pouco para conter algum azeite de palma e uma torcida de algodão que fornecia luz mortiça e fumegante.

Ao bruxulear da pálida claridade oferecia o espectáculo daquelas figuras quasi completamente desnudadas um aspecto estranho, onde o natural

entremeava com o fantástico, dando uma sensação de mistério e pavor, principalmente aos espíritos mais mal petrechados como são os crentes daqueles exorcismos.

Os circunstantes eram parentes do enfermo, as suas mulheres, as suas molecas, os seus aderentes e tambem muitos curiosos e curiosas que vinham de longe assistir ao mistério.

Não tardou muita a chegar o *quibanda* que de longe vinha fazer o sortilégio.

Trazia um pano enrolado à cintura em ares de tanga untada de óleo de palma, assim como a cabeça, o tronco e braços. A tiracólo para um e outro lado pendiam cordas, correias e fios de contaria, onde êle dependurava o *jango* ou facão do mato, a caixa de tabaco de cheirar, uma especie de malinha contendo os ingredientes essenciais de feitiçaria, como cornichos, pedacinhos de pele de animal e certas madeiras aromáticas já reduzidas a pó, tais como *tacúla*, a *quiceca* e outras.

Na malinha nunca falta aos feiticeiros ou exorcistas de Angola uma infinidade de objectos de caracter misterioso — o *mavo* (terra branca), cola, gengibre, etc.

Do pescoço pendiam-lhe uns três mônos ou amuletos, pessima escultura de bonecos de madeira ou marfim, porcos, imundos mesmo, porque a cada libação ou comida tem o crente negro de cuspir e salpicar sobre os amuletos um pouco do que bebe ou come.

A cabeça, caprichosamente entrançada com mis-

sanga grossa chamada *cassungo*, Maria Segunda e outros, estava coberta de uma pele de fera.

A cara, enfim, astava matizada de barro amarelo a que chamam *pemba* e de *tacúla* que lhe punha no rosto laivos de vermelho...

Braços e pernas vinham cheios de argolas de ferro, vulgarmente denominadas manilhas, e empunhava uma espingarda lazarina de pedreneira e uma cabaça para aguardente.

Acompanhavam-no os músicos, portadores da *puïta* ensurdecera, e uns rapazelhos que traziam umas panelas misteriosas onde o *milongo*, remédio espiritual, haveria de preparar-se.

Pasmado eu estava do devoto recolhimento do meu Samba que, posto de cócoras, em atitude do maior respeito, seguia os menores movimentos do feiticeiro.

Forçoso era manter-me reverente perante a obra do fanatismo pagão daquele povo.

Ia dar-se princípio ao sortilégio. Atiaram-se algumas fogueiras no recinto, e os assistentes abriram espaço em circulo.

Após um silencio quasi absoluto, determinado por dois roncos de *puïta*, o quibanda ou cirurgião indígena, salientando-se no meio do recinto numa posição retezada, pergùntou aos assistentes:

— Acaso levais em gosto a morte do enfermo?

— *Cana n'gana*, de modo nenhum! responderam-lhe quasi todos, *una voce*.

— Algum de vós se acusa de ter concorrido para a doença do enfermo?

— *Cana'ngana!* repetiram todos.

— Sabeis de algum *meloge* — feiticeiro — a quem possa atribuir-se o estado perigoso do doente?

Ninguem esboçou nem sequér um gesto, muito menos se articulou uma palavra.

Fizera-se um profundo silencio em todo o recinto. Os circunstantes aguardaram cheios de recolhimento o veredictum do oráculo negro.

Escolheu êle dentre a multidão uma mulher que obrigou a sentar-se numa esteira de *mateba*, com o tronco vertical e as pernas muito horisontais, unidas e direitas, formando com o tronco um angulo recto.

Então o povoléu que se acumulava sôfrego de sensações em volta da mulher, deixando de permeio um pequeno espaço para as operações do feiticeiro, rompeu nuns cânticos ensurdecedores e desafinados, muito semelhantes a uma gritaria infernal, enquanto alguns negros iam avivando as fogueiras e as *puítas* cumpriam o seu dever de batucar uma pancadaria ensurdecedora, irritando os ouvidos e desafiando os ecos.

Para próximo e aos pés daquela mulher — especie de *médium* do espiritismo negro — vieram tres pedras destinadas a servir de apoio a uma caldeira misteriosa, pintalgada de vermelho, e amarrada em volta com liâmes do mato, obrigados a certos nós convencionais cujo sentido só ao *quibanda* era dado compreender, como sacerdote negro de N'gana Zambi — o Senhor Deus.

O que continha a caldeira? perguntei, simu

lando crença, e explicaram-me que ali dentro estavam certas ervas milagrosas, barro branco a que chamam *pemba* e muitos outros ingredientes que só o *quibanda* conhecia.

Ateiou-se o lume por debaixo da caldeira que a breve trecho entrou em ebulição, ao mesmo tempo que o sacerdote daquele culto ia pronunciando à boca pequena palavras de significação cabalística e dava a cheirar à mulher alguns perfumes activos e esquisitos.

E as *puítas* continuavam a tocar, a tocar desesperadamente. E o povo algazarreava uma cantoria descompassada com que se atroavam os ares sem ritmo nem cadência, mal deixando às vezes tempo para ainda se ouvirem alguns dos gritos de dôr, soltados lá de dentro da cobata pelo enfermo agonisante.

Já a feitiçaria da caldeira fumegava, enchendo o espaço com vapores muito aromáticos. A paciente, sempre obrigada à posição de angulo recto sobre a esteira, estremecia de instante para instante, cada vez mais. Bem se via que já não estava muito em si!

A confiança no que se estava passando, esta como embriaguez dos sentidos causada pelo emprego de cheiros muito activos, a excitação geral motivada pela estrondosa bulha a misturar-se com os dolorosos gemidos do enfermo e a gritaria do povoléo que se apinhava, tudo concorria a fazê-la perder a consciencia de si própria.

Agitava-se, convulsionava-se esgazeando os

olhos, inteiriçava os membros, contorcia-se enfim em requebros de saracoteio.

A breve trecho ergueu-se dum salto mais pronto do que o duma pantera, como se fôrça estranha a tivesse impelido, e ei-la de pé, passeando e falando ao povo, evidentemente fóra de si, privada de sensibilidade, mas discorrendo e gesticulando com relativo acêrto sobre factos certos sucedidos durante a vida do enfermo.

Neste momento soléne as *puítas* cessaram o seu ronco, e no povoléo em volta fez-se um profundo silencio.

Só ela falava, revelando casos espantosos relativos ao enfermo que dava sinal de si apenas com os gemidos de dôr sahidos do fundo da cobata.

Cassuto, o espírito maligno, explicava ela, apoderara-se do corpo do enfermo para atormenta-lo em vingança de amôres «lícitos» aos quais êle muito mal correspondêra.

E assim ia discreteando sobre casos amorosos ocorridos, referindo-se a alguem, cujo nome não mencionou, mulher que bem próximo morava e fôra *mucage*, esposa, que o enfermo abandonara e por isso se tornara sua inimiga e era causadora da enfermidade.

Houve indícios de grande indignação entre os circunstantes que logo insinuaram qual a pessoa a quem a possessa pretendera iludir.

Instantes depois, concluídas as revelações, a mulher soltou um imenso grito ao qual se seguiu um salto que a elevou a uma espantosa altura do

solo, e ao cair ficou de pé, tendo tornado a si, alegre, sorridente e tambem completamente esquecida de tudo que se passára pouco antes.

— *Uai ia'bo!* disseram uns para os outros que assistiram, querendo significar que já se evaporára o suposto espírito revelador que se tinha apoderado da possessa.

Os circunstantes desalinharam-se, depois que o *quibanda* terminou as suas considerações relatívas à doença e remédios a aplicar.

As cabaças de aguardente correram de boca em boca em libações repetidas e continuadas até à última gôta, depois do que todos, a um e um, homens, mulheres e crianças, em bicha como entre nós costuma dizer-se, foram entrando na cobata do doente a comprimenta-lo e despedir-se...

Quando já quasi todos se tinham recolhido, porque a cerimónia se concluira e as candeias do azeite de palma ameaçavam extinguir-se, tambem as *puítas* deram fim à sua infernal bulha.

De ha muito vinham os galos a anunciar a manhã aos mais madrugadores.

Embora com bastante custo, arranqueí Samb-eb ao extasis das cousas ocultas em que parecia ter-se deixado absorver, e recolhêmo-nos aos nossos esteirados aposentos.

Durante as poucas horas de sôno que restavam antes da labuta do dia, tive desassocegados pezadêlos a cogitar quantos séculos terão ainda de decorrer até que os povos se libertem dos erros da superstição que tanto lhes retardam o desenvolvimento.

V

Principe!

A protecção dispensada por Simões de Abreu e a necessária convivencia mais estreitaram os laços de mútua amisade e confiança que nos ligavam.

Despreocupado dos negocios que corriam bem e relativamente satisfeíto por antever a possibilidade de grangear recursos com que me embrenhasse no coração de Africa, eu ía passar às vezes dois e três dias a Massangano com o meu bondoso e deveras altruista amigo que ha pouco me informaram ter vindo acabar os seus dias em Portugal.

Confortavelmente repoltreado numa cadeira do gabinete contíguo ao estabelecimento de venda e permuta, eu saboreava os fumos do meu cachimbo, quando vi entrarem três negralhóes muito besuntados de óleo de palma, cobertos os corpos com uma especie de togas de flanela encarnada, os pés descalços e as cabeças de carapinha caprichosamente entrançada de missanga grossa.

Decorridos alguns minutos, durante os quais

nem mais um instante pensara nos pretos, entrou Simões no gabinete.

Trazia o sobr'olho carregado, como se estivesse de maus humores. Muito longe de antever o que sucederia, perguntei-lhe risonho o que queriam os freguezes de toga vermelha.

— São *macotas* (*) do Soba Quinebuto, um grande potentado da Quissama.

— A que vem essa gente? perguntei cheio de curiosidade.

— Não te rias, que o caso é mais sério do que pensas! me tornou Simões. Aquela leviandade amorosa do outro lado do rio pode custar-te cara... Quem sabe?!... talvez a vida...

Perante a inesperada perspectiva de uma nova aventura, não me foi possivel conter o riso.

— Sim, continuou o meu excelente amigo, a tua aventura da Quissama passou-se com uma filha de Quinebuto, um quasi rei daquelas terras...

— Cáspitè! respondi irónico.

— A preta queixou-se, e o régulo ofendido marcou preço ao *quituxe* (delito), procedeu e enviou os seus *macotas*.

— Era ela então uma princêsa negra?!

— Assim mesmo.

— E que pretendem os *macotas*?!

— Perguntaram-me por ti. Quiz fazer-me desentendido, mas logo compreendi que seria inconveniente. Preferi ouvi-los e atendê-los.

(*) Emissarios, representantes, ministros.

— E então?...

—Pozeram a questão nos seguintes termos: — ou o Branco consente em aceitar por sua mulher a filha do Soba, vindo viver para o interior comnosco, onde será principescamente servido e respeitado depois de pagar o *n'lemba*...

— Isso pode servir-me, murmurei sorridente. A perspectiva de principe é deveras sugestiva... E a outra ponta do dilema?

— A tua morte certa, cedo ou tarde, logo que a ocasião se lhes proporcione, o que não será muito dificil! tornou Simões em termos de desânimo.

— Pois opto pelo casório! respondi alegre, numa rápida deliberação.

Mais algumas palavras se trocaram, indo Simões levar a resposta aos *macotas* com quem se ajustou que o meu regresso á Quissama se fizesse na Lua Cheia do mez seguinte.

E enquanto isto se passava, eu ía resolvendo no meu espírito ainda então assaz romântico, estas contradições da vida.

Quem podera prevêr que teriam de terminar na realêsa negra de um Sobado bárbaro todas as minhas tradições de velho republicano federalista que desde 1875 viera, em Portugal, militando em prol de belas aspirações com José Elias Garcia, o então coronel Gilberto Rola, o tão distinto quão vilipendiado Carrilho Videira, o ex-padre João Bonança que nas letras veiu a notabilisar-se, o simpático Reis Dâmaso, o primoroso poeta Teixeira Bastos

e o erudito mestre Teófilo Braga, todos já falecídos, e tambem o general Correia Barreto, o doutor Magalhães Lima e poucos mais amigos nossos que ainda sobrevivem para assistir ao aparente desmoronamento dos grandes ideais!

E nas visões alucinadas de um temperamento irrequieto, fantasiando uma recepção soléne nas terras de Quinebuto, eu supunha-me Livingston entrando no reino negro de Uganda! ¡

Não que as minhas opiniões tivessem degenerado, mas o espírito de curiosidade impelia-me.

A sofreguidão de ver e saber impunham-me o completo desapego da vida. A necessidade imperiosa de estudar no grande livro da naturêsa podia mais que o chamado instinto da própria conservação.

O tempo urgía. Assentes os assuntos relativos ao negócio de Maculumbi, cuidou-se dos preparativos para a jornada que os levianos amores me tinham imposto.

Simões de Abreu fôra de um auxílio impagavel, na organisação de todos os necessários e na prodigalidade dos seus conselhos fundados na experiência dos longos anos de uma vida de sertanejo.

Cuidou-se primeiro do presente de noivado, o *n'lemba* dos indígenas, que os brancos aportuguesaram com o nome de *alembamento*. Constava de algumas peças de *maclusso* e *tafaxís* (especies de fazenda) e algodões, várias ancoretas de aguardente, macetes de missanga, cintas, barretes encarnados,

machetes de cortar mato, algumas espingardas lasarinas e bastantes barrilinhos de pólvora.

Para o Soba Quinebuto preparou-se uma farda encarnada, das que então ainda serviam aos artilheiros inglêses e um chapeu armado com que logo calculámos que o meu prometido sôgro devia ficar lindissimo! ¡

Não esqueceu um atado de cousas indispensaveis para meu uso, e que constavam, não de calças nem ceroulas, mas de muitos panos de enrolar à cintura, uma outra fardeta de soldado de cavalaria, uma navalha de barba e, muito a ocultas, um revólver Lefaucheux e respectivas cargas em número reforçado.

Quizeram Samba-eb e Tunda acompanhar-me, pelo que igualmente se lhes cuidou das suas cargas de cabeça.

E enquanto tudo isto se preparava, ia a ampulheta do tempo decorrendo, com o que cada vez mais no meu íntimo se desenvolvia o anceio pela estranha aventura, donde aliás, muito confiado na própria actividade e saúde, contava saír-me bem e muito a salvo.

Simões de Abreu iniciava-me nos mistérios da vida negra dos sertões.

— E' provavel, dizia-me ele, que nos domínios do Soba já todos aguardem a tua chegada que deve tornar-se um acontecimento, por ser um branco que pactua com o gentio e entra para a familia de um potentado negro. Vais rodeado de considerações. Não te desmanches, que ainda poderás vir a

ser feliz no novo meio a que tão voluntariamente queres sujeitar-te

E neste devaniar de conselhos e instruções foram decorrendo os dias até que a Lua aprasada apareceu no Céu.

Ghegaram algumas fileiras de Quissamas ajaezados com os seus melhores licondes e guisalhada. Eram carregadores de tipoia e portadores de carga.

Ao ver-me fizeram-me rasgadas saudações de respeito em salamaleques vários assás grotescos.

Feitas as despedidas que o pessoal obrigou a repetidas libações, entrei na rêde que dois valentes Quissamas pozeram aos ombros, e, precedido pela grande *quibuca* ou fileira de carregadores que formavam uma extensa linha a um de fundo, descemos ao porto de Massangano, do lado do Cuanza, onde já nos aguardavam vários *dongos* e *lungos*. (1)

Depois de transportados à vara para a margem esquerda do rio, saltámos em terras de Quissama, onde bastantes indígenas estavam à nossa espera, aguçados pela curiosidade.

Reorganisou-se a *quibuca*, e pozemo-nos em andamento, embrenhando-nos cada vez mais no interior daquelas ainda misteriosas regiões.

Samba e Tunda, durante o trajecto, não saíam de perto da rêde em que eu jornadiava. Os outros cantarolavam estribilhos adequados ao caso, para eles tão soléne quanto para mim grotesco.

---

(1) Canôas muito grandes ou muito pequenas feitas de mafumeiras (arvore) escavadas.

Da minha parte, com os olhos fitos em tudo que me rodeava, eu ia de mim para mim fazendo observações relativas aos novos aspectos que a paisagem oferecia.

O que mais predominava era uma quasi absoluta aridez só interrompida pela presença de umas árvores muito grandes, de caule exageradissimamente grosso a lançar ramos soltos para o alto e para os lados.

Eram os *baobahs* ou adansónias gigantes que pela desmesurada grossura do caule, ali se aproveitam como cisternas naturais da agua das chuvas.

Aos campos áridos onde só os tristes baobahs medravam, seguiam-se de quando a quando extensos palmeirais a proteger uma ou outra povoação de cobatas e *cangúlos* donde os velhos, as raparigas e os pretinhos completamente nús, corriam a vêr e a saudar.

Quanto mais nos aproximávamos do termo da pitoresca jornada, com mais frequencia se ouviam tiros de regosijo disparados nas varias *senzalas* agora já bastante frequentes.

Eram como salvas de respeito. A realêsa principiava a subir-me à cabeça! Que iria passar-se? Como seria recebido? A que tortura de costumes teria de submeter-me? Que humilhações me esperavam?

Nas aldeolas mais próximas, já em terras do Soba, aos tiros repetidos juntavam-se cantos, muitos cantos indígenas e multiplices bebedeiras... cosmopolitas!

Iamos chegar ao fim. Gosando extraordinariamente as sensações desta como primeira tragédia de uma vida lançada aos acasos das circunstancias, só confiado nas faculdades de trabalho e resistencia, anhelávamos pelo desenlace da obra iniciada.

Era o momento preciso. Muitos tiros soltos, brados imensos, um borborinho continuado, toda uma colónia negra a algazarrear e a paragem da tipoia, indicaram-me que estavamos no termo da jornada, com notaveis indicios de um sucesso ruidoso!

Apiei-me. Tunda e Samba parecia exultarem de contentes, o que muito concorreu para o meu socego.

Depois de relancear a vista em redor, no intuito de orientar-me, nem o meu prometido sôgro, nem a escura noiva me fôra dado vêr. Em compensação indicaram-me uma espaçosa cobata para servir-me de aposento provisorio, e ladearam-me de *muleques*, serviçais, carregadores às ordens, muitas filhas da terra, além do pessoal privado que consistia num *macota* ou ministro às ordens e um *quibanda* ou feiticeiro que me cuidasse da saúde e adivinhasse os malificios.

E na pequenez de tudo isto cheguei a sentir-me grande, sem contudo revogar o mais insignificante pormenor das teorias que até então perfilhara.

Sentia-me provisória e relativamente bem. As refeições eram-me servidas... no chão, sobre uma esteira. Comidas da terra, serviço indígena bem apimentado de malaguetinhas e acompanhado de

massa de fuba de mandioca, o classico *n'fundgi* que se comia com as mãos e servia de pão onde não o havia!

O *macota* e o *kibanda* eram meus comensais... do chão!

Conversava-se bastante. Valia-me, porém, como intérprete o meu dedicado Samba-eb, sem o qual só metade do que me dissessem eu perceberia.

Ainda não era bem decorrida meia semana, quando o *macota*, tendo conferenciado com o Soba, designou o dia em que a minha noiva me seria entregue depois de realisadas as cerimónias do estilo às quais ele proprio com subido gosto presidiria.

O meu presente fôra entregue de véspera, e no dia seguinte vieram buscar-me, desta vez em machila confortavel.

A imensa cobata do meu convencional sôgro Quinebuto ficava perto. Já ali eu era esperado por grande aglomeração de negralhada e muitos instrumentos de música, entre os quais avultavam as marimbas e as *puítas*.

Eu ía interessantissimo! ¡ Os panos pendiam-me da cintura, e a farda assentava-me sobre a pele do corpo como uma luva! A cabeça estava coberta com um boné dos que usavam os soldados inglêses, como se fosse caginga!

Cheguei a sentir-me tão vaidoso que até me quiz parecer que eu era alvo do olhar das mais lindas pretas dos arrabaldes...

Doutro lado ouviram-se alguns tiros e uma algazarra ensurdecedora.

Era N'dala-Yangue, a minha noiva que chegara. Vinha radiante de colares, com os seus manipansos pendentes do pescoço, panos ricos da Costa a cobrirem-na desde o peito aos pés, e muitas manilhas nos braços e tornozelos, o que lhe dava bastante graça.

Olhava-me ela de soslaio, mas com certo interesse muito mais facil de interpretar do que aquele com que tambem eu mirava e remirava... Uma curiosidade cheia de dúvidas e receio.

A minha prometida trazia contas grossas enfiadas nas tranças da carapinha untada de óleo de palma...

— Para que estarei guardado? conjecturava eu sorridente, a fim de que ninguem me supreendesse a menor hesitação.

Defronte da cobata de Quinebuto estendia-se uma grande esteira sobre a qual havia umas três ou quatro *kibacas*, especie de tamboretes diferentes em altura.

Além do *macota* e do *quibanda* ao meu serviço, outros quibandas chegaram acompanhando o *N'ganga*, ou grande sacerdote que se diferençava de todos.

Era chegado o instante. Ia principiar a cerimonia destinada a encorporar-me na côrte aristocrática do grande Soba.

O povoléu afastou-se um pouco para dar logar ao que ía seguir-se.

Por indicação dos Quibandas sentei-me na esteira, e um deles com certo ar de solenidade dizia-me cousas que eu não cheguei a compreender.

A elas, porém, respondia com grande recolhimento: — *Xin n'gana*, sim, senhor — conforme Samba me tinha aconselhado.

E mandaram-me sentar no tamborete mais baixo.

O Quibanda continuou a dizer-me novas cousas. Repeti o sacramental *Xin n'gana* e sentei-me no imediato.

Tais palavras deveriam ser conselhos e pareceres em resposta aos quais o meu invariavel — *Xin n'gana* — estava por certo muito bem cabido.

E assim, de tamborete em tamborete, cada vez me ía sentindo mais alto... nos tamboretes e mais elevado na hierarquia social... da Quissama.

Fez-se então aquele silencio, percursor habitual dos grandes acontecimentos.

Era a vez da minha noiva.

N'dala-Yangue, com passos vacilantes, seguida das suas aias tão negras como ela e que, tambem como ela, não conseguiram mudar de côr a despeito da grande comoção de que parecia estarem possuidas, avançou uns passos e acercou-se da esteira onde eu próprio já estava muito bem assentado nas alturas que a pragmática indígena me atribuia como principe... *in partibus*.

O N'ganga, revestindo-se daqueles ares de solenidade concebiveis em povos bárbaros, dirigiu-se à menina, falou-lhe em termos que seriam de amôr e mansidão, e aspergio-a com borrifos de saliva directamente saídos d'aqueles aguardentados lábios.

Senti o quer que fosse de repelencia; aqui devo

confessá-lo. O que ainda mais me repugnou foi a possibilidade de tambem eu vir a ser aspergido com o cuspo sagrado daquela negra boca que na ocasião figurava de pia de agua benta!

Pela mão do N'ganga e acompanhada do seu cortejo de molecas, foi N'dala-Yangue trazida á *quibaca*, tamborete que especialmente lhe fôra destinado á direita e á ilharga do meu.

Por um impulso que não sei bem determinar se de amôr ou de conveniencia, abraçámo-nos cordealmente.

No mesmo instante abriu-se a porta da grande cobata e apareceu o Soba Quinebuto que nos abraçou como bondoso pai que queria ser.

Beijei-lhe as mãos num bem simulado gesto de comoção, e o N'ganga, tendo recebido do Soba os *iteques* ou manipansos mal esculpidos, logo m'os dependurou ao pescoço, depois de pronunciar palavras cabalísticas cujo sentido não me foi dado apreender. Logo compreendi, porém, que não poderia mais comer nem beber sem repartir com os meus deuses!

Estava terminada a cerimónia á qual ía seguir-se festa rija.

Os instrumentos indígenas atroaram os ares, ouvindo-se descantes de ensurdecer, mal escutados por causa das descargas de espingarda que de todos os lados repercutiam.

Seguiram-se os presentes do noivado. Alí tivemos de permanecer nas nossas *quibacas*, um ao

lado do outro, como noivos que se amavam, a receber os covilhetes de cêra, as tranças de tabaco sêco, os dentes de cavalo-marinho, as *bindas* de azeite de palma, os cachos de bananas, as pedras de salgema e quantas mais cousas o povo nos quiz ofertar á maneira que ía passando como em cortejo de vassalagem por diante de nós.

E enquanto esta parte durou, o terreiro ía-se transformando em feira, o *maluvo* ou vinho intoxicante das palmeiras corria a flux e o meu negro sôgro bebia sem conta...

Então, com a minha noiva deveras risonha, o meu ministro e o *quibanda*, todos instalados em tipoias, regressámos à cobata inicial onde já sobre a esteira nos esperava uma suculenta refeição indigena.

Tanto Samba como Tunda não nos largaram um instante, correndo sempre atraz de nós com a maior dedicação.

VI

No trilho dos hipopótamos

....

E por lá me conservei alguns mezes antegosando os prazeres efémeros de uma realêsa prometida e nunca desejada.

O ambiente era pouco deleitavel: — cobatas, palmeiras e negros. As relações nulas, os assuntos inteiramente puerís como pueríl era o povo que os tratava.

Perdera-se a noção da cronologia. Já nem se diferençavam dos dias de semana os domingos, nem sequér me era lícito saber em que mez estava. Os meus futuros vassalos contavam o tempo por Luas, meias e quartos.

Um dia fui procurado por meu sôgro, que me disse:

— Vocês, os brancos, teem a virtude de garatujar num papel ou cousa equivalente tudo quanto querem que se perceba lá muito longe. Pois bem, escreve *mucanda* [1] para o Dondo e manda vir

---

[1] Carta.

o que quizeres, a fim de pôr loja para a gente da terra.

A lembrança de me estabelecer sorriu-me.

— Nada virá sem dinheiro ou valôres, pai Quinebuto! lhe disse eu.

A resposta foi simplesmente: — *Izá no!* vem comigo!

E lá me levou a uma grande senzala de cobatas espaçosas. A uma e uma, foi abrindo-as com uma tranqueta de pau que muito pomposamente se considerava chave, e os meus olhos viram montanhas de *sangas* (1) e panelas de barro cheias de azeite de palma já coalhado.

— São os meus tributos, me explicou o Soba. Dispõe d'eles, como se teus fossem.

Dadas as ordens para a formação da *quibuca* ou fila de carregadores, lá seguiram a um de fundo, carregados de azeite, em direcção ao Dondo com carta e ordens para o negociante Manaças.

Decorridos alguns dias, regressaram com fazendas e aguardente, que fui mandando arrumar numa cobata destinada para loja.

Balcão e prateleiras eram toscas, feitas de *empélas* ou hastes da rama dos palmares: o suficiente para se fazer bom negócio.

E entrei a devaniar deliciosamente sôbre os novos aspectos da minha vida, com éstabelecimento próprio à custa do capital alheio, comprando, ven-

---

(1) Espécie de potes de barro de boca muito larga.

dendo e permutando, seguro e a salvo, sob a égide do potentado da circunscrição!

Não tardou que eu notasse, porém, que N'dala-Yangue, a minha querida noiva, era a melhor consumidora de cachaça, e as suas molecas gastavam das mais vistosas musselinas e das mais belas missangas, sem cuidarem do preço nem do valor.

Logo de madrugada avistava eu, quasi sem intermitencias e a pouca distância, o meu estimado sôgro Quinebuto, que, de pausinho na boca a pulir os dentes, vinha acompanhado das suas *acages, acaginas, bicas* (1) e serviçaes, para o mata-bicho usual da manhã. E principiavam as libações!

As prateleiras despejavam-se a fornecer panos e mais necessidades para as mulheres do Soba.

E eu, na qualidade de dono putativo, limitava-me a servir humildemente o que se me pedia.

E adeus negocios, adeus devaneios, adeus esperanças!

Numa deliciosa manhã, não sei bem de que mez, nem bem ao certo de que ano, talvez 1878, avistei ao longe uma extensa *quibuca*, fileira de negros, que em vez de cargas às costas, traziam machetes nas mãos.

A' sua frente vinha Quinebuto.

Senti-me estremecer. Pensei que houvesse ordem de matar-me e que aqueles seriam os derradeiros instantes da minha vida.

---

(1) Esposas, amantes consentidas, escravos.

A linha de rachadores serpentiava por entre as clareiras e vinha aproximando-se.

Quanto mais perto os via, mais me sentia confranger. De nada o rewolver me serviria contra tantos. Samba e Tunda parecia nem respirarem, tal era o receio que deles se apoderara, quando a linha de lenheiros fez alto e o Soba se me dirigiu em termos mais consoladores.

—Ahi tens, meu *jungo* ([1]), me disse êle; ahi tens gente para derrubar lenha e construir uma casa mais adequada à tua nova posição.

Respirei melhor e saí com os rachadores a abater madeira para construír...

Doutra assentada foi-me anunciado que eu teria de ir ver o mar pela última vez antes que me chegasse o momento de ser Soba.

Cumpri, mas logo planeei iludir Quinebuto e a filha e ausentar-me por maneira que nunca mais eu fosse encontrado por aquela gente.

E do plano à realização pouco mediou. Num rasgo de audacia, acompanhado por Tunda e Samba, meus únicos confidentes, conseguimos iludir a vigilancia e, durante uma noite inteira em que nos julgaram adormecidos, atravessámos os bosques e as matas por veredas desusadas, até que ao amanhecer avistámos já perto as aguas do Cuanza.

Chegados á margem oposta, aguardámos a noite para recolhermos a Massangano sem ser vistos.

Alı recebemos instruções àcerca do estado dos

([1]) Branco fino.

negocios. Roiz Simões d'Abreu tinha satisfeito todos os meus encargos, restando entregar no Cunga, oito barris de óleo de palma por saldo e quitação de contas.

— Podes tu mesmo leva-los, me disse ele.

— Como?

— Amarrados a um dongo, quatro por banda. Como o azeite é menos denso do que a agua, não irão para o fundo.

Nem curei de saber se a razão era exacta.

Em Maculumbi fretei um *dongo* e quatro ximbicadores. Com cordas do mato ligaram-se os barris e fomo-nos rio abaixo.

Samba-eb improvisara uma especie de toldo com ramas de palmeira, debaixo do qual me recostara, quasi semi-nú por causa do calor, e assim seguimos viagem, evitando os redemoinhos que às vezes são perigosos e procedendo ao trabalho violento de pôr a nado a canôa que muito amiude encalhava nos baixos de areia por ali muito frequentes.

A viagem era trabalhosa e os barris de reboque ainda mais a dificultavam.

O dia passara-se com deleite, vendo os muitos e engraçadissimos ziguezagues do curso do rio, os frondosos palmares e coqueirais das margens, os caprichosos recortes dos bancos de areia e as ilhas movediças de capim e mato que continuamente véem na corrente até que se precipitam no Oceano.

A margem direita, por aqui e por ali, era de terrenos muito baixos e planos que as aguas na

cheia tinham invadido, abrindo vastas toalhas liquidas que estabeleciam uma intima ligação do rio com as lagôas próximas.

Ia-nos anoitecendo. Os pilotos ximbicavam com força, porque sentiam urgencia de chegar ao Cunga antes que fosse noite alta.

Receiavam com razão afrontar os perigos de uma viagem nòturna. Eu, porém, estimulava-os com alguns copos de aguardente e a promessa de uns macetes de missanga para as suas companheiras, assim que chegassemos ao termo da viagem.

Ximbicaram, pois, com muito mais força em vista da proposta... e do mêdo!

Mal pensava eu, tão descuidoso, os perigos a que se expõe quem desacauteladamente se mete a navegar em canôas de noite pelo rio Cuanza cujo leito húmido se acha povoado de monstros verdadeiros e fantásticos que saem para fóra da agua ao ataque das presas que encontram.

Cantarolava-se para animar a faina. Samba-eb continuava abanando-me por causa do calôr e dos mosquitos.

Navegávamos nessa ocasião pelo meio de um tapete de capim verde e muito espesso que cobria as águas.

De repente os pretos interromperam a cantarola para falarem mais baixo.

Não percebi o que diziam. Notei contudo que algum facto novo estava ocorrendo, tanto mais que Samba-eb, sempre assíduo e cuidadoso, distraía-se

do trabalho de abanar-me, para quasi em segredo conversar com os pilotos do *dongo*.

Atribuí o caso a alguma das muitas banalidades que tão amiúde absorvem o espírito dos indígenas, e completamente despreocupado carreguei o cachimbo e acendi um fósforo.

N'este momento Samba-eb, mais veloz do que o raio, correu para mim, e precipitadamente apagou-me o fósforo entre as palmas da mão, gritando-me em convulsões de terror:

— *Gimúna, n'gana!* apague, senhor!

— Que é isso? perguntei entre indignado e recioso.

— *N'guvo, n'gana iáme!* o cavalo-marinho, meu senhor!

— Onde?!

— *Iná, n'gana!* acolá, senhor!

E com o indicador apontou, fazendo-me descobrir atravez da escuridão de uma noite toldada, a enorme cabeça de um hipopótamo que, postado nos baixos, dentro de agua e apenas a uns vinte metros de nós, estava a pastar, atroando os ares amiudadas vezes com os seus medonhos estrugidos.

Corre como certo que as féras em Africa fogem da luz. Com os hipopótamos dá-se o contrário: procuram-na de preferencia, aproximam-se d'ela. Por isto Samba não hesitara um instante.

— Que fazer?! perguntava eu entre as brumas de uma noite sem estrelas nem luar.

— Esperar, respondiam-me todos. Esperar, senhor! esperar muito quietos até amanhecer!

Desconsolador alvitre! Achavamo-nos no meio de capim encharcado. A humidade repassava-nos.

Á direita, apenas a poucos metros de distancia, ficava-nos a margem do rio, toda alagada, como se fôra uma espansão do mesmo rio.

Os uivos repetiam-se, o receio aumentava e o mal-estar tornava-se indescritivel. Os mosquitos vinham em legiões morder-nos e torturar-nos a todos os momentos.

A aproximação da terra que nos ficava tão perto, oferecia dificuldades, não só pelo reboque dos barris atrelados que nos impediam de romper atravez do denso capim, como pelo receio de atraírmos uma investida dos cavalos-marinhos.

Então propuz um outro alvitre que foi aceite não sem relutancia, mas em obediencia às minhas indicações.

Amarraram-se os barris de azeite de palma ao capim, muito de mansinho e no meio das mais densas trevas por não despertar os monstros.

Depois, já provisoriamente livres do reboque, fomos rompendo a custo por entre o cápim muito amassado pela humidade, até que o *dongo* chegou a contacto com a margem.

Novas difiicuidades surgiram! não havia ali desembarcadoiro preparado; tornava-se-nos necessário trepar.

Como fazê-lo, porém?

Não nos era lícito empregar luz de qualquer especie. E quem nos garantia que não houvesse

por ali emboscado algum jacaré que nos atacasse, aproveitando-se da trevas!

Samba-eb saltou primeiro. Com dificuldade o segui.

— Terra! clamei. Estamos salvos!

Na realidade, porém, os perigos não tinham desaparecido. A terra era deveras alagadiça.

Descalço, mal coberto de roupão de chita e calças de enfiar como era de uso, os estiletes dos mosquitos atravessavam-me a fraca roupa e sugavam-me o sangue no meio de dolorosas ferroadas.

Quando já todos tinham saltado em terra, depois de bem amarrado o *dongo*, alongou cada qual a vista em diversas direcções como quem pedisse á escuridão um abrigo.

O ronco dos cavalos-marinhos continuava a ouvir-se cada vez mais perto.

Nem uma luz, nem a menor claridade se distinguia! Ainda tentámos acender fogueiras, já que em terra nos considerávamos ao abrigo do ataque dos hipopótamos. O capim, porém, estava completamente encharcado. Nem um pau de lenha! nada!

Resolvemos percorrer a margem á procura de alguma cobata.

Ainda bem não déra um passo, quando soltei um grito estridente, porque me faltara o chão debaixo de um pé! Era um buraco de dois bons decimetros de diâmetro onde o pé e a perna se me sumiram até ao joelho.

Quasi simultâneamente ouviu-se um outro grito de Samba-eb a quem sucedera o mesmo. E os xim-

bicadores que queriam seguir-nos, foram encontrando identicos percalços.

Parecia-me estar no mundo dos mistérios. Ainda assim tentei continuar, no que Samba não consentiu, preferindo ir ele proprio adeante á descoberta. E foi.

Ocorreu-me, ainda que com dificuldade, acender um dos poucos fósforos sêcos que me restavam, e então examinando o terreno, reconheceu-se que os buracos em que as pernas se nos sumiam, eram as pègadas dos numerosos cavalos-marinhos que por ali transitavam na solidão da noite e nos faziam estremecer com os seus rugidos.

Estavamos pois, no trilho dos hipopótamos; era mistér evitar aquela situação.

Decorridos alguns intantes, ouviu-se um baque de corpo no charco e um grito aflictivo de Samba-eb que esbracejava a toda a pressa, para conseguir a margem oposta do riacho em que tinha cahido.

Dei uns passos á frente para inteirar-me do que ocorrera, mas logo me senti precipitado da altura de uns bons dois metros.

Samb-eb, já da banda oposta, gritava-me aflicto:

— *O muige, n'gana! Lenguluca!* Ribeira, senhor. Fuja depressa!

— *Quingando alla cu iza!* ai veem os crocodilos! continuava ele a gritar.

Caíramos na ribeira, e tive de nadar o mais depressa possível para evitar o jacaré que por ali é muito frequente.

Quando já todos a salvo, sentimo-nos livres dos dois grandes inimigos do rio Cuanza.

Ainda era, porém, relativamente cedo; a noite prometia tornar-se-nos insuportavel, no meio das trevas, expostos aos ataques dos mosquitos que às nuvens infestavam o ambiente, e sujeitos à visita inoportuna e perigosa da onça ou à mordedura de alguma serpente venenosa, por ali muito abundantes.

Todos foram, pois, à busca de combustível, que só foi possível achar-se, mais sêco, d'ali muito longe: — lenha miúda e capim.

Acendeu-se então uma imensa fogueira, cujas labaredas ameaçavam lamber as nuvens, e ao clarão verificámos que a grande distancia em volta não achariamos uma única cobata onde nos abrigassemos.

Ali resolvemos pernoitar sobre a terra encharcada, matando o tempo a contar historias e assando alguns *cacussos* sêcos.

Ao alongar a vista para o lado do rio, quando as labaredas no-lo permitiam, descobrimos, não um, mas tres majestosos cavalos-marinhos, postados como nos tres vértices dum triangulo cujo centro era ocupado pelos oito barris de óleo de palma.

Longa e incómoda nos foi aquela noite que o proprio horror tornou grandiosa.

Quando já sol nado, distinguia-se perfeitamente dum lado o leito do rio, quasi até ao centro coberto de capim encharcado, especie de tapête de verdura ondulante, no meio da qual flutuavam os barris.

Para a banda de terra, desdobrava-se-nos uma vasta planície de capim húmido, que ao longe era limitado por espessos palmares e coqueiraes.

Nem uma só cobata que por ali perto nos indi-

casse a presença de habitantes! Ali era o exclusivo senhorio de reptis, anfibios, onças, lobos e outros monstros da criação.

Victoriosos de tão grande luta, reembarcámos no *dongo*, atrelámos os barris, e conseguimos chegar ao Cunga donde acabava de levantar ferro um dos vapores de fundo chato da casa Newton, Carnigie & C.ª de Loanda.

VII

No coração de Africa

Não cabem aqui as interessantes reminiscencias de bons cinco anos passados no interior de Africa numa contínua e sempre estranha jornada de aventuras, sem dinheiro nem fazendas que valessem para permuta, sem roupas, sem bagagem, sem armas de defêsa, sem conhecimentos teóricos nem práticos das regiões a percorrer: sem recursos, enfim, de qualidade alguma, só fiado na imensa resistencia física e na coragem infinita para arrostar com todas as dificuldades da vida.

Do Cunga à catarata de Cambambe em tipoia fôra relativamente facil, embora tivessemos de fazer desvios de caminho para evitar as margens do Cuanza onde algum inesperado encontro com os meus antigos vassalos poderia, como parca implacavel, cortar-nos o fio da existencia.

Já completamente desprovido, iniciei a pé os trilhos que me conduziram à chamada Pedra da Feitiçaria onde noutro tempo os Quissamas usavam precipitar os seus condenados.

Ainda prosseguimos na penosa jornada, ora a pé, ora em *lungos* (pequenas canôas) que nos emprestavam, até alcançar Malange, a última estação de brancos próximo do alto Cuanza que ali se desvia para o sul, por terras ainda então não avassaladas.

Os dois Cabındas eram os nossos únicos companheiros. Eles ajudavam a conseguir nas senzalas alguma fuba e farinha de mandioca, batata dôce e ás vezes frutas indígenas com que nos alimentavamos perfeitamente.

Longas páginas de comoção poderiamos aqui preencher com as peripécias desta jornada, tanto mais que de Malange em deante recresceram as dificuldades.

Algumas das regiões atravessadas, percorrem-se hoje com um relativo conforto em carruagens de caminho de ferro e até mesmo em automoveis.

Então, porém, a Malange não iam muitos brancos, a Tala Mugongo só raros e para o interior ou pelos afluentes do Zaire acima quasi nenhuns se atreviam.

A cordilheira de Tala Mugongo sorria-nos. A ela chegámos, achando-nos daí por deante em plena Lunda, tal qual o major Henrique de Carvalho no-la deixou descrita numa série de pormenorisados volumes.

Massongos, Bângalas, Minungos e Quiôcos, habitantes do desmantelado Imperio do Muata-Yanvua, por lá vivem a sua vida social, consoante o estado relativamente rudimentar de civilisação em que se encontram. Organisados em senzalas, formam acaso

tribus que diferem umas das outras no penteado, no modo de lançar os panos, nos motivos de tatuagem e tambem nos sistemas diversos de pesca adoptados no curso dos varios rios da região, a maioria dos quais são sub-afluentes do caudaloso Cassaï que ao Zaire vai dar.

Uma qualidade em todo o interior de Africa Central existe, — a hospitalidade — no mais lato sentido do termo.

Se não fôra essa virtude, não houvéramos de atrever-nos ainda muito mais para além do Cassaï, nem os Cabindas tão dedicadamente nos teriam acompanhado.

De onde estavamos, tanto poderiamos buscar o Cassaï e descer para norte até ao alto Zaire, como procurar o Luena ou outro qualquer rio que nos conduziria pelo Barotse, pelos Matabeles ou pelo Zambeze até Pretoria e dali á Contra-costa.

Tanto mais que já haviamos consultado dois pombeiros (do sertão de Pomba), que na qualidade de práticos nos tinham dado bons esclarecimentos em inglês muito inteligivel.

O pior era a extenuação que principiava a fazer-se sentir. Não bastava o cansaço das longas caminhadas por veredas de pé posto, intransitaveis, charcos a atravessar e tantos mais percalços.

Acresciam peripécias que, além de perigosas, tornavam-se debilitantes.

Ocorre-nos citar, entre tantas, o ataque pavoroso do Kissonde. Foi o easo que, na travessia dum riacho, encontrámos um grande tronco derrubado,

a servir de ponte, no meio duma espantosa exuberancía de verdura.

Qutzera eu ir à frente. A meio da curiosa ponte deparou-se-me um montículo, ou antes um montão de barro vermelho amassado. Mais poude á curiosidade do que a prudencia e atrevi-me a escavar por baixo a ver se conseguiria decifrar o enigma do barro vermelho amontoado num logar onde em redor toda a terra era dum escuro carregado.

Como amiúde acontece no decorrer da existencia, o espírito investigador sofre às vezes o castigo da curiosidade que o impele.

Era um formigueiro o que eu arrombara.

A violação daquela como fortalêsa trouxera para fóra das suas muralhas de barro alguns milhares de Kissondes, formigas vermelhas e grandes que, a meio da tosca ponte me assaltaram, agarrando-me as carnes das pernas, dos braços, de todo o corpo, enfim, com as suas aguçadas mandíbulas, que não mais se abriam.

Torturado pelas violentissimas dôres, tomado mesmo de rancor, com os dedos já enclavinhados em garra, consegui arrancar de mim uma ou outra que preferia morrer, deixando se partir pela estreita cinta que prende o tórax ao abdómen, a largar a presa.

E do formigueiro continuavam saindo, não já aos bandos, mas em legiões infinitas, agarrando-se-me às carnes núas, por maneira que, a um grito dos cabindas que me serviu de aviso, precipitei-me no riacho, mal sabendo se seria preferivel morrer

feito em dois pela dentada formidavel dalgum crocodilo ou sucumbir às torturas múltiplas e simultâneas de muitos centos, acaso milhares do temivel *Kissonde*.

Tunda e Samba seguiram-me já dentro da agua, onde ajudaram a libertar-me dos terriveis insectos que me teriam ali mesmo acabado com a vida, se não fôra a dedicação dos dois verdadeiramente candidos negros ter impedido a possivel investida dos jacarés com o agitar contínuo das aguas.

Já liberto daquele e de muitos outros perigos, embora nem a bússola nem o sestante nos fossem companheiros de jornada, servia-me de orientação o Sol e algumas vagas informações para ir no sentido de noroeste à busca do rio Congo ou algum dos seus inúmeros confluentes e tributários.

Com o uso de canôas, onde os saltos e cachoeiras no-lo permitissem, contávamos então descer à costa do mar com um relativo descanso.

E bem preciso me era, porquanto, calando mesmo por agora as quasi infinitas mas sempre mais ou menos afadigosas peripécias desta jornada sem fim, eu principiava a sentir-me exausto.

Grande era a resistencia que a minha boa constituição oferecia às intempéries e inclemências. A irregularidade dos hábitos, porém, às vezes a insuficiencia de alimentação, a quasi impossibilidade das necessárias lavagens e abluções e tambem o permanente estado de dúvida, receio, hesitação e desconfiança ameaçavam depauperar-me o organismo.

Assim o pressentiramos, e sem a menor perplexidade perante os riscos que tão frequentemente se nos deparavam, decorridas não já semanas nem mezes, mas alguns anos de vida sertaneja, ignorada mas replecta das mais deseneontradas sensações, e tendo atravessado em dois ou tres logares o Cassaï, já dentro do então recente Estado Livre do Congo, foi-nos possível chegar ao rio Cuango que em poucos dias de tormentoso percurso nos levou enfim ao Zaire, tão almejado como meio de mais facilmente chegarmos à costa.

III PARTE
ATRAVÉS DO ATLANTICO

A caminho da costa

A poucos mezes estavamos da costa do mar. Duas ou tres semanas ter-nos-iam bastado, se dispossessemos dos meios e recursos necessários que por completo nos escasseavam.

Só a resistência ao sofrimento nos fazia triunfar das maiores torturas e contrariedades.

E assim de passo em passo, de salto em salto, acolhendo-nos de noite à sanzala mais próxima, valendo-nos de dia a hospitalidade gentílica que tantas vezes nos facultava canôas, até mesmo jangadas que nos levavam aos rápidos mais próximos, comendo por aqui e por ali o que se nos deparava em sociedade com os naturais, lá fomos seguindo à mercê do acaso que é o prótector dos menos protegidos.

Percorrida a região de Leopoldville, já a juzante de Stanley-Pool, descendo até Yallala, tudo são cataratas e cachoeiras a serpear numa largura de bons dois a quatro quilómetros, que tantos aqui me-

dirá o Congo, por entre rochas alterosas e escarpadas e ilhotas diversas a meio do rio, assim mais revoluteando as águas que no seu curso, se precipitam de boa altura como nos rápidos de N'kiusci, ou refervem em furiosos borbotões a desfazer-se em espumaceira.

Aqui a viagem tinha de fazer-se por terra, e valia-nos o encontro de vários mercadores brancos, belgas ou inglêses, que nos davam indicações, sem as quais ter-nos-iamos perdido através de matos fechados ou por veredas intransitaveis, faltos de tudo, já quasi exaustos de fôrças.

Vencida a extensa zona das cachoeiras, novamente alcançámos a margem do rio que já então ia alargando mais e deixava por aqui e por ali divisar alguns barquinhos de tipo europeu, escaleres, e mais para sul, alguns iates e vapores de rodas.

Não tardou que avistassemos o chamado Caldeirão do Diabo, imenso, largo, uma como baía de dimensões incalculaveis, encravada no meio de rochas alterosas dum vermelhão que muito fazia lembrar a côr do fogo.

Passada tambem a chamada Pedra do Feitiço onde dizem haver gravuras misteriosas de homens e animais, tabucámos em canôa para a margem direita do rio, e descemos um pouco até pôr pé em terra na povoação de Boma, em sitio onde o rio oferece uma largura que não será inferior a cinco ou seis quilómetros.

E assim chegámos ao termo da escabrosa jornada que tanto me acabrunhou pelas torturas que

tive de suportar, como prazer me proporcionou com os ensinamentos obtidos.

A minha situação oferecia à vista tudo quanto de maior ridículo pode conceber-se.

Trazia o corpo completamente nú, excepto da cintura para baixo, donde pendia um pano cuja côr já nem se distinguia: eu vinha nojento, sujo de poeira e cheio de arranhaduras do mato, já então muito sêcas e de bostelas prestes a cair.

Não estava o rosto empoado, nem sequér encardido; mostrava, porém, um aspecto deveras desagradavel, graças aos pêlos do rosto, que não tinham uma espessura de barba cerrada, mas abundavam dispersos e muito crescidos, com o que me tornavam exageradamente trigueiro, quasi mulato retinto.

Os pés, desprovidos de calçado, protegiam-se apenas por palmilhas de couro presas com atilhos do mato que as ligavam aos tornozêlos.

A completar este vestuário assaz primitivo, segurava um cachimbo indígena de barro com pipo demasiadamente comprido, e da cinta pendia-me um pequeno cacifo cilindrico de couro, contendo tabaco, isca vegetal e outras ninharias.

Não havia muito que vêr por ali ao redor, e a curiosidade era suplantada pela fome que podia mais.

Onde comer, porém?

Os cabindas sentiam-se agora muito mais à vontade do que eu. Entendiam-se com a língua que era a dêles com pouca diferença. As suas sanzalas já não lhes ficavam muito longe. Acercaram-se dum

grupo que comia peixe sêco, bananas de assar e farinha de mandioca.

Todos comemos e a conversação ia tornando-se de vez em vez mais animada, parecendo mesmo azedar-se.

Limitei-me a ouvir, sem perceber. Tunda e Samba eram os que mais se exaltavam, e na violencia da discussão a todos os instantes me soava aos ouvidos o vocábulo *puacos* que depois soube significar «originário da ralé», e as palavras *chiali* e *inhongo*, que na linguagem da região tem a idéa de pena, dôr, dó, tristêsa.

Facilmente conclui que eu chegára à última miséria e era objecto de lástima.

Vagueei por um e outro lado, até que se me deparou uma feitoria que pela bandeira içada conheci ser holandêsa. A construção era de madeira pintada e tinha à frente poucos degraus que subi, espreitando para dentro por curiosidade.

Dirigiram-se-me. Eu, porém, não os entendi. Por não ficar mudo, respondi-lhes qualquer cousa em inglês.

Compreenderam e sorriram-se.

Adeantei mais alguns passos e contei-lhes uma história, na propria ocasião inventada, para justificar a miséria em que me viam.

Consegui enternecê-los. Mandaram preparar me um banho, fiz a barba e logo me vestiram dos pés à cabeça com roupa, chapeu e calçado que, embora não fossem de qualidade superior, tinham a virtude de estar novos.

Assim consolado, já depois de me terem mandado servir uma abundante refeição, logo me senti renascer para as lutas da aventura.

No mesmo instante desprezei os panos, o cachimbo e mais acessórios de sertanejo, para adaptar-me novamente aos hábitos da civilisação!

A vaidade podéra mais em mim como em todo o género humano, do que a filosofia.

Não saíra eu da feitoria sem adquirir um espelhinho redondo de algibeira. Mirava-me e remirava-me, tendo chegado a convencer-me que estava deveras bonito, interessantíssimo mesmo!

Noblesse oblige!

Ainda pedi um charuto, e depois de agradecer tudo o que lhes devia, fui procurar os cabindas.

O meu andar era já outro. Puzera o chapéu um pouco à banda para maior elegância, e todo eu me bamboleava, empertigando o corpo e procurando tomar «pose».

Ao verem-me assim pretencioso e retezado, todos os que de mim poucas horas antes se tinham amerciado, não poderam conter o riso.

Samba e Tunda, a despeito da sua lealdade, nem sequér disfarçaram o espanto pela metamorfose operada.

E o caso é que eu próprio achei muito graça, rindo-me de mim mesmo com indizível satisfação que seria absoluta, se não me tivesse ocorrido a hipótese horrível do àmanhã misterioso da vida humana.

— Que iria ser de mim? perguntava a mim próprio.

No dia seguinte, já sem o apoio dos dois cabindas que não mais encontrei, vim a saber por estrangeiros com quem falava, que em frente de Boma, já um pouco a juzante, fundeara uma barca americana de três mastros que andava pelos mares à caça de baleias.

Era efectivamente uma balieira — a «Platina» —, capitão Gilbert e pertencente à praça de New-Bedford. Trazia tripulação mista. Faltavam-lhe ainda quási seis mezes de caça e aventura para recolher ao ponto da procedência, pois saíra para o mar numa comissão de ano e meio.

Foi um novo mundo que se me abriu a dentro da caixa dos miolos.

Uma balieira americana! que delicioso sonho! que ideal para cruzar os oceanos! Bons cinco a seis mezes pelo menos à tona dágua, fisgando tubarões ou palumbetas, arriando à baleia, gosando a majestade dos temporais!

E o sonho avolumara-se. O ideal concretizava-se, tomava formas e adquiria as proporções do realisavel.

Por informações colhidas vim a saber que o capitão tinha vindo a terra, e mostraram-mo de longe.

Eu vira-o. Era alto, um quási gigante, volumoso, loiro, muito vertical...

Tomando um resolução definitiva e inabalável como todas as resoluções de quem não tenciona mais ceder nem desistir, e já bem informado do logar onde o escalér da barca varara na praia, ali

perto me detive, aguardando a passagem de Gilbert, quando êle fôsse para bordo.

Não tardou muito. Saí-lhe ao encontro e perfilando-me como soldado, ergui a cabeça para poder fitá-lo, e falei-lhe em inglês para que logo me entendesse:

— Capitão!

Deteve-se e arqueou o corpo para poder ver-me.

— Não tenho que fazer em terra, lhe disse eu. Preciso de ir para bordo do seu navio. Estou pronto a trabalhar a minha passagem.

Mirando-me dos pés à cabeça, com certo desdém, que traduzia a dúvida se um corpo tão franzino seria capaz de resistir às agruras da vida do mar, perguntou-me irónico:

— Que sabes fazer?

— Tudo quanto a bordo os outros fizerem! foi a resposta rápida e perentória.

Sem que o desdém o abandonasse, novamente me interpelou:

— E's capaz de trepar aos mastros?!

— Como um gato.

— Sabes nadar?!

— Como um peixe.

A prontidão nas respostas, a franquêsa de maneiras e acaso a energia com que me expressei, parece terem-lhe agradado, visto que, após instantes de reflexão, resolveu:

— Vem para bordo.

O escaler foi posto a nado, os tripulantes remavam, e dez minutos depois, feita a atracação, tre-

pámos pelo escadote de cordas que pendia do costado da balieira.

O capitão Gilbert, dadas as suas ordens, recolheu à confortável câmara de ré, enquanto eu, como moço, fui acocorar-me nas coxias do castelo de prôa entre celhas, baldes e cordoalha.

II

Moço de bordo!

A barca *Platina* levantou ferro no mesmo dia em que embarquei. Ainda antes de comer, tive de dar volta ao cabrestante que então era movido por alavancas que se lhe iam metendo em volta e impelindo para que andasse à roda e suspendesse a âncora.

Nem um instante hesitei. Agarrado à alavanca que me coubera e fazendo das fraquêsas forças, lá ia manejando sem que fôsse fácil notar em mim o menor desânimo.

Descido o Zaire, o navio fez-se de rumo norte--noroeste, até que, decorridas bastantes horas de aragem fresca, avistámos a ilha de Anobom por sotavento.

A pouco e pouco fui percebendo que a minha situação era ínfima. Como moço de prôa, cumpria-me limpar as coxias dos tripulantes, os camarotes e acomodações do comandante e de mais quatro pilotos trancadores, ferrar pano, cozer lonas, matar a criação, e além de tudo, arriar ainda no

escalér do terceiro piloto que me foi designado para quando se avistasse baleia.

Todos me davam ordens, desde o capitão Gilbert até ao mais rude dos tripulantes. Todos me ralhavam, sem que me restasse outro recurso que não fosse o de ouvir, calar e obedecer.

Dadas as críticas circunstâncias, mas sentindo-me espiritualmente superior a tudo e a todos que me rodeavam, compreendi que bastar-me-ia serenidade e muita circunspecção para dominar o ambiente e melhorar de situação a bordo.

Que muito que assim viesse a suceder? O herdeiro de um trono que, embora não fosse de um rei, também não podia chamar-se um trôno de Santo António, dificilmente se resignaria sem resistência à humilde posição de moço e magarefe.

Pois quem soubera iludir a perspicácia militar como refractário, não saberia agora dominar a supremacia de gente boçal, embora mesclada de irlandêses, alemães e italianos?

Acaso a diplomacia com que durante bons cinco anos eu soubera fascinar os indígenas mais rudes de Africa Central, seria agora impotente para vencer a asperêsa d'estes brancos que, benévolos em terra, se mostravam tão tiranos a bordo?

Com este revolutear contínuo do espirito, adquiri a convicção do triunfo e planeei o melhor modo de conduzir-me.

Soara a hora do rancho. Cada qual arrecadara cuidadosamente a sua fregideira de ferro estanhado — a *pan* — em que nessa ocasião corria a buscar a

ração de carne de urco, vermelha, muito substancial e pronta a comer-se com pão, vulgarmente conhecida pelo nome de carne do norte.

D'esta vez tive de pegar-lhe com as mãos; contudo para a outra refeição tambem já eu escolhera *my pan* — a mais aciada de todas.

Ao segundo dia de viagem tive de matar um porco para fazer salga e até mesmo ajudar á faína dos chouriços.

A tal nunca fôra habituado. O que vira, porem, fazer-se no Matadoiro de Lisboa servira-me de ensinamento e satisfiz como se fôra um magarefe profissional.

Percebi que o meu trabalho agradara, o que para os meus propósitos tambem foi muito agradavel.

Navegávamos então no golfo da Guiné onde as chuvas costumam ser torrenciais e as trovoadas medonhas.

O vento vinha soprando rijo e o esfusiar das fitas de fogo com os seus ribombos e clarões intensificava-se de instante para instante.

Houve ordem de amainar algumas velas. Detive-me a ver os outros subirem para as vêrgas.

Não tardou, porem, que o piloto de quarto me apontasse com o chicote de um cabo as enxárcias, às quais imediatamente trepei com velocidade desusada.

Nunca até então me vira dependurado sobre a verga grande de um navio, com o vento a assobiar-me nas orelhas, os relâmpagos quasi a cega-

rem-me, e lá em baixo o navio como casquinha de ovo, a bailar no meio de vagas negras e alterosas.

Ferrado quasi todo o pano, descemos para o tombadilho, onde nos fômos acolher por debaixo de um escalér balieiro que estava suspenso a dentro do convez.

E a tripulação, num mau inglês cuja pronuncia e constração divergiam segundo a nacionalidade de cada qual, aconchegavam-se uns aos outros, como medrosos, contemplando um rasto de fogo a deslisar no extremo dos mastareus lá no alto dos mastros.

Distanciei-me como quem pouco se preocupava do fenómeno. Supersticiosos, na intenção de proteger-me, chamaram-me para mais perto.

Então procurei explicar-lhes que no fenómeno que tão mal os impressionava, nada havia de extraordinario nem sobrenatural.

Disse-lhes que aquilo era conhecido pelo nome de Fogo de Sânt'elmo, e se fundava no chamado «poder das pontas» que em fisica se mostra, experimenta e repete quantas vezes se quer.

Hesitaram, porque não compreenderam. Então trepei ao mastro grande e, lá muito alto, já próximo do último mastaréu por cuja ponta a electricidade se ia escoando, falei-lhes.

Pareceu terem ficado satisfeitos, e principiei a merecer alguma consideração entre os marinheiros da prôa.

Naquele tempo ainda os mares do Sul eram muito pouco transitados.

Dias e dias se passavam sem se avistar uma véla, e muito menos um paquete.

Por isso mesmo, dobrado o golfo da Guiné, já com a prôa ao Sul, era muito frequente os veleiros meterem-se de noite na aragem, quando ela corria branda, amarrarem o leme e deitarem-se todos a dormir, até mesmo os que estavam de quarto.

Assim se fizera na nossa barca onde só eu não consegui adormecer, preocupado com a hipótese aliás muito possivel de um abalroamento.

De ha muito tinhamos sahido da zona das tempestades. O mar estava muito chão; a brisa, porem soprava forte e a noite era escurissíma, porque nem lua, nem sequér estrelas tremeluziam.

Tambem o marinheiro de vigia se deixara adormecer. Por felicidade de todos era eu quem me conservava desperto.

Precisamente no instante em que a terrivel hipótese mais me absorvia os pensamentos, pareceu-me distinguir na negrura da noite uma sombra imensa ainda muito mais negra, que a insuficiente vigilancia de bordo não permitira divisar.

Logo conjecturei que um outro navio, de faróes apagados, vinha sobre nós pela ilharga, acossado pela aragem.

Empertiguei-me; fitei os olhos.

Então, certo do perigo, vencido pelo terror e impulsionado pelo instincto da propria conservação, corri por todos os lados n'uma carreira desvairada, bradando em voz tão alta quanto os orgãos vocais m'o permitiam:

— Álerta! navio por estibordo!

Pelo desusado do grito, logo todos subiram para o convez. O piloto de quarto, ainda estremunhado, ao compreender o enorme perigo já iminente, de um salto apoderou-se do leme, soltou a roda e fez uma manobra com que por instantes livrou o navio e salvou-nos as vidas.

Seguiram-se rápidas as vozes de comando adequadas ao momento, tendo tanto reboliço conseguido pôr a postos sobre o convez toda a tripulação que estava nos camarotes, inclusivè os tres restantes pilotos e o capitão.

Dali a um minuto, a barca d'aço com que estiveramos pouco antes em risco de abalroar, já se afastava de nós pela alheta, havendo a bordo bom regosijo.

Os meus companheiros abraçaram-me. Pela primeira vez nesta viagem mereci um sorriso do piloto.

Na noite imediata fui tirado da prôa e mandado para um camarote a meia nau.

Subi um degrau na consideração geral!

Como era de uso, os tripulantes ignoravam o destino do navio, segredo que não sahia do comandante e talvez do primeiro piloto.

Sabia-se que se andava em busca de baleias cujos bancos só aos velhos lobos do mar era dado conhecer.

— Vamos para o sul com rumo á ilha de Ascensão, preopinavam uns.

— As baleias já desertaram d'ali, tornava outro. Agora o melhor banco fica-nos muito mais ao sul, lá para as bandas da ilha de Tristão da Cunha.

Inesperiente, mantinha-me muito calado a ouvir para aprender.

Mais tarde veiu a saber-se que efectivamente demandavamos Tristão, já numa latitude muito mais austral do que o Cabo da Boa Esperança.

Tinha a viagem, portanto, de ser muito longa e pouco próspera, pois não havia meio de encontrar-se nem sequér um baleote.

Isto era grave, porque a tripulação ao largar de New Bedford, fôra contratada apenas com percentagem sôbre a quantidade de azeite de baleia que o navio fosse envasilhando e remetendo ao porto da procedencia durante o ano e meio de exploração no oceano. Tinham uns de ganho um quarto de barril, outros meio, outros um, outros dois em cada dez, cincoenta ou cem barris, conforme os contratos.

Durante a derrota cada marinheiro ia levantando roupas e pedindo dinheiro nos portos de desembarque e refresco, tudo á conta dos lucros, o que só se apuraria no fim da viagem redonda.

No caso de haver prejuizos, corriam estes por conta dos armadores, e os débitos da tripulação ficavam cancelados para sempre.

Os que mais viriam a perder com a escassês dos cetáceos eram, principalmente, os pilotos e o capitão Gilbert, pois a esses cabiam maiores percentagens.

Por isso, o primeiro piloto, por ordem de Gilbert, fizera uma fala prometendo cem dollars áquele que primeiro avistasse um desses animais.

Dito e feito. Cada qual durante o dia buscava posição nos mastros para vigiar baleia.

Sorriu-me a promessa e tambem trepei a um mastaréu dos mais altos, para melhor avistar de longe o repuxo do monstro dos mares.

A' tarde, porém, descìamos, e depois da refeição, juntavam-se todos a contar histórias e a narrar lendas correntes nas suas terras.

Já familiarisado com os companheiros de prôa, não só confirmava e aplaudia as curiosas narrativas dos Italianos, Irlandêses e Alemães, como acrescentava esclarecimentos às lendas por eles reproduzidas e narrava muitas outras principalmente de Portugal — história propriamente dita e contos.

Tanto isto interessava que já da ré vinham às vezes escutar, aproximando-se os pilotos e de quando em quando o próprio capitão Gilbert.

E com isto sentia-me eu subir, subir sempre no conceito e consideração dos que me rodeavam, a ponto que inesperadamente, sem que o solicitasse, fui dispensado do serviço de magarefe.

Dormida a noite depois de terminado o serão das histórias, no dia seguinte lá voltavamos para os cestos de gávia, vergas e mastaréus, a vêr qual primeiro avistaria a desejada baleia que eu próprio tambem desejava, ainda mais pelo anceio de assistir a toda essa interessantissima manobra da perseguição, arpoamento, esfola, fabrico e envasilha-

mento do azeite, do que pela fascinação dos cem dollars, que então não chegavam a valer cem escudos, da nossa moeda actual.

E os dias pareciam-nos eternos; sucediam-se interminaveis, monótonos, aborrecidos, já que nem a surprêsa de uma baleia nos fôra dada.

De uma vez, porém, já dobrada a ilha de Ascensão, e ainda muito mais para o sul, uma voz rouca mas muito vigorosa, clamou lá do alto de um dos mastros, apontando para o espaço numa determinada direcção:

— *There she blows!* lá sopra ela!

E' indescriptivel o que se passou naquele instante. O brado produzira uma como convulsão geral de entusiasmo, uma excitação nervosa que arrancou o cozinheiro à cozinha, o dispenseiro à dispensa, os pilotos e capitão aos seus beliches onde descansavam. Os marinheiros e trancadores imediatamente desceram dos mastros ou deixaram os seus lazêres para só cuidarem do que mais importava — a baleia!

III

À caça da baleia

Ha bons cincoenta anos a caça à baleia não se fazia como actualmente. Talvez esse facto seja o que venha a dar algum interêsse a êste capítulo.

O progresso com os seus infinitos recursos já consegue de bordo e a grande distância dar caça ao gigante cetáceo que no meu tempo só era dominado pelo homem ao fim duma lucta dificil, quási de corpo a corpo, em que às vezes alguns dos tripulantes perdiam pernas ou braços que o cabo do arpão amputava, quando uma rabanada do monstro ferido não despedaçava os botes dos trancadores que a remos se tinham atrevido a ir ao combate.

A bordo da «Platina», ao simples brado de «Baleia à vista!» cada qual fôra imediatamente ocupar os seus lugares dentro das respectivas balieiras, pequenos botes adequados, suspensos dos turcos durante a viagem, e todos munidos de caixa d'ar a fim de voltarem sempre à posição natural, por maiores que fossem as vagas do mar e os solavancos a que estavam sujeitas no ardor da peleja.

Dentro de cada bote havia um como arsenal de armamentos e um como armazem de víveres a prevenir a eventualidade de perder-se de vista o navio.

Aos lados, tudo preso com escápulas e cordinhas, viam-se arpões, cróques, machadinhas, remos curtos e um trabuco de bronze, além de projecteis adequados, cheios de metralha e munidos duma espécie de ventoínha com qustro pétalas a servir-lhe de hélice para reforçar a capacidade de penetração.

A' ré estava cada barquinho provido duma ancorêta de agua e um balde de tampa cheio de bolachas e muito bem calafetado, além duma pequena bussola segura em logar bem visível.

Ao meio, enfim, como parte obrigada e indispensavel, uma grande cêlha contendo um cabo grosso e muito comprido, metódicamente enrolado, por maneira que uma das pontas estivesse rijamente agarrada ao fundo da cêlha, e a outra engatasse no cabo do arpão.

A cada barquinho competiam quatro marinheiros remadores, um piloto ou quem o substituisse ao leme por ocasião da faína, e um trancador à prôa, empunhando o arpão.

Já me fôra prèviamente indicado o bote do terceiro piloto onde logo embarquei.

No mesmo instante desceram as balieiras dos turcos, indo cair sobre a agua com estrondo. E eu de pé, como se fôra velho lobo do mar, não perdia por um momento toda a manobra para mim não menos estranha do que curiosa.

Só receiava que me mandassem remar, porque

nisso eu fraquejaria por falta de forças para manejar o remo.

Ainda nos ficava muito longe a baleia. Mal se lhe avistava quasi no estremo do horisonte o repuxo de água com que a sua presença se anuncia.

Durante algum tempo remaram os botes, enquanto a barca amarrara o leme, encolhera o pano e deixara-se ficar de capa, apenas entregue ao capitão Gilbert que ėm cima, de binóculo assestado, vigiava o desenvolvimento do combate prestes a travar-se.

Quando já mais próximos, o piloto mandou que se recolhessem os remos, e que não se fizesse o menor barulho.

Os marinheiros sacaram de dois remos muito curtos a lembrar os dos pretos nos rios africanos, e principiaram a padejar tão serenamente quanto possivel.

Estavamos muito perto do monstro cuja pele negra do dorso quasi roçava por nós, lodosa, escorregadia. O piloto de pé, mesmo à prôa num equilibrio de pasmar, aguentava em posição o arpão, preso ao fundo do bote pela corda de muitas milhas enroladas na cêlha, e dirigia a manobra, fazendo sinal para avançar, recuar ou torcer o rumo para a direita ou esquerda, procurando a melhor posição para arpoar a baleia.

Identicas manobras realisavam os outros botes, por modo que o monstro achava-se descuidosamente e sem dar por isso, no meio dos seus mais temiveis inimigos.

Havia o que quer que fosse de imponente naqueles instantes em que cada piloto desenvolvia o máximo das suas faculdades para ser o que primeiro lançasse eficazmente o arpão.

Viveram-se momentos de anciedade, durante os quais, ignorante mas ávido e curioso do que iria passar-se, os meus olhos oscilavam dentro das órbitas num constante relancear para todos os lados.

Coube ao piloto do meu bote a gloria de arremessar o arpão ao flanco do cetáceo, que, ao sentir-se ferido, logo mergulhou, obrigando as muitas milhas de cabo a desenrolarem-se não em minutos, mas dentro de poucos segundos!

Este era o instante em que podia e às vezes acontscia aos antigos balieiros, ficar-lhes amputada mais ou menos cerce a perna ou braço daquele que se deixasse enliar na corda.

Esta, ferindo lume na calha metálica por onde encarreirava à prôa, desenrolava-se vertiginosamente a ponto que parecia tão ferida como a própria baleia, e atraz dela ia correndo.

Não podia o cetácio aguentar-se muito tempo debaixo dagua. A' proporção por que vinha subindo para respirar, assim nós iamos recolhendo e arrumando o cabo dentro da cêlha, para nova arremetida que não se fez esperar.

Quando assumou à superficie, logo o piloto lhe vibrou segunda arpoada com que as aguas se tingiram novamente de sangue. A fuga, porém, já não fôra tão precipitada.

Ao tornar à flôr dagua, já um pouco esmaecida,

foi-lhe dado o golpe de misericordia. O projectil do trabuco, cheio de pregos e mais sucata, e impelido pela ventoinha, ao penetrar-lhe nas entranhas, explodiu, devendo ter-lhe despedaçado os intestinos.

Os demais botes acercaram-se da victima, engataram-lhe cabos e à força de remos a vieram rebocando até ao costado da barca «Platina».

Então assisti à imensa faina em que eu próprio, quando menos o esperava, tive de entrar como protogonista.

Fôra o monstro encostado ao navio. Tornava-se necessario, porém, amarra-lo, tê-lo bem seguro para proceder-se mais ràpidamente à esfola, porquanto os tubarões ao redor contavam-se por dezenas, se não centenas, que por ali andavam com o engodo da gordura que se escoava da esvaïda baleia.

Fóra da barca, em sentido horisontal, foram dispostas três tábuas grossas e muito compridas que armaram em quadrilongo.

Sem que me fôsse dado adivinhar para quê, logo a tripulação lhe saltou para cima, armada de uns compridos paus, como os dos croques, tendo na extremidade inferior uma especie de formões imensos e muito afiados, que impropriamente chamavam *spiders*.

Atrevi-me por uma das tábuas, e olhando para baixo, através da transparencia das aguas, notei que uma infinidade de tubarões se agitavam numa quasi desesperada lucta de sofreguidão e voracidade, virando alguns o branco ventre para cima, a fim

de mais facilmente chuparem com as grandes e recuadas bocas aa gorduras que escorriam.

A breve trecho o piloto de serviço ordenou-me que me despisse para mergulhar. Obedeci não sem algumas preocupações que mais tarde com o hábito vieram a desaparecer.

A ordem era imergir nas aguas e engatar a baleia pelas barbatanas.

Então compreendi por que motivo, ainda antes de admitir-me a bordo, o capitão me perguntara se sabia nadar.

— «Como um peixe!» fôra nessa ocasião a minha resposta decidida.

Era chegado, pois, o momento de dar as minhas provas.

Mais por espírito de curiosidade do que movido de terror, pois sentia-me disposto a jogar a vida, se tanto fosse necessario, ainda aventei uma pergunta:

— E os tubarões?

— Nem um só te apanhará! foi a resposta do piloto. Não vês o *stage* armado e a gente toda em linha com os seus *spiders* em posição e bem afiados?

No mesmo instante, ligeiramente lingado como se fosse um fardo, desceram-me para o mar, munido de um furador e uma faca que meti entre os dentes.

A meu lado simultâneamente vi que tambem descia uma corrente de ferro com engate na ponta.

Liberto da linga, iniciei o serviço, tomando a mim o fôlego para melhor me aguentar no mergu-

lho, furando e engatando a corrente muito mais depressa do que aqui se descreve.

Os tubarões rodeavam-me, faziam evoluções para arremeter, mas os *spiders* da tripulação formada em cima, decepavam-lhes os focinhos como a foice derruba as novidades, e eles logo viravam o ventre para o ar, atordoados, feridos de morte, tingindo as aguas com o sangue em que se esvaïam.

Rápido despachei o trabalho. Eu fizera o primeiro furo, ainda um pouco apavorado pelo insólito e ameaçador espectáculo; ao segundo e último, porém, já principiara a sentir-me um pouco mais à vontade mesmo no mergulho, pela satisfação de ir vendo sucumbirem, uns após outros, os vorazes inimigos que ameaçavam arremeter.

Engatadas as correntes nas barbatanas, concluido ficou o serviço e içaram-me.

Durante todo o tempo que estivera mergulhando, tinham a bordo improvisado para servir como de guindaste, uma espécie de cábrea ou macaco com uma corda metida num cadernal dependurado no alto, na extremidade do pau do latino.

Os ovens haviam sido todos muito bem calafetados e as escotilhas abertas.

A meia nau havia uma instalação servida por duas grandes fornalhas cuja serventia nunca conseguira desvendar. Lá estavam alguns limpando as bocas daquele como gigante fogão, enquanto dos porões iam outros trazendo muitas aduelas, arcos de barril e dois imensos caldeirões de cobre.

O tanoeiro levantava o vasilhame e rebatia os

arcos com marteladas insuportaveis. Desciam os pilotos ao dorso da baleia a indicar o sítio mais conveniente para traçar o córte por onde a manta do toucinho teria de ser içada e metida a bordo.

A faina era movimentada e ensurdecedora. Todos desempenhavam os serviços que lhes incumbiam numa azáfama própria de quem não desejava dar aos tubarões o tempo de chuparem o azeite cuja percentagem constituia o ganho.

Principiaram as fornalhas a fumegar, e a manta de toucinho, já engatada em dois ferros, ia-se desenrolando do cetácio e era trazida para o convez onde se procedia a interessantissimas e muito movimentadas operações.

Esquartejavam uns em bocados o toucinho que por todos os póros distilava gordura. Esses pedaços eram levados para dentro dos caldeirões já fumegantes em cima das bem atiadas fornalhas.

Quando já feitos em torresmos, eram atirados para o convez donde, com o nome de *scraps*, os deitavam ao mar.

O azeite, já fervido e pronto, sahia dos caldeirões para um grande funil de folha, fixo e ligado a um comprido tubo de borracha que o conduzia aos porões, onde outros tripulantes iam enchendo os barris já armados e postos nos seus logares.

Durante toda a labuta que durou mais de quarenta e oito horas, ninguem, absolutamente ninguem dormiu a bordo, ocupando cada qual o posto que lhe pertencia nas árduas tarefas da caça, reboque, esfola, recolha e derretimento das banhas.

Nem o fabrico do azeite impediu um outro serviço quasi simultâneo, em que inesperadamente tive de tomar parte.

A baleia que tinhamos fisgado era daquelas que, embora muito mais raras, dão maior rendimento em virtude da massa encefálica ser constituida pelo chamado espermacete.

Como alheio ao que se passava, mas redobrando de atenção por espírito de curiosidade e anceio de saber, eu vi que se estava procurando decepar a cabeça do monstro, a qual, com o auxilio do guindaste, ficou em suspensão, com a boca e dentes para baixo.

A's duas extremidades de uma corda enfiada no cadernal, amarraram dois baldes de ferro com as respectivas pás, de modo a formar uma espécie de vai-vém.

Mal sabia eu o papel que me estava reservado em todas estas manobras que até então só pela estranhêsa me estavam interessando.

— Despe-te! disse-me o piloto.

Só então principiei a compreender. Já completamente nú, fui descido para dentro da gigante cabeça do animal, onde, enterrado em gorduras, me conservei padejando espermacete para dentro dos baldes que andavam para cima e para baixo, por modo que, quando um subia para despejar, já o outro descia para encher.

Reminiscencias de uma mocidade que não mais voltará, ainda que a tiroidêa do macaco venha a tornar-se uma realidade prática para o rejuvenescimento da velhice!

Como o passado nos sorri, por mais afadigoso que tenha sido, quando o avistamos à distancia de setenta e mais janeiros!

Não fôra possivel concluir-se a faina toda em dois dias. Precisas fôram tambem duas compridas noites, durante as quais o aspecto do conjunto era deveras maravilhoso.

O navio amarrara o leme, e soltas as velas e postas em cruz, batiam com a briza, dando uns estálidos misteriosos.

Nada mais se via, a não ser o clarão das fornalhas muito atiadas e algumas labaredas a trepar em volta dos caldeirões, assim iluminando todo o velâme pendente das vergas e impremindo nos rostos uma vivissima côr de fogo.

As nossas sombras projectavam-se, compridas e fantásticas como duendes, ao correr da superficie do convez. O próprio mar, aclarado em volta da barca, parecia ás vezes trazer-nos a sua colaboração com o monótono marulhar das ondas.

Quando os serviços estavam concluidos, já abandonada a esquelética carcassa da baleia, tudo então voltou á normalidade.

A ordem de trabalhar fôra substituída pela de dormir.

Todos a acataram, excepto eu que, vencido pela insónia e absorto em cogitações, embora infimo dentro do navio, continuava a sentir-me pelo saber e pela educação, infinitamente superior a tudo e a todos que me rodeavam.

IV

Incidentes e excursões

O banco balieiro de Tristão da Cunha não fôra dos mais felizes, pois só nos dera noventa barris de azeite e algum espermacete.

Nem o capitão Gilbert, velho lobo do mar, prático de todos os Oceanos, se mostrava satisfeito.

Ninguem avistou daquela ilha mais do que o monte vulcânico a esbater-se como sombra negra que mal se devisasse por entre nevoeiros. Alguns passarinhos, nada mais. Passáramos ao largo!

De madrugada, feita a baldeação, Gilbert deu ordem para virar o leme e aproar ao norte.

— Santa Helena! anteciparam alguns trancadores mais práticos dos bancos de baleia.

Ao ouvir, sorriu-me o pensamento de poder talvez pôr pé em terra de tantas recordações, não só para os portuguêses que a descobriram, como para holandezes e inglêses que sucessivamente a ocuparam.

E os dias seguiam-se uns após outros, ora com

aragem mais rija, ora com calmaria que nos detinha no meio do mar, entretidos a ouvir o espancar das velas nos mastros.

Cada qual ia-se entretendo a trabalhar de torno, á líma, á serra ou ao formão, plaina, verruma ou martelo, porque de tudo havia a bordo.

Uns fabricavam estantes, banquinhos de madeira ou poltronas de baloiço para viagem. Entretinham-se outros a fazer dos dentes da baleia cabos de bengala em forma de bolas, bicos, pernas de gente ou carantonhas de marfim, que em terra se vendiam bem.

E eu que não sabia trabalhar ao torno, entretinha-me a ler tudo que se me deparava. Na câmara e nos camarotes do Capitão e dos Pilotos, cuja limpêsa e arranjo me estavam confiados, eu conseguia livros e jornais vários com que muito me entretinha e avigorava os conhecimentos.

Decorridos já bastantes dias, desenvolveram-se chuvas torrenciais que os práticos diziam ser indicio da aproximação de Santa Helena.

Sentia-me exultar de contentamento. A pouco trecho, o homem que estava de vigia para avistar baleia, gritou lá do alto: — Terra!

E todos corremos á amurada, fazendo das mãos pála para melhor distinguirmos o que ainda vinha muito longe. Entretanto a barca ia aproximando-se.

Já os passarinhos esvoaçavam chilreantes por entre as vergas dos mastros, e a rebentação do mar, vulgarmente conhecida pelo nome de calema, formava-se ao largo em rôlos que avolumavam de

instante a instante, indo desfazer-se em grossos vagalhões de espuma lá muito ao longe, de encontro á praia e ás escarpadas costas.

O navio parecia dirigir-se pelo lado mais ocidental, em direitura a Jamestown, a única povoação importante da notavel ilha.

Fica a cidade entre uma grande aberta de montes, e constava então de casas baixas, mal telhadas. As grandes chuvas produziam ali frequentes enxurradas, destas que levam as habitações, e cheias onde muita gente e gado se afogam.

Quantas memórias nos avivou a presença daquele logar onde á chegada logo fundeámos! Lá se avistava a distancia o monte Halley, escolhido pelo sabio deste nome para observar a passagem de Mercúrio e elaborar o seu catálogo de estrelas!

Na elevação montanhosa que nos ficava á esquerda, para a qual se subia por uma ímensa rampa de pedra construida em linha recta e aos degráus, avistava-se um aquartelamento, e lá mais adeante, a muito maior distancia, os vestigios da velha Longwood, onde Napoleão I, o Grande, viera agonisar e morrer, submisso, humilhado, mas impenitente, depois de ter, como Imperador dos Francêses, desafiado o mundo e provocado guerras imensas para a escolha, nomeação e destituição de Reis, como se foram pequenas peças de xadrez!

Darwin, o mais célebre naturalista, alí fôra tambem estudar a distribuição e evolução das plantas!

Naquela ilha, acaso nas imediações mesmo de Jamestown, deveria existir a histórica Pedra-Postal,

onde os antigos marinheiros depositavam a correspondencia para suas familias nos tempos em que a navegação á véla era por ali rarissima!

Saltou a tripulação em terra para refrescar das agruras da viagem, e o capitão fretara uma escuna onde deu ordem para carregar todos os barrís de azeite depositados nos porões da «Platina», com destino ao porto de procedencia.

Concluidos os trabalhos, Gilbert mandou suspender ferro e marcou rumo nor-noroeste, evidentemente em demanda da ilha de Ascensão que, decorridos alguns dias de vento fresco e de feição, avistámos pela prôa.

Costeámo-la muito de perto sem desembarque, e logo nos fizemos ao largo, evidentemente para a grande travessia que tinha de levar-nos á America.

Ainda avistámos as armadilhas para as tartarugas que naquela época vinham do oceano desovar em quantidades imensas, que os pescadores procuravam por todos os meios apanhar em virtude do seu alto valor no comercio.

Eram inúmeros os barquinhos que surdiam de todos os lados, remando quasi silenciosamente com o propósito de não serem pressentidos por aqueles quelónios que os pescadores usam virar de costas para impedi-los de nadar.

E a «Platina» ia-se afastando cada vez mais, de vento em pôpa e vigia no topo dos mastros.

A travessia foi demorada, porque ainda se encontraram na viagem duas boas baleias que tivemos de esquartejar e derreter.

Satisfeito andava eu com o muito que já tivera ensejo de ver e aprender, tanto mais que este era o meu maior anceio e único objectivo.

Por isto mesmo me fôra facil a resignação áquilo que, devendo para outros ser motivo de desgraça, para mim constituia prazer, gôso infindo.

Uma só contrariedade, porém, ameaçava consumir-me bem depressa, no caso de não provêr de remédio, aliás bem dificil na situação deveras subalterna que ocupava a bordo.

Era o caso que, todas as vezes que eu ia ao leme, se acontecia estar de quarto o Terceiro Piloto, ao dirigir-se-me, tratava-me habitualmente por filho de uma cousa que neste livro não é lícito escrever-se, por certo a única expressão que ele sabia em lingua portuguêsa.

E' bem possivel que não conhecesse o significado injurioso do termo, nem sequér intenção houvesse de aviltamento.

Todo eu me insurgia, porém, ao ver-me assim humilhado. Tanto mais a indignação recrescia, quanto a própria consciencia a todos os instantes me proclamava bem alto as excelsas virtudes da minha ascendencia materna — uma excelente senhora, de boa estirpe, sempre digna e respeitavel madona como mãe, como filha e como esposa.

Quiz uma feliz circunstancia deparar-me recursos para impedir, até onde fosse possivel, o consciente ou inconsciente abuso do Terceiro Piloto.

Mais uma vez rebuscando á hora da limpêsa as brochuras, folhas e panfletos que a monte abunda-

vam numa estante da Câmara do Capitão, eu vi um regulamento das tripulações a bordo da marinha mercante americana.

Num dos artigos lia-se que a nenhum superior era dado desrespeitar o homem do leme. Havendo necessidade de repreendê-lo ou castigá-lo, o superior deveria manda-lo substituir. Não se cumprindo este preceito, seria tolerado qualquer desforço, até mesmo violencia em desagravo, contanto que o ofendido não largasse mão do leme.

Detive-me por instantes. Li, reli, tornei a ler com a maior atenção e procurei interpretar o espirito do artigo sob vários pontos de vista, chegando mesmo a formular as menos provaveis hipóteses.

E o espírito foi-se iluminando. Senti avigorar-se em mim a esperança de um victorioso desforço.

Durante mais de uma boa semana aguardei o ensejo de ir para o leme quando o Terceiro estivesse de serviço; até que o almejado momento chegou.

Na intenção de bem simular uma perversidade de que me sentía absolutamente incapaz, eu prevenira-me com antecipação.

A' dispensa do navio fui buscar o facalhão de que ao principio da viagem algumas vezes me servira para matar porcos e abater vitelos, e ocultei-a cuidadosamente debaixo da blusa.

Quem tal tivesse visto e não me conhecesse, logo me julgaria um bárbaro não menos temivel do que indesejavel, como se eu fôra um Diogo Alves ou um Matos Lobo de triste memória!

Meras aparencias do fingimento humano, muito similhantes ao caso daqueles que modernamente correm a ver nas fitas do animatógrafo as florestas imensas, as avalanches de neve, as montanhas de gêlo, os terremotos de cidades ou os tufões de vento no deserto, tomando como realidade os efeitos de bem dispostas cartonagens, ramaria de arvoredo seco, panos pintados para simular viagens em caminho de ferro, e outros artificios com que a ficção usa mascarar-se.

Assim quizera eu tambem impôr-me sob insinuantes embóra ilusórios aspectos. Pretendi simular uma indole roím de crueldade que nunca possuí, mas cujo êxito não se fez esperar muito.

Iam os homens de quarto todos à prôa alegremente conversando e a fumar nos seus cachimbos, quando eu fôra chamado á ré para substituir na roda do leme um outro que tinha concluïdo o seu quartel de serviço.

Na coberta e defronte de mim passiava o Terceiro que, na forma do seu habitual costume, dirigiu-se-me só pelo prazer de falar... português:

— *I say*, filho... de qualquer grossaria que o decoro não permite aqui repetír.

Não acabou a frase nem a ordem, se alguma tencionava transmítir-me.

Num assomo de cólera, no propósito do que eu nessa idade intendia ser o desagravo de minha mãe ofendida, disse-lhe em inglês enérgico e com modos violentos, mas sem tirar a mão esquerda da roda do leme:

—Basta, meu piloto! Essa palavra com que me trata comporta o insulto mais aviltante de todo o vocabulario das injurias portuguesas. Se o meu piloto me repetir o insulto, terá de pagar com a vida...

E mostrei-lhe uma ponta da faca, como a sugestioná-lo, deixando-o supôr-me capaz de uma violencia.

Para que percebesse que eu estava bem informado da regulamentação vigente, ainda acrescentei decidido, mas um pouco mais brando:

—Se o meu piloto tem amôr à vida, não mais repita a injuria. Se prefere morrer, mande substituir-me e ponha-me a ferros no porão. Não ficarei lá eternamente...

E suspendi a frase. Não me respondeu uma só palavra, nem sequér devisei n'ele um franzir de testa ou um gesto que denunciasse rancôr.

Continuou serenamente a passiar até que as horas decorreram e outro veio tomar-lhe o logar.

Tambem em fui rendido. Mal disfarçando a agitação que tanto me perturbava, voltei a repôr no seu logar o facalhão dos porcos.

Foram dois dias e duas noites de insónia, durante as quais me conservei tristonho e meditabundo.

Os companheiros estranhavam-me as maneiras e o semblante. Nada lhes contei do que se passava.

O sobressalto era permanente. A todos os instantes eu contava que me metessem no porão a apodrecer, até que numa qualquer noite inespera-

damente me colocassem á força numa tábua e me escorregassem para o mar, dando-me no Diario de Bordo como falecido de doença on desastre.

Uma noite, porém, contra todas as espectativas eu fui passado de meia náu para um beliche muito mais confortavel á ré. Dispensaram-me dos serviços de baldeação e limpeza da camâra e dos câmarins.

A tripulação estimou que assim se fizesse. Pela minha parte muito me admirei, porquanto, bem diverso do que era lícito esperar, em vez de descer, subi, subi muito no conceito dos meus superiores.

....

Decorridos muitos e longos anos, não só tinha regressado a Lisboa, como até mesmo já constituira familia, tendo trocado os ardores da aventura pela vida sedentaria do professorado.

Um dia em que abancara num «English Bar» da rua do Arsenal, pareceu-me vêr entrar o antigo Terceiro Piloto da barca «Platina»

Conheceu-me e conheci-o. Estava gôrdo, muito barbado e mais velho. Alvejavam-lhe os cabelos.

Falei-lhe com alegria e afabilidade, às quais soube corresponder de igual modo.

Os velhos tempos iam passados. Agora tratámo-nos de igual para igual como bons amigos que voltam a vêr-se ao fim de uma prolongada ausencia.

Veio cerveja, bifes e fruta. Gostosamente conversámos, rememorando o passado.

— Meu piloto, perguntei-lhe, porque não me

castigou daquela vez em que me insubordinei a bordo?

— Porque tu tinhas razão, E tambem porque nos termos enérgicos e decididos em que falaste, convenci-me que serias capaz de cumprir a tua ameaça de morte.

Desta vez ri muito; ri ás escâncaras.

—Nêsse ponto é que o meu piloto se enganou. Por vontade própria, nem sequér uma unica môsca matei até hoje!

V

No mar das Antilhas

Sentia-me um tanto aliviado das agruras do trabalho.

Durante a curta vida tivera de recorrer a vários estratagemas da diplomacia pessoal para obter melhoria e debelar contrariedades. Desta vez, porém o caso fôra muito mais grave.

Já não esgrimia apenas com Inglaterra como em São Tomé a propósito de uma salva incompleta.

Agora antolhava-se-me indispensavel realisar a confraternisação da Alemanha, da Italia e da Irlanda em proveito do pequeno Portugal de cuja nacionalidade cheguei vaidosamente a considerar-me lídimo representante a bordo da barca «Platina» cujos pilotos eram americanos, tendo por tripulantes vários subditos alemães, italianos e irlandeses!

Não sem grandes dificuldades, depois de ter durante a viagem recorrido a diversos artificios, vi por completo a realização do meu sonho, quando do castelo de prôa onde a monte, como cão, dormia sobre aduelas de barril e rolos de cordas, fui

passado para meia nau, e d'ali para a ré onde me concederam um confortavel camarote.

E tudo com o tácito acôrdo das nacionalidades que a bordo tinham representação, incluindo o Capitão e os pilotos que bem podiam considerar-se ali potencias de primeira ordem!

E enquanto com esta perdoavel pontinha de vaidade eu ia filosofando sobre o feliz ou infeliz destino das cousas humanas, arfava orgulhosamente a barca por cima das compridas ondulações do mar, açoutadas por um vento da alheta que nos impelia para as Antilhas, uma das quais parecia já despontar como sombra lá nos confins do horisonte.

Tornejámos Martinica pelo lado do norte em direcção a Dominica, pequena ilha onde o Capitão permitiu desembarque para refresco.

Fomos a terra. Numa estreita e comprida rua cujo nome não fixei, ladeada por casas de madeira com lojas servidas por creoulos, tive dificuldade em comprar linhas de coser, pois, pedindo erradamente *line* em logar de *thread*, traziam-me aparelhos de pesca com anzóis, linha, boia e cana!

Uma das lindas caixeirinhas do bairro adivinhou o meu erro e corrigiu-o, servindo-me de tudo que eu desejava.

Assim regressei a bordo com novelos, carrinhos e o mais que entendi necessario.

Não nos vexou a lição daqueles creoulos de Dominica. Muito do que sei, não o devo tanto aos Catedráticos e Universitários como ao ensinamento

de velhos e novos, adultos e crianças, pobres e ricos, ilustrados ou analfabetos, brancos, pretos ou amarelos, dispersos por todo o mundo que durante onze anos consecutivos andei percorrendo sem dinheiro, só contando com a saúde, com a coragem e com o trabalho ao serviço do estudo e do saber.

Assim munido, pois, das linhas grossas que me custaram uma boa lição, fui-me entretendo a remendar os calções do serviço cuja côr e qualidade primitiva ninguem já seria capaz de adivinhar, tantos eram os retalhos de lona e outras fazendas que, a poder de pontarelos, iam substituindo as partes esfarrapadas!

Com rumo nor-noroeste viemos a avistar a ilha de Cuba, ainda então a mais esplendorosa pérola do empório colonial da Espanha. Contava-se que o capitão iria demandar a cidade e pòrto de Havana.

Não tardou, porém, que a alegria da conjecturada visita áquela grande capital se transformasse em profundo desgosto, quando alguns dos tripulantes que tinham descido ao porão, vierám informar que o navio estava alagado e trazia agua aberta.

Imediatamente se procedeu a manobras. Trabalharam as bombas; tentou-se o calafeto.

Tudo, porém, fôra baldado. A agua subia sempre.

Com grande surpresa de todos, mandou o capitão virar a prôa à terra e desfraldar as velas todas ao vento que se tornava de feição para esta manobra.

Só então compreendi que havia transtôrno de

maior. Um marinheiro velho e prático explicou-me que a barca corria perigo de afundar-se.

Aquele aproar á terra era um derradeiro esforço para impedir que o navio soçobasse ao largo.

Nem com estas indicações me senti aterrorisado. Se era naufrágio que estava iminente, chegou a parecer-me que ele vinha muito a propósito e ao encontro dos meus ideais de aventura e educação prática obtida quasi exclusivamente a poder da esperiencia.

— Se uma tempestade no golfo da Guiné constitue um espectáculo delicioso pela grandêsa do fusilar dos raios, pensava eu, quanto mais belo deveria ser no horrivel do conjunto um naufrágio acompanhado de todos os horrores que lhe andam anexos!

E com esta leviandade de raciocinio, o que havia de ameaçador encantava-me.

A velocidade era vertiginosa. Fizera-se a bordo aquele habitual silencio, percursor das grandes desgraças.

Cada qual, por mais que procurasse aparentar serenidade, ia tomando as suas precauções. Tambêm tomei as minhas conforme poude e soube, mal descortinando com a necessária pormenorisação a naturêsa dos riscos que nos ameaçavam.

Contudo, a lembrança de assistir a um naufragio seduzia-me.

Dentro da barca ia a agua subindo, mas tambêm a costa se avisinhava, por maneira que já perfeitamente a diferençavamos nos seus detalhes.

Cada vez se revelava mais próximo o momento horrivel em que ia decidir-se da vida ou da morte dos tripulantes.

Acossada pelo vento que já então soprava rijo, foi a barca meter-se pelo arial dentro com tal estrondo, tal trepidação e tal impeto que deixou atrás de si a fluctuar nas aguas algumas lascas e bons pedaços de quilha.

Logo o navio adornou, e ao adornar, deu de banda num cabeço de rocha, por onde em turbamulta acompanhada de grande grita todos foram saltando para terra.

Na febre de salvamento, impossibilitado de manter o centro de gravidade, espojei-me de bruços e ás cegas sobre o cabeço que me foi dado alcançar, ali perdendo os dentes que se quebraram cerce pela corôa.

Em verdade não senti a mínima dôr, mas o sangue que abundantemente me escorria da bôca, logo me denunciou o desastre.

Estavamos em logar despovoado próximo de Guanabacôa. Pouca gente acorreu a presenciar o triste espectáculo.

Dadas contudo as providencias indispensaveis, logo o Consul dos Estados Unidos da América ordenou alguns concertos provisórios para o reboque da barca e promoveu a remoção dos tripulantes para bordo do rebocador que na tarde do dia seguinte nos levou pelo canal que passa entre Castillo del Morno e Castillo de Punta, atravessando a imensa bahia, até Regla onde nos foram abona-

das comedorias e alojamento durante os dezeseis dias de que a barca «Platina» precisou para receber as indispensaveis reparações.

Assim tive ensejo de visitar a formosa, importante e comercialissima cidade de San Cristóbal de la Habana, entre nós vulgarmente conhecida pelo nome de Havana, centro de toda a importação e exportação das Indias Ocidentais.

Surpreendido com a majestade dos Templos e dos Conventos, extasiado com a respeitavel vetustez do chamado «El-templete» cuja fundação remonta a 1598, penetrei no Parque de Colombo, belo mercado onde muito me maravilharam alguns dos fructos expostos, cuja maior parte me era completamente desconhecida, como a juca, a boniata, os pimentos «maranõns», os grandes morangos «cassalanas» e outros.

No decorrer dos dias fui vendo o que mais me despertava a curiosidade.

«El passeo Marti» com toda a sua grandiosidade de sabor aristocrático deveras nos impressionou pela concorrencia de pessoas e variedade de trajos.

O cais Malecon deslumbra com o seu lago a servir de oceano a um bem esculturado Neptuno.

Tambem o Boulevard Indiano era já então rasoavelmente concorrido.

Ávido de conhecer novos usos e costumes, não perdi o ensejo de visitar os bailes públicos onde os naturais se entretinham dansando o «Two Steps», então ali muito em moda, e o melodioso «Danzon»

pausado e muito lascivo, que fazia lembrar o clássico «Lundúm» de São Tomé.

Os pares, às vezes com os seus trajes locais, rompiam vertiginosos e requebrados no canto e dansa das suas «Habaneras» e «Regodons», ao som de castanholas e pandeireta!

A viação pública ainda por ali deixava muito a desejar. Os carros denominados «Guagua» muito lembravam a nossa antiga mala-posta com os seus postilhões munidos de compridos chicotes.

As «Volantas» eram uma espécie de carrinhos de praça, munidos de rodas gigantes e tirados por cavalos.

Embora abundassem por todas as artérias, não ofereciam a segurança que seria para desejar, e tornavam arriscada a travessia das ruas, a despeito de largas e ladeadas de belos e mesmo sumptuosos edificios.

Mais deleitaveis me teriam sido as excursões, se não as tivesse feito, absolutamente solitário, isolado do convivio.

Os marinheiros e trancadores evitavam-me por simples acanhamento, visto haver mudado de categoria a bordo. Não menos evitavam a nossa companhia os pilotos e o capitão que, embora com disfarce, não deixavam de alimentar um certo desdém para com aquele que tão modesta e simplesmente conseguira durante uma curta viagem de mezes transitar das coxias da prôa até aos camarotes mais confortaveis da ré.

E assim via e observava, tomando mesmo abun-

dantes apontamentos, mas sempre isolado, sempre só...

Ainda assim, como lutador que o desânimo não era capaz de invadir, alonguei-me fóra da cidade. Por aqui e por ali de noite ouvia-se de quando em quando a música deveras infernal das Bodegas, muito mais infernal mesmo do que a inferneira do Jazz-Band que felizmente ainda os americanos não tinham inventado!

Ali conversava-se escancaradamente e jogava-se La Manilla, tudo no meio de uma atmosfera viciada pelo fumo dos cigarros e cachimbos, e acompanhado de copos de agua, vinho, cerveja, fructas e «azucarillos».

Não só, porém, na «tertulia» e na «broma» aquele povo passava o seu tempo. Os campos cobertos de plantações de tabaco cuidadosamente protegidas contra a intempérie das estações com musselina branca, estendida e suspensa sobre estacas, revelavam as qualidades laboriosas daquele povo que a America de 1898 conseguiu libertar do jugo férreo de Espanha, sua antiga metrópole.

Espreitei para dentro de uma das muitas «Casas de tabaco» que por ali andam dispersas. Cobertas de colmo, possuiam muitas divisorias ou prateleiras onde se arrumavam as folhas grandes ou «capas» da primeira colheita e as folhas mais pequenas ou «tripas» da segunda, em número que ás vezes chegava a quatro centas ou quinhentas mil folhas, todas metódica e calculadamente bem arrumadas!

Tambem avistei duas boas estufas onde o tabaco era posto a secar.

Revestidas de rama de palmeira entrelaçada e cobertas de colmo, em mais de um logar dos arredores se nos depararam cabanas de camponezes, ás quais dão o nome de «Los bohios», de feio aspecto por fóra, mas confortavel e elegantemente dispostas por dentro.

De uma vez, aproximando-nos da Costa do mar, vimos que um grande número de canôas pequenas andavam bordejando em condições que se nos afiguraram deveras estranhas.

Cada uma delas pouco mais mediria de metro e meio de comprido e conduzia um homem estendido e debruçado para a prôa, com os braços de fóra, empunhando uma espécie de grande colhér de pau e um balde.

— Que andarão a fazer? conjecturei.

As canôas parecia serem de fundo chato pela facilidade com que deslisavam sobre a superficie encrespada das águas. O único tripulante de cada uma delas colhia o que quer que fosse que atirava para dentro do balde.

Pouco tardou que o mistério nos fosse revelado.

Andavam á caça de esponjas, trabalho aliás violento mas deveras remunerador, por constituir um artigo de exportação para todo o mundo.

Informaram-nos que em volta de Cuba, nos fundos baixos, havia naquele tempo mais de duzentos navios servidos por algumas centenas de

canôas, tripuladas pelos indígenas que se entregavam a este género de actividade.

Além da apanha, acrescia o trabalho da secagem, que tinha por fim torna-las claras ou escuras, conforme a sua natureza.

Seguiam-se os trabalhosos serviços da separação por côres, tamanhos e qualidades, dando que fazer a muita gente para se conseguir a exportação, que no ano em que ali estivemos, se elevou ao número quasi fabuloso de dezoito milhões de esponjas cubanas!

Tudo quanto vi na ilha de Cuba, a «Cubamacan» dos indígenas, antiga Santiago, Avé Maria e Fernandina dos primeiros navegadores, pertence hoje á historia de um passado que não regressa. E' certissimo que o progresso com todas as maravilhas da moderna engenharia tem transformado os costumes e os processos de trabalho e produção rotineira, adoptados durante os séculos que a formosa Antilha esteve sob o jugo dos seus descobridores.

E enquanto em vilegiatura barata e ociosa me distraía das agruras da viagem, iam-se concluindo as reparações mais essenciais da barca «Platina», já prestes a prosseguir na derrota cujo termo estava próximo.

VI

À procura de uma profissão

Levantámos ferro com os mesmos tripulantes que logo acudiram à chamada.

A barca saltava galharda e donairosa sobre o dôrso das ondas encrespadas. Á proporção que nos iamos afastando, esfumavam-se e desapareciam-nos todos esses arcos e pègões por entre os quais então deslisavam os «Ferry Boats» a estreitarem as relações de Havana com Long Key, ao sul da Flórida, atravez de uma imensa cadeia de ilhas e ilhotas de coral.

A pouco e pouco iam rareando os barcos e respectivas canôas dos pescadores de esponjas que por ali pululavam em busca do riquissimo produto.

A viagem ainda foi bastante demorada. Felizmente, da pôpa á proa, já todos a bordo me consagravam estima, até mesmo admiração.

Nem por isto me deixei envaidecer. Haviam-me dispensado dos serviços de limpêsa e aceio da câmara e camarotes. Já me assentavam á mesa dos

pilotos que, comigo conversavam em assuntos dos mais diversos.

O capitão Gilbert que encanecera nos trabalhos do mar, sem outro estudo que não fosse o da caça á baleia, no que se especialisara pelo exercicio durante uma vida inteira, tambem vinha conversar comigo e aprender cousas práticas de astronomia de que nunca ouvira falar.

Os calções remendados do serviço de baldeação de ha muito tinham sido postos de parte. Á conta de tolerancia consentiram-me que levantasse das provisões de bordo para uso próprio um chapeu, um fato ordinario e um par de botas.

E assim desembarquei em New-Bedford, cidade balieira no Estado de Massachussets.

A barca acostou ao cais; a tripulação foi saltando em terra e tresmalhou, cada qual em procura dos seus conhecimentos, cada qual ao seu destino, até á semana seguinte, para em dia aprazado, todos se apresentarem nos escritorios da Companhia Armadôra, a fim de receberem a percentagem estipulada nos seus contratos.

Sem conhecer ninguem e completamente desprovido de dinheiro, tornava-se-me impossivel prever qual téria de ser o meu destino.

Então como hoje, abundavam em New Bedford os portuguêses açoreanos. Dentre os varios agentes de hospedarias e pensões, que invadiram o navio a fim de engajarem os tripulantes para seus hóspedes, acercou-se de mim um deles, que falava rasoavelmente a nossa lingua, e convidou-me sem prévias explicações:

— Vem d'ahi para minha casa. Primeiro almoço ás seis da manhã com *apple-pie* (1), *sandwiches* e café com biscoitos

Estupefacto do convite, e completamente desconhecedor dos costumes da localidade, hesitei por instantes.

— Não trago dinheiro! foi a resposta lacónica e muito desolada, mas sincera.

— Isso é o menos! me tornou ele. Tens tu saúde? Queres trabalhar?

— Com certêsa.

— E' isso mesmo o que mais importa. Vamos para o meu *boarding-house* (2)! concluiu ele resolutamente, enfiando o braço no meu.

E lá fômos, não sem grande espanto e hesitação da minha parte, pois ainda antes mesmo de me ter utilisado dos bons oferecimentos do meu hospedeiro, já a responsabilidade do impossivel pagamento principiava a torturar-me o espirito.

Todavia o que se dava comigo era então frequente, usual mesmo, na America do Norte.

Aceitavam-se a crédito pensionistas desempregados que se mostrassem dispostos a trabalhar e os proprios donos das hospedarias lhes procuravam emprego, sob condição de receberem depois o atrazado em prestações, ficando o hóspede como freguez efectivo.

E o caso é que ninguem se safava sem pagar

---

(1) Pastelão de folhado com dôce de maçã no meio.

(2) Casa de pensão.

como entre nós sucederia talvez, se tal costume houvesse.

Bons oito dias passei, taciturno e merencório, quasi sem sahir do quarto, a não ser à hora das refeições, cogitando que novo rumo daria á vida.

No dia aprazado pelo capitão da Barca, embora em consciencia eu nada tivesse a receber, por me ter obrigado apenas a trabalhar pela passagem, dirigi-me aos escritórios da Companhia onde pela derradeira vez me avistei com os companheiros de bordo.

Chamados os tripulantes a um e um, ia cada qual recebendo o seu sobrescrito fechado, e retiravam-se deveras satisfeitos.

Tambem a minha vez chegou, sem que eu o esperasse, porque nada me era devido.

O sobrescrito que me entregaram continha a nota dos ganhos que voluntariamente me foram atribuidos, a conta das roupas recebidas durante a viagem e o saldo representado por noventa dollars em boas notas do Banco!

Exultei de contente! Ao retirar-me dos Escritorios já me sentia muito outro do que entrara.

Entregando metade ao dono da hospedaria por conta dos meus débitos, resolvi gastar a outra metade a visitar museus e divertimentos até onde o pouco dinheiro chegasse.

Esta leviandade dos tenros anos pouco durou. Ao sumir-se o último centimo do derradeiro dollar, voltei a pensar, d'esta vez muito a valer, na solução do meu problema económico que eu via agra-

vado por um outro de caracter psicológico deveras gravissimo.

E' que, por mais que cogitasse, não me era dado descobrir melhor emprego e mais adequado ás minhas aspirações cosmopolitas, do que o de continuar cruzando os Oceanos e os Continentes para de vista assistir ao desenvolvimento da actividade humana em todos os seus mais variados aspectos.

E no agitar d'estas abstrações do Ideal, eu vagueava por aqui e por ali, muito ao acaso, mas sem desânimo, em demanda de uma inspiração,

Amiude me perguntava o dono da pensão se eu já tinha fixado as ideias e tomado uma resolução definitiva àcerca do meu futuro, pois ele poria os seus conhecimentos e influencias ao serviço dos meus interesses que neste caso eram tambem os d'ele.

Bem desejava eu decifrar a terrivel incógnita que se me deparava como èspectro de provavel desgraça.

Sem que a coragem me abandonasse, procurei realisar uma concentração de todas as minhas faculdades num único e supremo esforço para optar pelo melhor caminho a seguir.

O problema apresentava-se-me cheio de embaraços e dificuldades que fariam sucumbir qualquer espírito menos forte.

Surgiam-me soluções numerosas, imaginárias umas, possiveis algumas outras; todas porém, dependentes de factores com que me não era dado contar.

Sem dinheiro, sem conhecer viv'alma, na contingencia de ver a dívida de hospedagem a crescer todas as semanas e o fato que vestia a ficar de dia para dia mais velho, mais coçado e mais lustroso, mal sabia eu que fazer, que decidir.

E no meu vaguear agitado por tanta dúvida e tanta hesitação, aconteceu-me passar por defronte de uns muros, de detraz dos quais surdia um edificio alteroso em fórma de grande quadrilátero e construído de azulejos vermelhos a preencher grandes caixilhos de ferro.

De duas ou três chaminés cilindricas muito elevadas saía bastante fumaceira e aos ouvidos chegavam-me rumores que denunciavam muito trabalho, grande movimentação de vagonetes que iam e vinham sobre calhas, guindastes que carregavam e descarregavam e o silvo de máquinas a vapor em plena actividade.

Detive-me a escutar. Erguendo os olhos na contemplação do edificio, li a todo o seu maior comprimento e em letras douradas tão grandes que ocupavam o espaço que mediava entre o segundo e o terceiro andar, a modo de taboleta, as seguintes palavras: — «Washington Glass C°.»

Esta grande e importantissima fábrica de vidros de Washington encravada dentro da cidade de New Bedford foi para mim uma como revelação.

Aquela simples e lacónica taboleta fixada na frontaria de uma grande fábrica poude mais em mim como sugestão do que as interminaveis torturas que ha muito eu vinha dando ao pensamento e

á inteligencia, sem que até ali me tivesse sido possivel encontrar uma solução adequada.

Longas horas me detive a contemplar aquela fábrica, a ver os torvelinhos de fumo a evolarem-se das altas chaminés, a deliciar-me com o barulho ensurdecedor da grande azáfama de trabalho e movimento que havia por detraz daqueles muros de tijolo vermelho.

E sem saber porquê ligava o presente com o passado, correlacionava os trabalhos da vidraria com os meus estudos da infancia.

Recordava-me das minhas tendencias artisticas daquele tempo. Ocorriam-me á lembrança os desenhos que em pequeno eu fazia com uma relativa perfeição, quando traçava gregas de fantasia, flores e mais ornatos para minha mãe bordar ao bastidor em lenços de cambraieta, em frônhas de almofadas de cama, em cantos de toalhas de mêsa e em saias de baixo que as senhoras ainda usavam quando eu era pequeno...

— E se eu conseguisse pôr ao serviço da vidraria os meus conhecimentos? perguntava a mim mesmo em ar de esperançosa conjectura.

Cogitando no sentido das cousas viaveis, procurei o meu hospedeiro com quem falava sem rebuço nem acanhamento, por ser bondoso e principalmente assás benévolo.

— Então? voltou ele a perguntar, pondo-me paternalmente a mão no ombro.

— A minha resolução definitiva está tomada, disse-lhe eu.

— Caspité! Pode saber-se?...

— Da melhor vontade, — tornei. E' um dever, tanto mais que careço dos seus bons esforços.

E contei-lhe todas as minhas impressões e conjecturas sugeridas á vista da fábrica.

— Perfeitamente bem! exclamou ele. Resta saber o que poderás tu lá fazer?

— Eis a dúvida.

O hospedeiro reflectiu um pouco. Instantes depois, batendo na testa, exclamou replecto de entusiasmo:

— Já descobri!

Fiquei suspenso dos seus lábios.

— Não me falaste da tua habilídade para traçar desenhos de bordados quando eras menino?

— Porque foi a verdade! confirmei.

— Pois ahi tens o teu problema resolvido. Entrarás como gravador em vidro.

— O pior é que eu não sei nada da arte...

— Aprenderás, replícou-me ele. Tanto melhor que o chefe da secção de gravúra em vidro é meu amigo velho e admitir-te-á. Embora hoje seja sábado, vais imediatamente lá com um bilhete meu de apresentação.

Dito e feito. Sentou-se a uma mêsa, e tirando um bilhete e carteirinha de papel, escreveu umas palavras simples a solicitar a minha admissão.

Depois de sobrescritar, entregou-me a carteirinha fechada, recomendando-me:

— Vai, vai já! não te demores que ele é pessoa

muito atenciosa e admitir-te-á depois de ámanhã, segunda-feira.

Depois de ter agradecido a prontidão e a boa vontade, a correr fui, exultando de contente.

VII

Gravador em vidro!

A necessidade pozera-me asas nos pés. Mais depressa do que a dizê-lo, alcancei a fábrica, que ainda assim ficava distante.

Transpuz o portão, depois de inquirir ácerca do caminho a tomar no meio daquela balburdia de carros, vagonetas, encaixotamento de vidros, agitação geral de outros trabalhos tambem grandes, complicados, mas tão metódicamente conduzidos que, no meio de toda aquela aparentemente grande confusão, predominava uma ordem inexcedivel.

Chegado ao vestíbulo do edificio, tornei a pedir indicações.

— A oficina de gravura?

— Quarto andar! explicaram-me lacònicamente, apontando-me um pequeno elevador ao centro do edificio.

Custou-me deveras a distingui-lo, porque mal se via por ser constituido por uma grande caixa de vidro que deslisava para cima e para baixo pelo sistema de cremalheira.

Naquela fábrica destinava-se cada andar a uma só oficina.

Os pavimentos apoiavam-se sobre vigorosas colunas de ferro. A fiscalisação geral exercia-se por via daquele elevador silencioso e quasi invisivel.

Puz pé na «cabine» e o elevador foi subindo. Chegado ao primeiro andar, num só relance de olhos vi todo o pessoal em grande número, a postos nos seus logares e entregues ao trabalho. Chegando ao segundo, a observação repetiu-se e então compreendi como dois únicos fiscais que se revezam no serviço, podem fiscalisar e garantir a assiduidade de bons mil operarios, pois tantos eram os que ali ganhavam a vida, produzindo e trabalhando o vidro em todas as formas, qualidades e aplicações, sem maior dispendio e tambem por maneira a não vexar os que labutam pelo pão quotidiano.

Subindo sempre, o elevador deteve-se no quarto andar onde logo me apeei.

Era a oficina de gravura. A toda a extensão do vasto pavimento, sem divisórias nem compartimentos, aguentado apenas por valentes vigas de ferro apoiadas sobre colunas do mesmo metal, havia duas boas centenas de *frames*, espécie de mesas adequadas ao serviço, e no alto corriam a toda a largura alguns veios gerais postos em movimento e servidos por tambores destinados a dar transmissão a cada uma das mesas de trabalho.

Os logares estavam todos preenchidos pelo pessoal operário que se entregava sem interrupção aos seus afazeres, abrindo, lavrando, pulindo, gravando

flores, figuras e arabescos em cópos, cálices, garrafas, pratos, pires, compoteiras, centros, jarras e mais uma infinidade de artigos da indústria vidreira.

Toda esta gente usava aventais brancos e na cabeça, como distintivo da oficina, traziam um boné, espécie de mitra em quadrado feita de papel branco às dobras.

Reportando-me aos costumes do meu paiz, supuz eu que o *boss* ou director daquela grande oficina, deveria ser pessoa muito bem posta, de colarinhos envernizados, fraque muito aprumado e modos senhorís...

Alonguei a vista por entre aquela multidão, em procura do superior.

Depois de tanto olhar, já um pouco descoroçoado de encontrar quem com tanto interesse eu procurava, perguntei pelo *boss* a um dos operarios que perto de mim estava trabalhando.

Num instante, alongando o braço, apontou-me com o indicador:

—Lá está ele. Não o vê ali mais adeante? aquele homem gordo que vai atravessando?...

E continuou na sua tarefa. Esforcei-me por avistar... Nada! absolutamente nada me foi possivel diferençar naquela profusão de bonés de papel e aventais brancos de neve.

Adeantei uns passos para melhor vêr... Ainda avancei um pouco mais na direcção indicada...

Principiei então a desesperar. Estive a ponto de desistir e retirar-me. Só o empenho de não per-

der o ensejo de empregar-me conseguiu deter me por mais alguns instantes.

Baixinho e muito a medo, inquiri de um que me ficava perto.

— E' este! respondeu-me ele á socapa e em voz de surdina, apontando-me alguem ali mesmo por detraz, com as costas voltadas para nós, dando explicações profissionais a um outro operario.

Olhei. Nem quiz acreditar que podesse ser o director de uma tão importante oficina aquele homem simples, modesto, embora um tanto gordanchudo, mas egualmente de avental branco e boné de papel dobrado.

Manuseando entre os dedos o bilhete de que era portador, acerquei-me e muito respeitosamente lho entreguei.

Abriu-o, leu-o, releu-o, e no mesmo instante respondeu-me, sem se interromper do seu serviço:

— Hoje é fim de semana. Procura-me depois de ámanhã.

Não me foi dado disfarçar um gesto de contrariedade que talvez se me revelasse no menear dos olhos, acaso no enrugar da testa ou no franzir dos cantos da boca.

O *boss* notou e soube interpretar.

— Compreendo, me disse ele. Preferias entrar definitivamente na segunda-feira?

— E' que já devo muito no meu *boarding-house!* expliquei cheio de acanhamento.

Sem mais me responder, sacou de um cartão

de visita contendo o nome e a morada, escreveu-lhe a lapis um sinal que não percebi e entregou-mo com estas lacónicas palavras:

— Toma. A'manhã ás três horas da tarde em minha casa.

E assim me despediu, sem ter interrompido o serviço!

....

Naquela noite dormi pouco. A hesitação, a dúvida e as interminaveis conjecturas do que estava para vir, perturbavam-me o sôno.

O dia seguinte alvoreceu risonho e cheio de sol. Depois do almoço que aos domingos costumava ser mais tarde, escovei cuidadosamente o fato e o chapeu que já iam estando um pouco usados, tomei um carro de carreira, ainda então sobre calhas mas puxado a muares, e dirigi-me ao local indicado — Washington Street — já fóra e longe da cidade.

Na altura que me pareceu mais conveniente, mandei parar e apeei-me.

De bilhete na mão percorri de baixo para cima e de cima para baixo aquela parte da rua onde deveria existir a casa do mestre da oficina.

Olhei com atenção para um e outro lado. O número procurado lá estava, sem que eu, contudo, quizesse capacitar-me de que aquela deliciosa vila de taboado liso, pintado e polido, servida por um gradeamento e jardim á frente, com portão envidraçado a côres e janelas de recortes artisticos, telhado em finas ardósias, goteiras de luxo e mais confortos, podesse ser a residencia daquele homem

que na véspera eu encontrara na oficina a confundir-se com todos os outros operarios.

Desenganado, visto o número da porta coincidir com o do bilhete, para melhor me certificar, puxei um botão metido dentro duma carranca de boca escancarada, em fantasia metálica a servir de campaínha.

Uma criada nova, muito bem posta de avental branco bordado e cambraia engomada no alto da cabeça, veiu abrir. Tendo-lhe entregado o bilhete, logo me fechou a porta na cara, como é bom costume que nós não usamos para pessoas desconhecidas.

Dali a instantes, porém, o portão reabriu-se e a mesma creada, com maneiras muito respeitosas e delicadas, mandou-me entrar.

Assim tive acesso a um vestíbulo servido de cadeiras antigas, mesa de pau santo com amarelos e torneados, um bom candelabro pendente do tecto e duas estatuetas artisticas de ambos os lados da parede do fundo, que abria para o interior por uma espécie de biombo fixe e a toda a altura, guarnecido de vitrais de côres berrantes. O chão era em mosaico.

Devéras extasiado, mas cada vez mais crente num deploravel engano que não deveria tardar muito que se desfizesse, fui seguindo a interessante criada que me conduziu por um corredor largo e muito confortavel, ladeado de portas, até uma sala grande, formada de caixilhos altos envidraçados, servidos de cortinas de correr para melhor regular a quantidade de sol ou sombra.

Devia ser a hora de jantar. Ao centro abria-se

uma comprida mêsa posta de tudo quanto mais convinha, avultando as jarras de flôres, os guardanapos em pé dentro dos copos e em dobras de fantasía, descansos para talheres, e tudo mais quanto a civilisação tinha até então inventado para conforto e bem estar.

Três senhoras novas, interessantes, caprichosamente penteadas e vestidas com simplicidade mas bom gosto e correcção, conversavam alegres e despreocupadas, recostando-se duas num divan de bom estofo.

Detive-me cheio de acanhamento, até mesmo receio, pois persistia na ideia de um equívoco, de que a realidade núa e crua depressa veiu arrancar-me.

Senti passos detraz de mim. Voltei-me e logo se me deparou o *boss* da véspera, o mesmo chefe da oficina de gravura, que tanto me custara a diferençar no meio do operariado.

Vinha alegre, sorridente, afavel mesmo, apesar de envergar uma bela sobrecasaca em vez do avental branco do serviço, a barba feita e o cabelo primorosamente bem penteado em logar do boné de papel com que na oficina cobria a cabeça.

Dirigindo-se-me com desusada familiaridade que em nada se parecia com a friêsa e laconismo do dia anterior, pousou-me a mão sobre o ombro, e disse-me:

— Com o que então precisas de trabalhar! Talvez te arranje um bom *job* (ocupação). Que poderás tu fazer? Sabes desenho?

— Um pouco, muito pouco mesmo! respondi.

Uma grega, um canto em esquadria... talvez uns redondos e umas curvas... E pouco mais...

— Ora vamos a experimentar! me tornou ele, conduzindo-me a um outro compartimento.

Era uma casa de trabalhos gráficos. Havia lá muita claridade, e ao centro uma mesa de tábua larga, muito lisa, assente sobre pés munidos de cavilhas que permitiam altear ou baixar.

Em volta pendiam das paredes numerosos quadros de assunto inerente á gravura em vidro, e uma estante cheia de albuns volumosos que continham amostras e modêlos de desenhos.

O mestre apresentou-me lapis, papel e uma folha com desenhos vários.

Apontando para um dêles — um ornato, — ordenou-me que o copiasse.

Assim fiz, embora um pouco fóra de mim pela comoção.

Depois, indicando-me um outro — desta vez uma flôr, — repetiu-me a ordem:

— Copía agora esta rosa!

Parece ter ficado satisfeito com o meu trabalho, porque logo em seguida, puxando dum cartão de visita onde, desta vez a tinta, desenhou uma garatuja incompreensivel, ao entregar-mo, despediu-me com estas palavras:

— A'manhã comparece na fábrica às seis horas logo de manhã cedo, e apresenta-te ao porteiro com este bilhete. Conduzir-te-ão a uma casa onde dependurarás o chapeu e o casaco e receberás uma chave com uma chapa e número.

— Depois? ainda perguntei, exultando de alegria.

— Para a continuação lá estarei eu que sou quasi invariavelmente o primeiro a entrar na oficina.

A criada voltou a acompanhar-me até à saída.

*

* *

Durante boas semanas servi no meu novo emprego. Fôra-me destinado um *frame* ou banco de trabalho, e apresentaram-me logo de princípio uma boa groza de copos ordinários para alizar os fundos, tendo o *boss* o cuidado de ensinar-me qual a pedra de rebôlo de que devia servir-me, o modo de regular a água e a queda de areia, a maneira de segurar os copos, colocá-los, etc.

Em verdade, porém, pouco me era lícito despachar nêste serviço, porquanto, como empregado mais recente, incumbia-me a limpêsa da oficina, para o que tive de andar com um carrinho de mão apanhando por aqui e por acolá o lixo, os resíduos da laboração, as lascas, aparas e mais desperdicios do vidro, todo o rebotalho, enfim, que era despejado numa abertura que o levava para a montureira.

Dentro daquêle meio fabril, nem com isto tive de sentir-me amesquinhado.

Ocorreu-me que Edison, o grande inventor moderno cujo nome enche o mundo, em nada se deslustrou com ter sido na sua mocidade vendedor de jornais nas linhas férreas do Grand Trunk.

Tambem me lembrei do capitão Gilbert com

quem tinha servido a bordo da barca «Platina», o qual, antes de chegar ao comando supremo de navios balieiros, iniciara a carreira como moço de navio, donde pelo esforço e assiduidade conseguira elevar-se a marinheiro, d'ali a trancador, depois a piloto.

Não só o *boss* da oficina de gravura, mas até mesmo o *manager*, director geral de toda aquela imensa fábrica de vidros, todos enfim que ali chegaram a ocupar empregos de maior vulto e importancia, tinham iniciado a carreira industrial, ocupando os logares ínfimos donde pelos seus próprioa méritos podéram ir-se guindando, com proveito dêles e da própria indústria cujos mais recônditos segredos práticamente conheciam.

Não lhes valeram os empenhos pessoais de que na América do Norte se faz muito mais parcimoniosa aplicação do que entre nós, mas só os próprios méritos, a persistencia e a tenacidade que criam profissionais autênticos e não pintados.

Tais cogitações aliás muito plausiveis e boas conselheiras bastariam para impôr-nos uma tácita e até entusiástica resignação, prometedora de risonhas esperanças, se não fôra a nossa indomavel teimosia de palmilhar o mundo inteiro com objectivos etnográficos e linguísticos.

E assim me foram decorrendo semanas após semanas, com o salário mínimo dum quarto de dolar, tanto como dôze vintens diários tomados ao par, ou entre cinco e seis escudos modernos, considerada a actual desvalotisação da nossa moeda.

VIII

Neófito dos Anabatistas!

Um quarto de dollar era insuficiente para se viver. Nem para o quotidiano chegava, muito menos para descontar os atrasos, vestir e calçar.

Boas semanas havia já que me ia aguentando naquele pouco rendoso logar a contento de todos, menos de mim proprio e do dono da hospedaria que, pelo processo até então seguido, não encontrava meio de reembolsar os dinheiros dispendidos com a minha alimentação.

A gravura em vidro alternada com pequenas excursões de carrinho de mão até á montureira não poderia por modo algum satisfazer quem desde verdes anos idealísára completar a erudição dos livros com a prática de longas viagens aos confins do mundo.

Noite e dia incessantemente alongava-me em cogitações á busca de uma nova ideia que viesse arrancar-me de dificuldades, conciliando todos os interesses, inclusivè o meu próprio que consistia em seguir viagem como e por onde podesse.

O Atlantico fôra mais ou menos percorrido. Faltava-me, porém, avistar as regiões arcticas onde, no meu intender eu conjecturava que os aspectos mais curiosos deveriam suceder-se numa assombrosa e estranha policromia.

— Seguir para o Oriente? Como? Em que condições?

—E o Continente americano? cogítava eu. Hei-de abandona-lo, sem o percorrer? sem surpreendê-lo, nos seus mais esplendorosos aspectos? sem visitar as cataratas do Níagara, as florestas do Texas, as regiões mineiras da California?

Simultâneamente com estes temerosos e arriscados castelos de cartas que em espirito me transportavam atravez do mundo, concorriam as prosaicas e insípidas considerações sobre atrasos de vida, remendagem de roupa branca e quasi impossivel renovação de vestuario.

E assim entalado entre os devaneios dos tenros anos e as realidades da existencia, lá continuava a correr quotidianamente para a fábrica a colher os escassos quartos de dollar que semanalmente me eram satisfeitos.

Aos sábados, terminado mais cedo o serviço, ia-me a passiar por onde ao acaso se proporcionava.

A chamada South Water Street em New Bedford era então, e é provavel que ainda hoje continúe a ser, uma rua deveras curiosa, nem sempre larga, nem sempre direita, mas muito comercial, ladeada de bons prédios de madeira ou de tijolo,

com grande profusão de estabelecimentos de artigos vários, tudo na sua quasi maioria pertencente aos açoreanos.

A rivalidade, valiosa no comercio, não o era menos na febre do proselitismo religíoso. Aos sabados e aos domingos realisavam-se ali importantes sessões das várias seitas que muito livremente faziam umas ás outras leal concorrencia.

O afluxo de gente era muito grande. Devotos e curiosos apressuravam-se para não deixar de ouvir os eruditos discursos, a recitação de poesias e os belos trechos de canto e música escolhidos a capricho e anunciados com rèclame nos vários programas.

De uma vez, instigado pelo espiríto de curiosidade, andei visitando um sábado á tarde e á noite esses diferentes recintos, onde com dificuldade se podia entrar, tal era o apertão devido ao número de frequentadores, sectários ou simpatizantes.

Aqui era uma Sinagoga Israelita, no lado opôsto uma Mesquita Árabe, mais adeante uma reunião de Ortodoxos Gregos, acolá os Católicos Romanos.

Espreitámos umas e outras, metendo o nariz onde o apertão deixava e o porteiro consentia.

A uma porta por onde se entrava para os sectarios de Calvino, seguia-se uma outra que dava para os de Lutero. Cada qual em discursos mirabolantes apostolizava as doutrinas do seu crédo e verberava as do visinho da porta ao lado, mas cortezmente, em termos de correcção, procurando sempre encontrar argumentos favoraveis aos principios que pretendia defender.

Alguns passos mais longe diziam da sua justiça os Metodistas, o mesmo fazendo os da Igreja Evangélica que ficavam na casa contígua.

Acerquei-me de um d'estes templos que aconteceu não ser de Mahometanos, mas sim de Anabatistas Cristãos.

A sala era vasta e profusamente iluminada por centenares de bicos. No alto e em volta havia uns varandins onde se debruçavam senhoras e creanças em número já sem conta, a ostentar roupas de côres brilhantemente variegadas.

Fazia-se a entrada por um guarda-vento polido e de boa obra de talha. Lá dentro aglomerava-se o povo em multidão. Parecia animado de uma alegria simultâneamente repleta de recolhimento e compunção.

Senti-me acicatado por um ardente desejo, muito similhante á curiosidade de saber e compreender o que se passava para que se concentrasse tanta gente no acanhado recinto de uma capela, embora espaçosa, todos revelando anceio, esperança e contentamento.

Dados alguns passos tive de pôr-me nos bicos dos pés como se fôra um dansarino, a fim de, ainda dificilmente, poder ver e interpretar o que deante dos olhos me estava perpassando.

Olhei, afirmei-me num supremo esforço, para atingir ao significado de tão desusada aglomeração de visitantes.

Seriam prosélitos? Seriam simpatizantes?

Alongando a vista por cima de tantas cabeças,

para o que tive de suster-me nos bicos dos pés, divisei lá ao fundo uma espécie de capéla-mor ligeiramente ornamentada, onde se apinhavam numerosos cavalheiros e damas de representação.

Uma senhora estava nesse momento fazendo um discurso muito atentamente escutado. Não ouvi bem, porque me ficava muito longe, nem consegui compreendê-lo capazmente. Contudo, a julgar pelas manifestações de agrado no final, conclui que deveria ter sido uma peça brilhante da oratória sacra de alguma Anabatista fervorosa.

Seguíu-se um trecho de música deveras delicioso. Alguem preferiu umas palavras que me pareceram fazer parte da pragmática litúrgica, talvez palavras sacramentais, depois do que reparei que tinham feito tombar uma figura de homem que estava um pouco mais elevado do que os outros, e ouvi um baque como de quem cai na agua.

— Que seria isto?! perguntei a mim próprio, tomado inesperadamente por um grande susto.

Em verdade senti-me estremecer, mas logo serenei porque à queda que me parecera desastrosa, seguiu-se um romper estriduloso de mùsica e córos a muitas vozes, ao mesmo tempo que as damas dos varandins deitavam pombas e rôlas a esvoaçar pela amplidão do templo e despejavam sobre os devotos e assistentes grande abundancia de flôres.

D'ahi a instantes vi que conduziam para um compartimento contíguo o homem que cahira na agua, todo encharcado, mas envolvido em um rico manto que o cobria completamente.

E as vózes e os córos continuavam a acompanhar a harmonia dos violinos e violoncelos.

Invadiu-me a curiosidade. A' sahida dirigi-me ao guarda-portão, um gordanchudo bem fardado que ostentosamente segurava um bastão de cachamôrra em bola metálica muito luzidia.

— De que se trata aqui? perguntei muito respeitosamente.

— Pois não assistiu ao mergulho?! estranhou ele. Mais um neófito que veiu filiar-se na Igreja dos Anabatistas.

— Mergulho?! ainda balbuciei como apatetado.

— Sim! aquele homem que tombou...

— Empurraram-no! obtemperei.

— Certamente! confirmou o porteiro. Ele foi cahir dentro de uma grande tina de jaspe, d'onde deverá ter sahido completamente encharcado.

— Assim mesmo vestido?! ainda objectei.

— Pois nós, os Anabatistas, explicou ele, não aceitamos o serviço militar, nem concordamos com os juramentos, nem sequér admitimos o batismo das creanças. Quem quizér abraçar o nosso crédo, tem de deixar-se rebàtizar em adulto.

Com a maior atenção ia eu escutando, o que o levou a prosseguir.

— O neófito que o senhor viu impelir para o mergulho, foi no mesmo instante tirado da água. Como teve ocasião de observar, levaram-no para uma sala anexa, onde vai ser-lhe oferecida uma refeição opípara, espécie de ceia santa.

— E ele póde comer assim, todo feito numa sôpa?! ainda perguntei com estranhêsa.

— Não senhor! me explicou o atencioso en·xota-cães, tomando ares de quem se sentia orgulhoso da seita religiosa em que era simultâneamente empregado e devoto.

— Não, senhor! repetiu e continuou. Antes de lhe servirem a ceia onde a presidencia, os sacerdotes e mais convidados tomam parte, o nosso novo irmão vai ser vestido dos pés à cabeça com finissimas roupas-brancas, chapéu, calçado, pantalonas, colete e um bom casaco...

E enquanto ele ia explicando, sentia-me eu estremecer. Sugestionado pelo que ouvia e pensando nos calções que andavam a pedir-me fundilhos e no casaco já no fio a apontar-me acintosamente os cotovelos bastante ruços e quasi a rirem-se, logo me ocorreu ali mesmo fazer a minha profissão de fé...

— Concordo! disparei aparentemente entusiasmado. Concordo com a doutrina exposta. Ha muito tempo, bem me queria parecer que eu era Batista sem o saber! Foi uma inspiração divina que me trouxe a este santo tabernáculo!

Apertei as mãos ao meu interloculor que principiava a sentir-se correligionário.

Convencido de que tinha conquistado mais um prosélito para os seus Anabatistas, mostrou-se satisfeito.

Ao despedir-me tambem o meu fato quasi esburacado me pareceu dar signais de alegria, antevendo uma próxima e muito possivel reforma!

....

O resto adivinha-se. Obedecendo ao instinto da propria-conservação e cego de escrúpulos, devido aos ímpetos de uma mocidade ardente e vigorosa, tornei-me frequentador assiduo d'aquela confissão religiosa, que sob o ponto de vista da Fé, não me interessava mais nem menos do que todas as outras.

Numa aparencia de hipocrisia que em mim apenas mascarava uma necessidade económica tão imprescindivel como inadiavel, eu assistia a todos os oficios divinos, lia ou fingia ler a Biblia e fazia côro com os outros devotos na cantoria de alguns versículos.

E assim lutando com o meio pela maneira que as circunstancias me proporcionaram, a pouco e pouco fui insinuando-me, até que me chegou a vez e a sorte de tomar o sagrado mergulho dos Batistas, com o que fiquei vestido de ponto em branco...

Chegara tambem o momento de tomar deliberações definitivas a respeito do meu destino...

Iam sahir varias embarcações para a Terra Nova Pelo porto bordejavam uns barquinhos onde apenas dois homens cabiam em cada um. Chamavam-lhes *boris* e pertenciam aos navios que se destinavam á pesca do bacalhau.

Nova miragem me sorriu.

— Depois de ter caçado baleias no Atlantico, perguntava a mim mesmo porque não iria agora fazer uma visita ás regiões árcticas ? !

O essencial era que me aceitassem como tripulante...

Tomada a resolução, procurei o meu hospedeiro e disse-lhe:

— Queira matricular-me em navío que faça adeantamentos, a fim de pagar-se do que lhe devo.

— Para onde queres tu ir?! perguntou-me no auge do espanto.

— Para o Norte, para a pesca do bacalhau!

INDICE

I PARTE

Os primeiros passos

II PARTE

No Continente Negro

III PARTE

Através do Atlantico

OBRAS DO AUTOR

A Instrução Oficial — Carta a Antonio Rodrigues Sampaio. (Esg.) — Folheto.

A Nova Inquisição — ou **O Directorio Republicano e os seus actos perante a opinião publica.** (Esg.) — Panfleto.

Consequencias de um Sim — Comedia em 1 acto. (Esg.)

Mistérios da Loucura — Romance Social (Esg.) — 4 volumes.

Misérias de Lisboa — Romance. (Esg) — 9 volumes.

Angola — Ensaio de Coragrafia — 1 volume.

Costumes Angolenses — 1 volume.

Lingua de Angola — Tentativa gramatical — 1 volume.

Linguas d'Africa — Ensaio filológico — 1 volume.

O Continente Negro — Estudo historico — 1 volume.

O que é ser Socialísta — (Esg.). Folheto.

A Burla Capitalista — Critica da sociedade contemporânea. (Esg.). 1 volume.

Astronomia Social — (Lições de Cousas) com fototipia e rúbrica do autor — (Esg.) 2 volumes.

Patria e Conversão — Folheto.

A Inglaterra perante a Civilisação — (Conferencia publica) — Folheto.

O Inglês Comercial — 1.ª e 2.º ed.) — 1 volume.

O Inglês em oito mêses — Prática e segredos da lingua inglêsa. (Estão publicados dez fasciculos).

Atravez do Reino Unido — Notas de viagem — (Esg.) 1 volume.

O Japão por dentro (com prefácio do prof. Teófilo Braga — 1 volume.

A Russia por dentro (com prólogo do prof. Consiglieri Pedroso) — 1 volume.

O Negativismo — Viagem aventurosa nas regiões do Ideal, com uma apreciação sintética do prof. Miguel Bombarda — 1 volume.

O Socialismo no Parlamento (Excertos, fragmentos e discursos) — 1 volume.

Historia Geral dos Adagios portugueses — com um estudo preambular do professor Agostinho Fortes. — 1 volume.

EM PREPARAÇÃO

Viveiro de anexins — Reconstituição da historia geral por meio dos adagios.

Dicionario de Correspondencia Comercial inglesa — (Obra indispensavel em todas as casas comerciais, agencias e Companhias de Portugal e Brasil, assim como na carteira de todos os empregados do Comercio, pelo muito que facilita a correspondencia).

PRONTO A ENTRAR NO PRELO

Memorias e Aventuras — Contendo excursões no Circulo Polar Arctico e a travessia do Atlantico ao Pacifico pelo interior dos Estados Unidos.